

O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER

Filomena Sousa
José Barbieri



CÂMARA MUNICIPAL
Alenquer

Filomena Sousa
José Barbieri

O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER



Vereação da Cultura - Unidade Técnica de Potencial Local

MEMORIAMEDIA – e-Museu do Património Cultural Imaterial
www.memoriamedia.net

Título: O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER

Autores: Filomena Sousa e José Barbieri

Produção: Câmara Municipal de Alenquer
Vereação da Cultura
Unidade Técnica de Potencial Local

Coordenação de Projeto: Câmara Municipal de Alenquer
Rui Fernando Costa
Filipe Soares Rogeiro

© 2016 Memória Imaterial CRL

Imagem capa: Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016)

Fotografias: Memória Imaterial CRL/António Rodrigues Guapo/Inácio Silva

Edição: Memória Imaterial CRL. Rua da Colectividade 4, 2580-258 Alenquer

www.memoriamedia.net

ISBN: 978-989-99397-2-1

Distribuição online: Memória Imaterial CRL

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

PARTE I

O PINTAR E CANTAR DOS REIS EM ALENQUER.....	3
A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS.....	3
OS PINTORES - OS SÍMBOLOS, AS CORES E AS TINTAS.....	5
OS CANTORES - O APONTADOR, O CORO, AS LETRAS E A MELODIA.....	9
O PEDITÓRIO, A MISSA E O ALMOÇO	14
OUTROS PINTARES E CANTARES DOS REIS	15

PARTE II

A ORIGEM E HISTÓRIA DO PINTAR E CANTAR DOS REIS.....	17
--	----

PARTE III

O PINTAR E CANTAR DOS REIS – O PARTICULAR E O DIVERSO	25
---	----

CATÉM.....	25
CASAL MONTEIRO	37
MATA	46
PENAFIRME DA MATA.....	56
OLHALVO.....	64
OTA.....	73
CABANAS DE TORRES	82
PAÚLA.....	88
ABRIGADA	94

BIBLIOGRAFIA	101
ENTREVISTAS CITADAS E REGISTOS ETNOGRÁFICOS	103
ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS.....	105

ANEXO 1 - MAPA - O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER (2016)	107
--	-----

O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER

INTRODUÇÃO¹

No jornal *A Verdade* de Alenquer, em 1970, António de Oliveira Melo descreveu o Pintar e Cantar dos Reis no concelho de Alenquer como uma prática que cruza a celebração da luz e da sombra, da vida e da morte, da exteriorização e do segredo. O autor referia-se ao modo como o Pintar e Cantar dos Reis inclui numa só prática diversos elementos: a festa, a linguagem escrita (hieroglífica e silábica do Pintar dos Reis), os ritos (naturalísticos, religiosos, de sociabilidade e de puberdade), os cantares (épicos, religiosos e petítórios) e os cultos (astrais, dos mortos e religiosos, como a Encomendação das Almas ou a Bênção das Casas). Uma celebração intimista acompanhada pela saudação e o desejo de felicidades renovado anualmente através do Cantar e do Pintar dos Reis. Uma tradição sujeita a alterações, mas que ainda hoje se mantém em várias localidades deste concelho.

Se é bem conhecida a tradição de se formarem grupos de pessoas para, durante a noite de 5 para 6 de janeiro, cantarem os Reis pelas ruas das cidades, vilas e aldeias em diversas regiões de Portugal e noutros países da Europa, o mesmo não acontece com a tradição do “Pintar dos Reis”. Esta prática, menos conhecida, tem em Portugal a sua maior expressão no concelho de Alenquer. Em 2016 a celebração realizou-se com variantes em 9 povoações do alto concelho e do sopé da Serra de Montejunto: Catém, Casal Monteiro, Mata, Penafirme da Mata, Olhalvo, Paúla, Cabanas de Torres, Ota e Abrigada² (ver mapa no anexo I). Em algumas destas localidades a Noite de Reis tinha e ainda mantém um significado mais marcante do que a Noite da Passagem de Ano (por exemplo, em Catém e em Ota). No mesmo concelho há registos de que também se cantava e pintava os Reis em mais 14 localidades: Espiçandeira, Bairro, Pocariça, Penedos, Canados; Bogarréus, Fiandal, Valverde; Calçada; Estribeiros; Atouguia, Montegil, Porto da Luz e Cabanas do

¹ Este livro segue as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, mas respeita a grafia original das citações escritas pré-acordo ortográfico ou das que não adotaram o acordo.

² Em 2016 o grupo da Abrigada decidiu não pintar porque chovia e a tinta utilizada não se fixava nas paredes (ver Parte III - secção dedicada à Abrigada).

Chão³. Nesta última localidade continuam a cantar, mas não pintam, nos outros locais a tradição não se realiza há vários anos (C.M, 1962; Melo, 1970; Melo, Guapo e Martins, 1991a e 1991b; Sardinha, 2000).

Nesta publicação descrevem-se em pormenor as atuais características desta expressão cultural e destacam-se os elementos comuns que permitem identificar o Município de Alenquer como entidade representante desta prática (Parte I). Apresentam-se, em retrospectiva histórica, informações que contextualizam os diferentes momentos da manifestação (a festa, os ritos, a pintura e os cantares), dados que explicam ou apontam direções sobre a origem e modo como o Pintar e Cantar dos Reis evoluiu até aos dias de hoje (Parte II). Por fim, descrevem-se as particularidades e sentidos atribuídos por cada grupo a esta tradição (no ano de 2016)⁴. Isto porque, mesmo considerando apenas o concelho de Alenquer, a prática é rica na diversidade dos pormenores e cheia de elementos e significados que diferem de povoação para povoação. Pretende-se assim salientar a importância dessa variedade que contribui para a riqueza da expressão cultural e tenta-se, desta forma, minimizar o perigo da generalização das práticas e da simbologia que poderia reduzir o Pintar e Cantar dos Reis a um único modelo, normalizado ou formatado, que não é de todo o que acontece em Alenquer⁵ (Parte III).

Com diferentes atributos a tradição também se mantém no concelho do Cadaval, mas apenas em duas povoações (Pereiro e Avenal) e no concelho de Sobral de Monte Agraço o costume perdeu expressão no início dos anos 70. Contudo ainda hoje, em algumas aldeias do concelho do Sobral, festeja-se os “Santos Reis” desenhando a Cruz dos Santos Reis nas fachadas das casas (cruz com a sigla “SR” e o ano da celebração) e leiloando o cargo decorado com bolos de perna e laranjas (como ainda acontece, por exemplo, na Chã) (Cunha, 2009). Uma descrição resumida da prática nestes dois concelhos é apresentada no final da Parte I.

³ Por vezes os grupos deslocam-se a outras localidades. Por exemplo, Catém e Casal Monteiro vão a Meca. A Mata vai aos Casais da Remolha e ia a Aldeia Gavinha, segundo diversos relatos deixaram de ir “num ano em que os legionários não quiseram ‘manifestações populares’ àquela hora da noite” (Melo, Guapo e Martins, 1991a:41).

⁴ Estas informações foram recolhidas entre setembro de 2015 e abril de 2016 no âmbito do Estudo e Inventariação do Pintar e Cantar dos Reis realizado por iniciativa da Câmara Municipal de Alenquer e desenvolvido pela Memória Imaterial, ONG acreditada como consultora do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial da UNESCO. Este trabalho realizado em colaboração com os praticantes envolveu a análise de 40 entrevistas; o registo etnográfico dos vários momentos da manifestação nas 9 localidades onde a mesma se pratica; pesquisa documental e a publicação dos resultados nesta obra e no site www.memoriamedia.net.

⁵ Por vezes o mesmo elemento ou o mesmo símbolo/desenho tem diferentes significados em diferentes povoações.

PARTE I

O PINTAR E CANTAR DOS REIS EM ALENQUER

A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS

Sendo conhecida apenas como “Cantar dos Reis” ou “Cantar dos Reses” a manifestação celebrada no concelho de Alenquer implica a participação quer dos cantores-reiseiros quer dos pintores-reiseiros⁶ e, resumindo as características comuns da expressão cultural nas diferentes povoações, o ritual começa pela constituição dos grupos que anualmente, na noite de 5 para 6 de janeiro, se reúnem para Pintar e Cantar os Reis nas suas localidades. Os membros do grupo juntam-se num local habitual, no Largo da povoação, na adega de um dos elementos ou noutro lugar de referência, convocados por algum dos membros que os lembra no dia anterior que “amanhã é dia de Cantar os Reis”, isto caso se encontrem pelas ruas ou cafés da povoação, senão telefonam ou enviam uma mensagem pelo telemóvel. O número de praticantes varia de ano para ano - há os que se juntam ao grupo pela primeira vez, os “que aparecem sempre” e os que não aparecem naquele ano. Sem ensaios ou combinações elaboradas, o grupo encontra-se de forma espontânea e rapidamente definem as funções de cada um. Depois partem pelas ruas da povoação. Os membros que vão pintar seguem à frente e, em silêncio, munidos das tintas, pincéis e lanternas pintam as fachadas, os muros e as entradas das casas com os tradicionais desenhos dos Reis. Mais atrás seguem, em maior número, os cantores sem qualquer acompanhamento musical – o coro liderado pelo apontador⁷. Nalgumas povoações pinta-se e canta-se porta a porta (Catém, Casal Monteiro, Mata e Penafirme da Mata), noutras pinta-se e canta-se em locais estratégicos e nos Largos principais para várias casas (Abrigada, Cabanas de Torres, Paúla e Ota) e noutras pintam porta a porta, mas cantam em pontos estratégicos (Olhalvo).

A maioria dos grupos inicia o ritual pelos Casais mais afastados da povoação entre as 22h e as 23h terminando entre as 2h e as 4h da madrugada no Largo principal ou num local

⁶ Nos estudos realizados nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX sobre o Pintar e Cantar dos Reis no concelho de Alenquer (António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins) utilizou-se o termo “sociedades” para definir estes grupos, generalizando-se a designação em diversas publicações e mesmo entre alguns praticantes. Contudo, segundo os elementos dos grupos entrevistados entre 2015 e 2016 e a entrevista dada por António Rodrigues Guapo no âmbito do presente estudo (2015), os praticantes do concelho de Alenquer autodenominavam-se e continuam a definir-se apenas como “grupos”. A referência a “sociedades de reiseiros” surgiu por influência dessas publicações.

⁷ Há 3 anos o grupo da Paúla passou a integrar um elemento que toca guitarra.

de referência (como, por exemplo, junto às Portas do Sol em Penafirme da Mata ou no Largo dos Reis em Catém).

Segundo testemunhos e estudos realizados sobre a prática, há algumas décadas, a tradição só envolvia grupos masculinos, em alguns casos compostos apenas por rapazes solteiros “antes de ir às sortes”, ou seja, antes de irem à inspeção militar e à tropa (na época considerado como um dos principais momentos de passagem para a vida adulta). Jovens que eram iniciados neste ritual por um elemento mais velho e já casado, usualmente o apontador. As ruas deviam estar vazias e as casas às escuras, em silêncio, à espera da chegada dos que traziam “a mensagem dos Reis”, a chegada do “segredo” cantado à “fechadura da porta”, a chegada “da bênção e da luz”. As portas não se abriam e deixava-se junto da entrada um pedaço de bolo, uma garrafa de água-pé, aguardente ou outra bebida alcoólica para o grupo se servir e para “aquecer a noite fria”. Só se viam os desenhos na manhã seguinte, altura em que os mais velhos criticavam a sua qualidade e as raparigas tentavam perceber se os seus pretendentes tinham participado na celebração (C.M, 1962; Melo, 1970; Melo, Guapo e Martins, 1991a e 1991b; Costa, 1999; Sardinha, 2000).

Hoje tenta-se manter o ambiente silencioso e intimista de veneração durante o ritual, mas não de forma rigorosa como acontecia há algumas décadas onde ninguém andava na rua exceto o grupo de reiseiros. Atualmente alguns visitantes dirigem-se a estas localidades para ver o ritual⁸. Os grupos de reiseiros tentam, contudo, que os novos praticantes e os visitantes respeitem o silêncio e o recato da manifestação. Em muitas destas localidades se o dono da casa abre a porta para ouvir o cantar ou ver a pintura, o grupo pede para voltar para dentro de casa e só sair depois da cantiga terminar. Usualmente os habitantes só abrem a porta depois do cantar para servirem uma mesa de iguarias natalícias composta de propósito para receber os cantores e pintores e onde não falta o bolo-rei, as filhoses e o vinho do Porto⁹.

Nalgumas povoações os grupos continuam a ser constituídos apenas por homens (casados e solteiros de diferentes idades) - Catém, Casal Monteiro; Penafirme da Mata e Ota - noutras, a partir dos anos 80 e 90 do século XX, as mulheres começaram a participar apenas como pintoras – em Olhalvo – ou como cantoras e/ou pintoras – na Abrigada, em Cabanas de Torres, na Mata e na Paúla. Esta alteração é justificada pela falta de

⁸ O Município de Alenquer promove desde 2015 o “Roteiro Turístico Noturno”. Disponibiliza um autocarro e um guia para levar quem se inscrever a assistir, na noite de 5 para 6 de janeiro, ao Pintar e Cantar dos Reis em algumas das localidades do concelho.

⁹ No caso de Catém, o dono deixa a porta da cozinha ou da adega aberta com a mesa pronta para os elementos do grupo se servirem, mas raramente está presente.

participação masculina que, em alguns casos, a certa altura, colocou em perigo a continuidade da manifestação. O outro motivo invocado é a mudança das estruturas sociais e a alteração do papel e das funções desempenhadas pela mulher, agora com mais presença nas atividades da esfera pública. Existindo uns grupos mais envelhecidos que outros, as idades dos membros de cantores e pintores variam entre os 15-20 anos e os 70-80 anos, encontrando-se a média de idades entre os 40 e os 50 anos.

OS PINTORES - OS SÍMBOLOS, AS CORES E AS TINTAS

Durante toda a noite alguns elementos do grupo, usualmente juntos dois a dois ou três a três, seguem à frente dos cantores e desenhavam diferentes símbolos nas fachadas junto às portas, na entrada das casas. Dependendo das povoações formam-se dois, três ou mais pares ou trios de pintores. Levam consigo as latas das tintas com as cores tradicionalmente utilizadas no ritual – o vermelho almagre e o azul de anilina – e uma luz para iluminar a execução das pinturas. Há 50, 60 anos, em certas localidades, os jovens rapazes quando tinham autorização para integrar no grupo, aos 12 ou 13 anos quando saíam da escola, não podiam cantar nem pintar, a única função que podiam desempenhar era carregar o *petromax* e alumiar as paredes onde o pintor ia desenhar. Só deixavam essa função quando entrasse no grupo um novo membro e, nessa altura, começavam a cantar (Catém e Casal Monteiro). Nos dias de hoje há grupos que ainda usam o antigo *petromax* ou versões mais modernas do mesmo (Ota e Casal Monteiro), os outros usam lanternas.

As inscrições e desenhos são pintados com as duas cores e, usualmente, dois pintores participam na execução de um mesmo desenho, um faz a parte vermelha e o outro termina com a tinta azul, ou vice-versa. Esta prática facilita a tarefa dos pintores não se misturando pincéis ou cores. Os pintores andam assim numa “dança cruzada” iniciando e completando as inscrições e desenhos do outro. Durante toda a noite, conforme a localidade, desenhavam diferentes símbolos:

- a) Os corações e vasos com ramos floridos que representam a felicidade do lar (ver fotografias 1 e 2) e cujas variações, dependendo da localidade, representam diferentes composições do agregado familiar dos vizinhos: se o casal é recém-casado, se nasceu um bebé, se o casal tem um ou mais filhos, se tem filhas “casadoiras”, se

tem filho varão, se vivem sós ou alguém está de luto (Catém, Casal Monteiro; Mata, Penafirme da Mata, Olhalvo, Paúla, Cabanas de Torres)¹⁰;



Fotografias 1 e 2 – Exemplo dos desenhos do coração florido (Penafirme da Mata) e do vaso florido (Casal Monteiro).

- b) Os desenhos que representam as profissões dos moradores, serviços e atividades recreativas, religiosas e comerciais - por exemplo, no café uma chávena, na mercearia uma balança, na adega uma pipa de vinho ou um par de músicos junto da Sociedade Filarmónica (Catém, Casal Monteiro, Mata, Penafirme da Mata, Olhalvo). Alguns destes desenhos revestem-se de humor e sátira social;
- c) A “Estrela do Oriente” ou diferentes símbolos que a representam: a estrela que guiou os Reis Magos desenhada a compasso com seis pontas, isto é, um hexagrama inscrito num círculo e com o rasto da cauda representada por pontos (Ota)¹¹. Uma estrela de várias pontas, um asterisco ou um pequeno pentagrama entre a sigla BR (Bons Reis) e o ano (Olhalvo). Uma cruz dentro de um pequeno círculo, conjunto a que chamam de “cruz dos Reis Magos” (Mata) ou “a Estrela dos Reis” também colocada entre as inscrições e o ano (Penafirme da Mata)¹²;
- d) As inscrições e siglas – “BR” – Bons Reis em Penafirme da Mata e em Olhalvo; a inscrição “Bons Reis” junto à sigla “V.R.” – Viva os Reis ou Viva a República¹³ em Catém e no Casal Monteiro; a sigla “BF” – Boas Festas na Abrigada, Paúla e Ota; a conjugação da sigla “B.F.” com a sigla “B.R.” na Mata onde também escrevem “Boa Venda” junto dos desenhos de alguns estabelecimentos comerciais e a sigla “BRM”

¹⁰ Os desenhos pintados em 2016 em cada uma das povoações são descritos e ilustrados na Parte III. Em Ota também se chegou a desenhar o coração com variações particulares (ver na Parte III a secção dedicada à Ota).

¹¹ A estrela de seis pontas também simboliza o judaísmo (estrela de David) e também é conhecida como o signo-saimão, um talismã protetor contra a inveja e o mau-olhado.

¹² Símbolo que na cultura pagã pode significar o ciclo do nascimento, da criação ou da eternidade (círculo infinito, a roda do movimento eterno) e no ritual cristão pode ser interpretado como a presença do Espírito Santo. Há ainda quem interprete este símbolo como o signo silábico que significa “de” (LeaderOeste, 2000).

¹³ Com a implementação da República o R. passa ter também esse significado para evitar conotações monárquicas.

- Bons Reis Magos (ou Magnos) em Cabanas de Torres¹⁴. Todas as localidades colocam na composição do desenho, junto das inscrições, o ano da celebração;
- e) O losango dentro do vaso, símbolo do ouro que nuns casos representa o filho varão (Olhalvo), noutros casos significa que os filhos (independentemente do sexo) já saíram de casa (Catém); noutros ainda é apresentado como um elemento meramente decorativo (Casal Monteiro);
- f) As 5 quinas - as 5 chagas de cristo¹⁵ - dentro dos vasos e corações (Mata e Olhalvo) ou dentro do círculo com a cruz no meio (a “estrela”) (Penafirme da Mata);
- g) Nalguns casos o desenho ou a sigla com o ano são “rematados” com pontos. Segundo os pintores esses pontos servem para “embelezar” e “emoldurar”, “fechar” o desenho (Catém, Casal Monteiro, Penafirme da Mata, Mata e Olhalvo). “Fecha-se” porque “não é um desenho que se queira fazer desaparecer (...) é um desenho que se materializa ali, que se mete dentro de uma moldura (...) para ser preservada” (Guapo, 2015)¹⁶. Muitas fachadas mantêm os desenhos de vários anos. Mesmo que os donos pintem as casas preservam os desenhos. Os pintores de Catém assinam com o nome da aldeia os desenhos que fazem nas casas e Casais que ficam no limite da povoação;
- h) Em Catém, Casal Monteiro e Mata no final da noite pinta-se o Vaso do Grupo com o ramo de flores e as iniciais do primeiro e último nome de cada um dos membros do grupo (os que participaram naquele ano da celebração). Esse vaso é usualmente pintado no Largo principal da povoação¹⁷. Em Penafirme da Mata o desenho final, pintado nas Portas do Sol inclui a inscrição dos votos de um Bom Ano a toda a população da aldeia¹⁸.

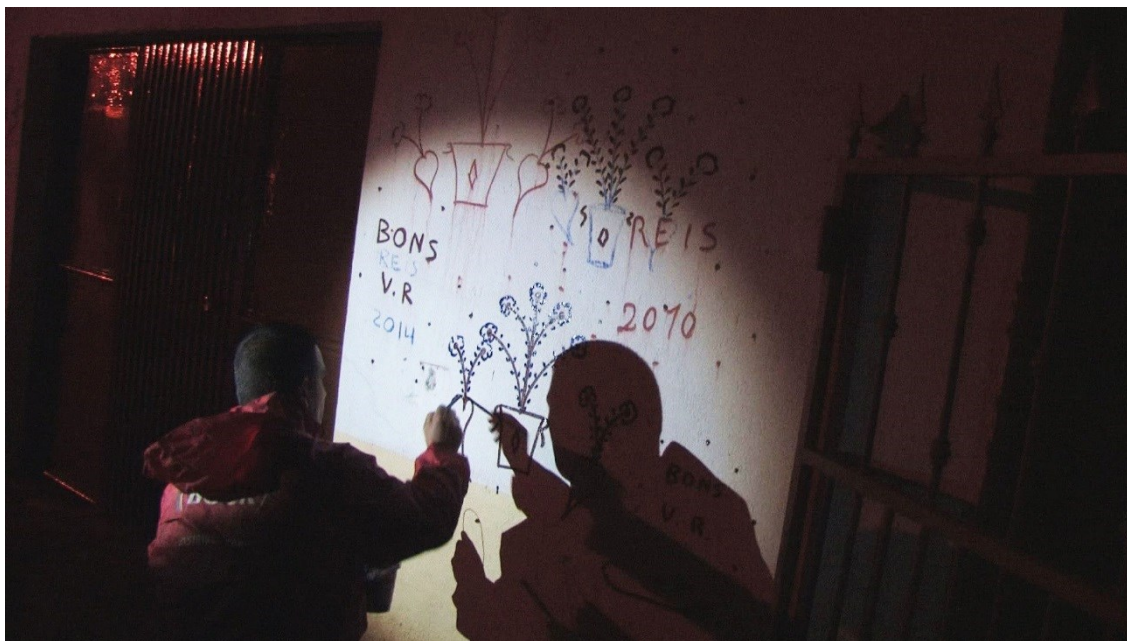
¹⁴ Em Cabanas de Torres pintou-se a sigla “BF” (Boas Festas) junto de alguns desenhos pintados à mão em 1995 e 1997 (alusivos a profissões e atividades comerciais). A sigla BF também aparece junto dos anos 2002, 2003 e 2005 (ver justificação na Parte III na secção dedicada a Cabanas de Torres).

¹⁵ Na Bandeira Portuguesa as 5 quinas representam os 5 Reis Mouros que D. Afonso Henriques venceu na batalha de Ourique e as 5 pintas dentro das quinas representam as 5 chagas de Cristo.

¹⁶ Sempre que é feita a referência “(Guapo, 2015)” esta diz respeito à entrevista dada pelo investigador no âmbito do presente estudo (ver lista de entrevistas citadas no final).

¹⁷ Em Catém no Largo dos Reis. Em Mata este vaso era desenhado dentro da adega do pintor Francisco Franco. Em 2016 desenharam um coração no Largo do Poço (ver descrição na Parte III, secção da Mata). Junto a este vaso e às iniciais dos nomes dos praticantes também era usual escrever “Viva as Peles do Grupo dos Reis de ...” ou “Peles” junto do ano, isto por referência às bebedeiras (peles) de alguns dos elementos do grupo.

¹⁸ Também em Paúla têm a memória de, para além dos desenhos, se escreverem nas paredes alguns versos jocosos ou mensagens de amor (ver descrição na Parte III, secção da Paúla).



Fotografia 3 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).

A cor vermelha significa vida e alegria enquanto o azul simboliza a tristeza e a morte. As duas cores são utilizadas nos desenhos, exceto se a casa “estiver de luto”, se recentemente faleceu algum membro da família ou se a pessoa que lá vive é um viúvo ou uma viúva. Nesse caso podem não cantar, mas desenham um coração ou um vaso com ramos com a cor azul, sem o vermelho. Nos últimos anos têm sido introduzidas outras cores para pintar a sigla e o ano, por exemplo o verde e o amarelo nos locais onde já não se desenhavam os outros símbolos (na Abrigada) ou onde também se faz o vaso com ramos simples, mas sem variações dependentes da constituição do agregado familiar e só em alguns locais estratégicos (em Cabanas de Torres e na Paúla).

Em relação ao tipo de tintas usadas Catém e Casal Monteiro ainda continuam a utilizar os pigmentos que depois são diluídos em água junto com um pouco de cal para engrossar e aderir melhor à parede – o azul de anilina e almagre vermelho¹⁹. Nas outras localidades estes pigmentos foram substituídos pelas tintas de água e na Abrigada e Cabanas de Torres usam a tinta pulverizável em *spray* para a sigla e o ano da celebração. Estas duas povoações usam moldes para executar as inscrições. Paúla e Mata usam moldes em folha de flandres para executarem os desenhos.

¹⁹ Estas duas cores estão entre os pigmentos mais utilizados pelo homem desde as antigas civilizações até aos dias de hoje. Pigmentos frequentemente utilizados em diferentes tipos de celebrações. O azul de anilina também é conhecido como azul de anil ou índigo e o almagre como óxido de ferro (um dos elementos que o constituem junto com o óxido de cálcio).

OS CANTORES - O APONTADOR, O CORO, AS LETRAS E A MELODIA

Num tempo de mediatização, onde “tudo deve ser mostrado”, no concelho de Alenquer ainda se celebra o Pintar e Cantar dos Reis numa performance relativamente discreta e intimista. Nas ruas vazias e para casas fechadas, as vozes entoam no silêncio da noite uma melodia antiga que acompanha a história cantada - a viagem dos Reis Magos até Belém. Acordam os que já dormem, surpreendem-se os desprevenidos ou alegram-se os que esperam ouvir o grupo de reiseiros (Guapo, 2015).

O apontador é o solista que inicia o cantar lançando versos ao coro. O coro responde em uníssono repetindo o apontador ou cantando os versos que se seguem. Conhecedor do ritual, o apontador é usualmente o elemento que assume o papel de porta-voz do grupo e partilha com o pintor mais velho e com os elementos mais dedicados ao grupo a responsabilidade de manter a prática transmitindo-a às novas gerações.



Fotografia 4 – Cantores do Grupo dos Reis da Mata (2016).

Conforme os anos e os elementos que aparecem para formar o grupo, podem existir 1, 2 ou até 3 apontadores, estes revezam-se a apontar na mesma cantiga ou em diferentes momentos da noite, um canta a uma porta, outro canta na porta seguinte. Segundo relatos registados em Cabanas de Torres e na Abrigada, há quem se lembre de assistir

naquelas localidades ao início do ritual com a apontador a cantar sozinho e o grupo a formar-se ao longo da noite junto das tabernas e adegas da povoação.

Dependendo das povoações a letra da cantiga descreve com mais ou menos pormenor o episódio bíblico enunciado pelo apóstolo S. Mateus no 2.º capítulo do 1.º livro do Novo Testamento. As versões mais curtas são cantadas em Casal Monteiro e em Catém (12 versos)²⁰, a versão mais longa é cantada na Abrigada (42 versos)²¹.

Segundo o relato de S. Mateus, os Reis Magos souberam que o “o Rei dos judeus” tinha nascido em Belém da Judeia e seguiram viagem para visitar e adorar o Salvador Divino. No decorrer dessa viagem encontraram-se com o Rei de Israel – Herodes – que sentiu o seu poder ameaçado pelo nascimento do messias e, tentando enganar os Reis Magos, pediu-lhes para, assim que encontrassem Jesus, enviassem informações sobre o seu paradeiro para que também ele pudesse ir prestar homenagem ao bebé. Os Reis Magos concordaram e, seguindo um sinal divino sob a forma de estrela, encontraram o caminho até à manjedoura onde Jesus estaria abrigado. Aí adoraram-no e ofereceram como dádivas ouro, incenso e mirra. Entretanto, em sonhos, os Reis Magos foram avisados de que Herodes queria aniquilar Jesus e por isso não cumpriram a sua promessa. Quando Herodes percebeu que os Reis Magos não voltariam tomou medidas drásticas e mandou matar todos os primogénitos das famílias de Belém que tivessem menos de dois anos. Um anjo terá avisado José que escapou à ira de Herodes ao fugir para o Egito com Maria e Jesus.

Algumas destas cantigas, que incluem sempre sentimentos de oração e devoção, têm origem nas várias versões do longo romance de carácter religioso do século XVII e XVIII²² – “Os Três Reis”. Romances longos que, na época, eram entoados num misto de canto épico, cantiga narrativa ou villancico, cantados pelo apontador dístico a dístico (dois em dois versos, como um verso longo) e repetidos pelo coro (Galhoz, 1997).

Estes romances, como será desenvolvido mais adiante, são alterações e reduções do “Auto dos Reis” representado pela primeira vez no exterior da Igreja pelos Frades

²⁰ Em Catém, por exemplo, a cantiga terá sofrido uma simplificação. Um dos praticantes entrevistado por António Guapo nos anos 70 refere que “os versos eram muito maiores” (Melo, Guapo e Martins, 1991a:39).

²¹ As letras de cada povoação são apresentadas na Parte III.

²² Maria A. Galhoz compara o protótipo de um “folheto setecentista, dado à estampa, sem nome de autor, em Lisboa, em 1753” - um romance onde 40 versos são sobre a viagem dos Reis Magos - com seis versões do romance de transmissão oral recolhido em Alenquer por Michel Gicometti entre 1970-1972. A autora conclui que “entre os dois reconhece-se a mesma “história arquetípica” e “diferenças de superfície” (1997:39).

Mendicantes no século XIV (ver Parte II). Algumas das cantigas cruzam ainda o romance “Os Três Reis” com o romance “Noite de Natal”²³ baseado no episódio bíblico descrito por S. Lucas sobre o nascimento de Jesus na manjedoura. Este último romance destaca o facto de Jesus ter nascido entre animais, entre o boi bondoso que aquece Jesus com o seu “bafegar” e a mula teimosa “a resmungar”. Um episódio que já era associado ao Natal na literatura apócrifa - os textos escritos nos primeiros séculos do cristianismo que não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. No romance “Noite de Natal” e nas cantigas da Mata, de Penafirme e do Olhalvo a mula por ter tão mau feitio é castigada com a maldição da infertilidade e se por acaso “Alguma coisa tiveres/Dela não tenhas fortuna”. Esta maldição está na origem da crença popular de que se um dia uma mula tiver uma cria que sobreviva isso será sinal de que Jesus terá voltado à Terra. Sobre a estrutura das letras interessa ainda mencionar as cantigas que invocam as Almas na primeira quadra, revelando vestígios do culto da Encomendação das Almas (Olhalvo, Mata e Penafirme), as que terminam com votos de “graças à Virgem e ao Menino” (Cabanas de Torres e Paúla) e as que terminam com votos de Boas Festas e versos petitórios (Catém, Casal Monteiro, Cabanas de Torres, Ota e Abrigada) (Leite de Vasconcelos, org. Guerreiro, 1982; Galhoz, 1997; Sardinha, 2000).

De referir que durante todo o século XVII promoveu-se em Portugal um grande interesse pelos villancicos, composições cantadas em solenidades religiosas, principalmente pelo Natal e pelos Reis, de cunho essencialmente popular, mas que também chegaram a ouvir-se em festas palacianas, na Capela Real (durante os reinados de D. Pedro II e de D. João V). Com muitos elementos idênticos aos que compõem as atuais letras das cantigas de Cabanas de Torres, da Ota, da Paúla e da Abrigada o Villancico IV da *Capella Real nas Matinas da Festa dos Reis do anno de 1647* já incluía, por exemplo, a confusão produzida devido à denominação toponímica igual de Belém da Judeia e Belém de Lisboa, confusão que, por assimilação regional, coloca a cena bíblica da chegada dos Reis Magos na entrada marítima de Lisboa e não no Oriente sendo recebidos pelo Rei de Portugal e não pelo Rei Herodes. Nos últimos anos, alguns dos atuais grupos resolveram “corrigir” essa “aparente gralha” para “acertar” os planos históricos e as respetivas referências geográficas, mas na verdade essa narrativa que confunde o mundo do Oriente com a Barra do Tejo já remonta, pelo menos, ao século XVII e foi assumida na forma escrita e tocada nas cortes reais. Essa confusão tendo sido produzida pela inventiva popular - o que Leite de Vasconcelos (org. Guerreiro, 1982) considerou ser um estratagema dos cantores de rua para aproximar os ouvintes da história e com isso conseguir melhores receitas nos petitórios - é aceite e reproduzida durante pelo menos três séculos entre as diversas classes sociais. De referir ainda as letras das cantigas de Penafirme da Mata,

²³ Por vezes também nomeado como “A Caminho de Belém”.

Mata e Olhalvo que colocam os Reis a embarcar no “Grilo”, zona portuária de Lisboa perto do atual Convento do Beato (Galhoz, 1997; Leite de Vasconcelos, org. Guerreiro, 1982; Sardinha, 2000; Soares 1984; Villancico da Capela Real, 1697).

Em relação às cantigas da celebração dos Reis no concelho de Alenquer é possível “vislumbrar a mesma raiz melódica”, “uma mesma base rítmica (...) com estrutura modal que revela arcaísmo”. Existe, assim, uma “identidade melódica”, mas com “diferenças de pormenor” entre as diversas localidades (às vezes simplificada ou alterada no processo de transmissão oral) (Sardinha, 2000:15).

Considerando a prática de cada uma das povoações do concelho, a forma como o grupo se posiciona (apontador e coro) e o modo como cantam é possível identificar três diferentes formas de atuar (Guapo, 2015):

- a) Cantar “o segredo” de porta em porta (Catém e Casal Monteiro).

Neste caso o grupo desloca-se à entrada das casas, junto à “fechadura” da porta, e posiciona-se numa roda apertada. O apontador recita em voz muito baixa, “o segredo” para ser ouvido apenas pelos membros do coro - a cantiga que anuncia a viagem dos Reis Magos para “visitar o Deus Nascido”. Quando termina a primeira quadra o coro repete em alta voz, lançando num grito as primeiras sílabas do primeiro verso.

Também as outras duas quadras da cantiga são primeiro sussurradas pelo apontador junto à porta das casas e cantadas depois em voz alta pelo coro. A terceira e última quadra anuncia os votos de Boas Festas e termina com dois versos petitórios: “Também temos o cuidado/de aceitar, ai, o que nos deis”. O grupo canta porta a porta as três quadras da cantiga e no final acrescenta “Pràs Almas!”. Segundo aos registos realizados nos anos 70, nessa altura as palavras do apontador eram ditas em segredo “em tom rezado e cheio de intenções” enquanto o mesmo colocava “as mãos em concha sobre a fechadura da porta” (Melo, Guapo e Martins, 1991a:39).

Segundo testemunhos orais, em Catém e no Casal Monteiro, há mais de 50, 60 anos, os cantores “para que a voz não se espalhasse” e para se protegerem das intempéries usavam uma manta sobre as cabeças (Duarte Carvalho, que em 2016

tinha 69 anos e que cantou em Catém dos 13 aos 50 anos, lembra-se de aos 8, 9 anos, espreitar à janela e ver a manta sobre as cabeças dos cantores).

Também existe a memória de, há cerca de 50, 60 anos, homens do Casal Monteiro, de Catém e de Meca formarem um só grupo que ia às três localidades. Hoje, os grupos atuam sempre separados nas suas povoações. Casal Monteiro vai cantar e pintar a Meca e Catém vai a algumas casas e Casais que ficam no limite da povoação, no alto de Meca.

- b) O cantar junto às portas sem ser em segredo (Mata e Penafirme da Mata).

Aqui o apontador canta sempre em voz alta junto à porta das casas e o coro responde um pouco mais afastado. O apontador canta a primeira quadra mencionando as Almas Santas e a chegada dos Três Reis ao Oriente, quando termina o coro não repete, canta a quadra que se segue sobre a viagem dos Magos. A seguir o apontador canta um dístico continuando a aventura dos Reis e o coro responde com outra quadra; continuam com o apontador a cantar um segundo dístico que convida os pastores a visitarem a manjedoura e o coro canta uma oitava referente ao romance da “Noite de Natal”, sobre o nascimento de Jesus na manjedoura com “o boi a bafejar” e a “mula a resmungar”, amaldiçoando a mula. O grupo vai de porta a porta e executa sempre a cantiga completa.

- c) O cantar em pontos estratégicos da povoação (Abrigada, Cabanas de Torres, Paúla, Olhalvo e Ota).

Nestes locais o grupo não canta porta a porta, junta-se em Largos e Praças e canta em voz alta para várias casas. As posições do apontador e do coro diferem de grupo para grupo. Em Olhalvo, na Ota e em Cabanas de Torres o apontador está junto do coro em círculo ou semicírculo. Em Paúla o grupo e o apontador ficam um pouco afastados e na Abrigada o apontador canta a vários metros de distância do coro.

No caso do Olhalvo o apontador inicia lançando um dístico e o coro responde um dístico diferente, os quatro versos invocam as Almas. A seguir o apontador canta um dístico que inicia o relato da viagem dos Três Reis e o coro responde com um dístico sobre o mesmo tema. O apontador continua com dois versos e o coro

responde com uma quintilha. O apontador canta um dístico alusivo aos pastores que entram na manjedoura a que o coro responde também com dois versos. Para terminar o apontador entoa um dístico sobre a presença do boi e da mula na manjedoura e o coro responde com uma quadra a amaldiçoar a mula. O grupo executa sempre a cantiga completa.

Em Ota, na Abrigada, em Cabanas de Torres e na Paúla executam a cantiga completa em três ou quatro locais privilegiados (entre 32 a 42 versos sobre os Reis Magos), durante o resto da noite cantam só partes da cantiga, não faltando os votos de felicidades e/ou os versos petitórios no final (4 versos). Na Ota, na Abrigada e em Cabanas de Torres o apontador lança a cantiga de dois em dois versos e o coro repete, na Paúla o apontador canta em quadras, também repetidas pelo coro.

Na Ota, para “segurar a voz”, primeiro usava-se “não uma manta, mas um paneiro”, o toldo que se punha à volta das oliveiras para varejar e depois apanhar a azeitona. Mais tarde o paneiro teria sido substituído por uma manta, mas nenhum dos atuais membros do grupo se lembra ou assistiu a isso (Lúcio Carvalho, 2015)²⁴.

O PEDITÓRIO, A MISSA E O ALMOÇO

Em 5 dos 9 locais onde se cantou e pintou os Reis em 2016 (Catém, Casal Monteiro, Olhalvo, Mata e Penafirme da Mata) realizou-se no fim-de-semana seguinte ou no segundo fim-de-semana depois da celebração o Peditório dos Reis pelas casas das povoações. O resultado desse peditório serviu, em alguns casos, para mandar rezar uma Missa pelas Almas do Purgatório e para organizar um almoço para todos os elementos do grupo (Catém e Casal Monteiro – missa celebrada na Igreja de Meca; Mata – missa celebrada na Igreja de Aldeia Gavinha). Em Penafirme da Mata o resultado do peditório foi usado para organizar um almoço de porco no espeto no Largo da Igreja e no caso do Olhalvo a verba reverteu a favor do Rancho Folclórico Etnográfico da Sociedade Filarmónica Olhalvense que promove o ritual e ao qual pertencem os membros do grupo. Na Abrigada e na Paúla não se realiza peditório, mas em alguns anos os praticantes

²⁴ Referência que diz respeito à entrevista dada no âmbito do presente estudo (ver lista de entrevistas citadas no final).

juntam-se para um almoço ou jantar partilhando as despesas²⁵. Na Ota e em Cabanas de Torres o grupo não se volta a juntar para qualquer evento relacionado com os Reis a não ser no ano seguinte, na noite de 5 para 6 de janeiro para novamente cantarem e pintarem os Reis²⁶.

OUTROS PINTARES E CANTARES DOS REIS

No concelho do Cadaval, no Pereiro, na noite de 5 para 6 de janeiro, a partir das 22h-23h um grupo misto composto por quem quiser participar, mas constituído maioritariamente por homens (as mulheres começaram a participar após o 25 de Abril de 1974) percorre as ruas cantando de porta a porta versos alusivos aos Reis Magos e também versos ditos de improviso e dedicados aos habitantes das casas. Mantendo-se elementos do grupo cuja função é a de pintar as fachadas, os tradicionais desenhos pintados a verde e vermelho são cada vez mais raros (o desenho de vasos e corações com flores alusivos à composição do agregado familiar; os desenhos representativos das profissões e outras atividades dos habitantes e o desenho da “Estrela do Oriente” pintado de uma só vez, sem levantar o pincel) (Costa, 1999; LeaderOeste, 2000)²⁷.

No Pereiro os pintores mantêm a inscrição da “Era” (o ano), a sigla BRM (Bons Reis Magos - primeiramente era só BR (Bons Reis), com a implementação da República acrescentaram a letra M (Magos) para evitar conotações monárquicas - e a estrela. Utilizam moldes metálicos e a tinta pulverizável é aplicada com *sprays* (substituindo as tintas de água ou as antigas terras diluídas em água). Nesta localidade a tradição não decorre em silêncio nem num ambiente intimista como acontece nas povoações do concelho de Alenquer, aqui a festividade é celebrada com assistência, população local e visitantes. O grupo canta e pinta entrando depois nas adegas onde os espera uma mesa com várias iguarias. Naquela noite mata-se uma cabra que é confecionada por mulheres e servida por volta da meia-noite, quando o grupo chega ao Largo da aldeia. “Aí come-se, bebe-se e canta-se à desgarrada (...). A festa termina, de madrugada, no alto da serra,

²⁵ Em Abrigada o grupo não manda rezar uma Missa pelas Almas, mas a convite do Padre, nos últimos 4 anos, têm ido cantar à Missa dos Reis. O mesmo tem acontecido com o grupo de Olhalvo e de Penafirme da Mata que vão cantar à missa celebrada no domingo a seguir ao Dia de Reis, em Olhalvo.

²⁶ Desde 2013 que a Câmara Municipal promove no fim-de-semana antes dos Reis um Encontro sobre o Pintar e Cantar dos Reis entre os membros de todos os grupos (com conversa ou conferência, pintura de mural coletivo, canto de cada grupo e confraternização). Nestes encontros os elementos dos grupos falam sobre as suas experiências, cantam a cantiga da sua localidade e pintam uma mostra dos seus desenhos numa parede da Vila previamente preparada para esse efeito. No final o Município oferece um lanche de confraternização.

²⁷ Um estudo editado pela LeaderOeste refere que “hoje segundo a população evitam-se esses desenhos, pois a sua execução implica muito tempo” (2000:20).

onde se pintam os Moinhos do Pereiro. Antigamente, após o Cantar e Pintar dos Reis os reiseiros recebiam ofertas de géneros ou dinheiro que serviriam para fazer o almoço do dia seguinte, na adega de algum membro do grupo. Hoje a população oferece uma determinada importância, estabelecida previamente, para ajudar a pagar as despesas da festa, o almoço do Dia de Reis, aberto a toda a população, e o Baile de dia 6 de Janeiro” (LeaderOeste, 2000:22).

Até aos anos 70 o ritual do Pintar dos Reis no concelho de Sobral de Monte Agraço estava associado a um peditório realizado por três homens no dia 6 de janeiro – um “transportava um forcado com duas laranjas espetadas nos bicos, para a recolha dos toucinhos e dos chouriços”; outro registava as dádivas e o terceiro pintava a vermelho o desenho dos Reis nas “paredes das casas das pessoas que davam esmolas”. Desenhavam um triângulo com um coração no meio, um R de Reis, fora, num dos lados do triângulo e o M de Magos, também fora, do outro lado do triângulo; um pequeno círculo no cimo do triângulo com uma pomba pousada; pontos a preencher e ao redor do desenho. Não se cantava. O leilão do chouriço e do toucinho realizava-se no Dia de Reis, as outras dádivas eram leiloadas no Domingo Magro. A receita revertia “a favor das pessoas mais pobres da aldeia. As esmolas obtidas eram usadas (...) para pagar ao médico, para despesas com remédios ou até mesmo para ajudar nos enterros” (Cunha, 2009: 67-68).

PARTE II

A ORIGEM E HISTÓRIA DO PINTAR E CANTAR DOS REIS

O Dia de Reis, a 6 de janeiro, enquadra-se na Celebração da Epifania. O termo epifania, sinónimo de “manifestação”, designava no mundo greco-romano a visita e apresentação pública do imperador, do Rei ou de um oficial a uma cidade ou reino. A partir desta definição os apóstolos utilizaram o termo epifania para denominar os 3 momentos em que Jesus Cristo se apresentou perante o povo como Salvador Divino: o seu nascimento e a visita e adoração dos Reis Magos; o Batismo e o 1º milagre de Cristo (a transformação da água em vinho durante as bodas de um casamento em Caná) (Weiser, 1952).

A data da celebração da Epifania, tal como de muitas manifestações religiosas e expressões da cultura popular, tem origens pagãs e reporta-se a antigos cultos astrais e naturalísticos, em particular às cerimónias que representavam a sequência das estações e os ciclos agrícolas simbolizando a luta entre a luz (o dia, o sol, o verão) e as trevas (a noite, a lua, o inverno). Cerimónias que comemoravam o crescimento dos dias, simbolizavam a tensão que existe entre a vida e a morte e utilizava os ciclos festivos para marcar o início e fim dos diversos trabalhos agrícolas. Neste caso as Celebrações da Epifania fazem parte do primeiro ciclo festivo do ano²⁸ e marcam o início do ano solar “depois das 13 luas” (no calendário agrícola romano, que se rege pelas 13 luas e não pelos 12 meses, o ano inicia no dia 6 de janeiro) (Melo, 1970:1)²⁹.

As cerimónias realizadas no primeiro mês do ano estão ainda relacionadas com práticas pagãs da Roma Antiga onde se dedicava o primeiro mês do ano ao Antigo Rei Jano, considerado uma divindade e em honra do qual se ergueu o Templo de Jano – um templo que mantinha as portas abertas em tempo de guerra acolhendo os necessitados. Daí Jano ser conhecido como o Deus das Portas, o Deus das “entradas e saídas” dos “começos e

²⁸ O ciclo festivo do ano divide-se em duas partes: inicia com o fim dos trabalhos agrícolas em novembro, mês em que se comemora o dia de Todos os Santos e o dia de S. Martinho e prolonga-se por 6 meses até ao dia 1 de maio, abrangendo as comemorações do Natal, Epifania, Entrudo e Páscoa (Braga, 1986; Costa, 1999; Leite de Vasconcelos, org. Guerreiro, 1982; Peixoto, 1995; Sardinha, 2000; Soares, 1984).

²⁹ Ainda nos dias de hoje há quem faça a previsão meteorológica anual observando as “Têmperas de Santa Luzia ao Natal” (que segundo o costume e provérbio popular “são as luas do ano ao natural”) e comparando-as com as “Arremedilhas” que vão do Natal ao Dia de Reis. Ou seja, o estado meteorológico de cada um desses dias corresponde ao tempo que se verifica em cada uma das 13 luas. Em certas localidades a equivalência do estado do tempo do primeiro dia das “Arremedilhas” corresponde ao tempo que vai fazer na 13ª lua, o 2º dia à 12ª lua e assim por diante. Noutras localidades calculam-se as “Arremedilhas” tal como se calculam as “Têmperas” – o primeiro dia equivale à 1ª lua, o 2º dia à 2ª lua e assim por diante.

dos finais”, da transição, do [ano] velho e do [ano] novo, do passado e do futuro. É sob a influência do culto de Jano que, mais tarde, o povo cristão denomina o primeiro mês do ano de “Janeiro” e é também sob essa ascendência que as “Janeiras” – cantares populares e públicos entoados no primeiro dia do ano – são entendidas como um vestígio de práticas pagãs³⁰ (Soares, 1984; Guapo, 2015).

Também as consoadas que procedem o Natal até ao Dia de Reis e as “dádivas gentílicas de produtos da terra” - a oferta de géneros alimentares aos que cantam as Janeiras e aos que pintam e cantam os Reis durante a noite de 5 para 6 de janeiro ou mais tarde, na altura do peditório (vinhos, filhoses, rabanadas, broas, enchidos, frutos secos e outras iguarias) - são muitas vezes descritos como reminiscências dos antigos sacrifícios em homenagem aos deuses³¹ e vestígios dos primitivos banquetes realizados entre vizinhos e familiares em ambiente de partilha, festa e confraternização que contribuíam para manter as boas relações e o sentimento de pertença comunitária. Tal como as “esmolos” e os presentes trocados neste período correspondem às antigas Estreias Romanas (*streia calendaria*), antigas festas dedicadas à Deusa Strenua (a Deusa do Ano-Novo) nas quais se trocavam cartões com desejos de boa sorte³² (Braga, 1986; Leite de Vasconcelos, org. Guerreiro, 1982; Peixoto, 1995; Sardinha, 2000).

É a partir do século III que a celebração da Epifania de Cristo começa a ser celebrada no dia 6 de janeiro no Oriente, no Egito, e várias teorias justificam a escolha dessa data como uma forma da Igreja se opor às antigas celebrações pagãs fazendo coincidir as celebrações da “manifestação de cristo”, o seu nascimento – o Natal³³ - e a visita dos Reis, com as Festas do Solstício de Inverno em honra do Deus Sol e com a antiga tradição egípcia que comemorava, nessa mesma ocasião, o reencontro de Osíris, o Filho de Deus (Coelho, org. Leal, 1993; Peixoto, 1995; Weiser, 1952).

³⁰ A testemunhar a forma como as comemorações de Jano sobreviveram ao longo dos séculos está a conhecida proibição de 1385 da Câmara de Lisboa sobre as práticas e crenças realizadas «so titollo de Jano». Almeida descreve essas proibições na obra *História da Igreja Portuguesa* (1967:402):

“Estava-se no momento crítico da guerra com Castela quando, no próprio dia em que se feriu a batalha de Aljubarrota (14 de Agosto de 1385), e sem saberem da peleja que nessa ocasião se travava, o corregedor, os juizes regedores, o procurador do concelho e procuradores dos homens bons dos mestres se reuniram no senado da câmara de Lisboa. O fim da reunião era ordenarem um estatuto, que por si e seus sucessores se obrigaram a cumprir, a fim de expurgar a cidade de grandes pecados (...). Foi proibido que se cantassem janeiras ou maias, ou que se fizesse alguma coisa semelhante em qualquer mês do ano; que se lançasse cal nas portas «so titollo de Jano», ou se furtassem águas, ou se lançassem sortes, ou se britassem águas, ou se seguisse qualquer outra prática deste género, sob pena de multa de cinquenta libras”.

³¹ Alguns bolos característicos desta época festiva chegaram a ter a forma dos animais abatidos e oferendados a esses Deuses.

³² No sermão 198 de Santo Agostinho encontra-se uma referência a esta assimilação do rito pagão: “aos pagãos oferecem Estreias, dai vós esmolos!” (Braga, 1986; Sardinha, 2000).

³³ A fixação da data do nascimento de Cristo no dia 25 de dezembro na Igreja do Ocidente, em substituição das antigas comemorações do dia 6 de janeiro, acontece a partir do ano 354 por determinação do Papa Júlio I. De referir que na época, no Ocidente, a passagem do dia 25 de dezembro também era comemorado pela tradição pagã como um dia especial – o dia da festa brumal do solstício do inverno, a véspera do início da marcha ascendente do astro, o dia da festa do Deus-Sol - *Natalis Invicti sc.solis* (Coelho, org. Leal, 1993; Peixoto, 1995).

No século IV as celebrações da Epifania do Oriente chegam à Europa. A Igreja do Ocidente define como dia de Natal o dia 25 de dezembro e a principal Celebração da Epifania do dia 6 de janeiro passa a ser a visita e adoração dos Reis Magos a Jesus Cristo.

Concluindo, a adoração dos corpos celestes e as festas pagãs provocaram o enraizamento de práticas, crenças e datas comemorativas que, naturalmente ou por resistência, foram mais tarde incorporadas, com diferentes atributos, noutras religiões. Um exemplo dessas manifestações é o Dia de Reis a 6 de janeiro. Esta celebração ganha uma forte devoção popular e, desde a Alta Idade Média até ao século XII, o Dia de Reis difunde-se por toda a Europa³⁴ (Coelho, org. Leal, 1993; Peixoto, 1995; Weiser, 1952).

Mas quem eram os Reis Magos descritos no episódio bíblico de S. Mateus e que se tornaram tão populares em toda a Europa? O título de Mago é de origem Indo-Europeia e quer dizer “ilustre”, sacerdote estudioso bastante respeitado, conselheiro do reino. O Evangelho não esclarece sobre a origem, número ou os nomes dos Magos. S. Mateus refere-se a eles como “homens sábios do Oriente” e foi a tradição cristã popular que, a partir do século VI, tornou universal a expressão “Reis Magos”, assumindo que os Magos eram Reis. Sobre quantos seriam esses Magos, a tradição cristã do Oriente menciona 12 e em pinturas antigas apresenta 3, 4 ou mais. A Igreja Ocidental associando o número de Magos ao número de presentes oferecidos - o ouro, o incenso e a mirra – difunde o número de 3 Reis. Existe ainda a teoria de que os Reis Magos seriam 3 porque representavam as 3 raças bíblicas: a raça europeia, os semitas, representados por Belchior; a raça asiática, os jafetitas, representados por Gaspar e a raça africana, os camitas, representados por Baltazar. A veneração dos Reis era uma homenagem de todas as raças a Jesus Cristo, reconhecendo-o como Salvador Divino da Humanidade (Weiser, 1952).

Sobre o nome atribuído a cada um dos Três Reis existe uma teoria referindo que foi sob influência das iniciais CMB inscritas a giz nas portas ou entradas das casas no ritual da Bênção das Casas (descrita mais abaixo) que foram designados os nomes dos Reis Magos. A inscrição queria dizer “Christus Mansionem Benedicat” - “Cristo Abençoe esta Casa” -, mas a tradição popular teria atribuído cada inicial a um nome diferente. Assim, C, M e B corresponderiam a Caspar; Melquior e Baltazar, traduzidos para português como Gaspar, Belchior e Baltazar (Silva, 2014).

³⁴ Só a reforma litúrgica resultante do Concílio Vaticano II (1962-1965) retirou o título de Dia Santo ao Dia de Reis, por considerarem que o episódio da visita dos Reis Magos não estava historicamente provado.

Relacionando a história bíblica narrada por S. Mateus com o modo como as celebrações consideradas profanas foram transpostas para práticas cristãs da Santa Igreja Católica é de sublinhar o papel crucial das Ordens Mendicantes, nomeadamente os Franciscanos e os Dominicanos que a partir do século XIII tornam-se instituições de grande influência na governação da Igreja Europeia. Estes religiosos eram respeitados enquanto sacerdotes estudiosos e, ao abraçarem uma vida em pobreza, próxima do povo, difundiam o Evangelho entre as comunidades locais cruzando a liturgia católica com as artes, os costumes e as crenças populares, incluindo os Mistérios e Dramas Litúrgicos na doutrina cristã. Entre os episódios bíblicos representados por estes frades destaca-se a visita e adoração dos Três Reis ao Menino Jesus.

O Auto dos Magos (ou Auto da Estrela) foi um dos dramas representados pelos Monges Mendicantes. Esta peça foi representada pela primeira vez fora da Igreja sob a direção de frades de Ordens Mendicantes, o que ocorreu em Milão no ano 1336 e está relatado na crónica de Gualvanei de la Flamma. Originalmente, na Europa do século XI, o auto fazia parte do serviço litúrgico encenado dentro da Igreja, mas foi abolido por terem introduzido a personagem do Rei Herodes como um maníaco em fúria que atirava a sua lança por entre os leigos e o clero criando vários estragos no santuário. No Auto realizado pelos Frades em 1336 os Três Reis acompanhados por uma grande comitiva seguiam pelas ruas da cidade montados nos seus cavalos e carregando os seus presentes até à Igreja de Santo Eustórgio³⁵. Aí desmontavam e, em procissão, entravam no santuário para oferecerem os seus presentes junto do presépio de Natal³⁶ (Weiser, 1952).

O Auto dos Magos passou a ser representado por toda a Europa sofrendo ao longo dos tempos várias modificações e dando origem a outro tipo de manifestações: práticas realizadas usualmente no espaço público, dirigidas por populares e que incluíam desfiles pelas ruas, peditórios acompanhados por bênçãos e versões resumidas e musicadas do auto – por exemplo o Cantar dos Reis em Portugal, os Villancicos em Espanha e o Cantar da Estrela na Alemanha.

³⁵ No século VI esta igreja recebeu de Constantinopla as supostas relíquias dos Reis Magos mantendo-as até ao século XII. Em 1167 quando Federik Barbarossa invadiu Milão a igreja foi atacada ficando em ruínas e as relíquias foram levadas para a cidade de Colónia, na Alemanha. Em 1220 os Dominicanos assumiram a igreja reconstruindo-a (o que permite alguns autores defenderem a teoria de que seriam estes os Frades que maior influência tinham sobre aquela igreja e por isso teriam sido eles a dirigir o Auto dos Magos em 1336. Contudo em 1952 Weiser diz que a peça foi dirigida por Franciscanos. A crónica original, de Gualvanei de la Flamma, apenas refere que “a primeira peça dos Três Reis foi celebrada em Milão pelo convento de frades sacerdotes”, não esclarece sobre qual a Ordem) (Townley, 1856). Só muitos anos depois as relíquias voltaram a Milão, mas devido à grande devoção construída em torno dos Reis Magos em Colónia, as relíquias voltaram para essa cidade, onde ainda hoje se encontram, na Catedral construída exatamente para as receber.

³⁶ Também a autoria do primeiro presépio da Igreja Ocidental é reportada a São Francisco de Assis quando, em 1223, na cidade italiana de Greccio terá concebido a representação da cena da natividade incorporando nela as figuras dos Reis Magos. Esta criação difundiu-se através do processo de evangelização generalizando-se e sendo replicada nos lares das famílias.

Para além das Bênçãos da Epifania (do ouro, da mirra e do incenso) é possível encontrar registos da tradicional Bênção das Casas (com água benta) descrita no antigo Ritual Romano e realizada no dia 6 de janeiro (ainda hoje presente na versão atualizada do anexo desse livro e praticada em vários países, nomeadamente na Alemanha e na Áustria). Esta bênção está ainda associada à Bênção do Giz que implica um ritual que utiliza um giz abençoado na Missa da Epifania para inscrever as iniciais CMB e o ano da bênção nas portas ou junto às entradas das casas – por exemplo, 20+C+M+B+16. O 20 e o 16 representam o ano da bênção, neste caso 2016, as cruzeiras representam a divindade de Cristo e a santidade dos Reis Magos e as iniciais querem dizer “Christus Mansionem Benedicat”, ou seja, “Cristo Abençoe esta Casa”³⁷. A inscrição é feita com o giz, a cal, por ser um produto da terra, considerado do Reino de Deus e da Natureza que purifica a casa e abençoa os seus habitantes. A Bênção da Casa seria originalmente proferida pelo Padre, mas uma versão resumida da bênção passou a ser protagonizada pelo chefe ou outro membro da família (Ritual Romano, 1962; Silva, 2014).

“A Bênção do Giz:

V. Adiutorium nostrum in nomine Domini.

R. Qui fecit caelum et terram.

V. Dominus vobiscum.

R. Et cum spiritu tuo.

Bene+dic, Domine Deus, creaturam istam cretae: ut sit salutaris humano generi; et praesta per invocationem nominis tui sanctissimi, ut, quicumque ex ea sumpserint, vel ea in domus suae portis scripserint nomina sanctorum tuorum Gasparis, Melchioris et Baltassar, per eorum intercessionem et merita, corporis sanitatem, et animae tutelam, percipiant. Per Christum Dominum nostrum. R. Amen”

in Ritual Romano (1962) [consultado a 11/2015]

<http://www.sanctamissa.org/en/resources/books-1962/rituale-romanum/48-blessings-for-special-days-and-feasts.html>

É usual associar a Bênção das Casas e em particular as inscrições a giz às já referidas celebrações do primeiro mês do ano, em honra do Deus Jano, o Deus das Portas e dos princípios e fins. Fazer a inscrição nas portas ou junto delas significa abençoar quem entra e quem sai daquela casa, é um pedido de proteção para os habitantes da casa durante todo o ano. Também o Pintar e Cantar dos Reis no concelho de Alenquer é uma forma de desejar um Bom Ano a todos os vizinhos e habitantes das povoações onde se pratica esta expressão cultural (Guapo, 2015).

³⁷ Em Alemanha esta Bênção realiza-se durante a manifestação *Sternsingen*, com os cantares à estrela do dia 6 de janeiro.

A inscrição pode ainda ser interpretada como uma forma de celebrar a “marca” do episódio descrito no Antigo Testamento sobre o Êxodo de Israel do Egito. Segundo este episódio, os israelitas por altura da primeira celebração da Páscoa, por volta da meia noite, estariam sujeitos à pena de morte caso não se redimissem matando um cordeiro e marcando com o sangue desse cordeiro as ombreiras e o lintel das suas portas. O sacrifício do cordeiro no lugar do primogênito e a “marca” de sangue sobre as portas livraria quem vivesse nessa casa da morte e asseguraria segurança e proteção futura³⁸.

Retomando à influência das Ordens Mendicantes na difusão das cenas bíblicas e da incorporação das mesmas nos costumes populares, na Península Ibérica o Dia de Reis começa a ser celebrado precisamente devido à chegada dos Frades Franciscanos e Dominicanos a este território. Este facto permite sublinhar a importância de Alenquer no processo de difusão desta celebração. Em Portugal, foi na região do concelho de Alenquer que estas Ordens foram primeiramente acolhidas – entre 1212 e 1218 Frei Zacarias chega a Alenquer para fundar um convento Franciscano e Frei Soeiro Gomes, primeiro provincial dominicano da Península Ibérica (1221-1223) funda, no termo do concelho de Alenquer, no alto da Serra de Montejunto, o primeiro convento Dominicano português (Magalhães, s.d)³⁹.

São também estas Ordens que, junto com o Clero Secular, vão apoiar as Confrarias e Irmandades das Almas promovendo a crença de que “as almas caídas no Purgatório poderiam ser salvas através das orações dos vivos”, crença essa que também se apresenta como elemento do Pintar e Cantar dos Reis nalgumas localidades de Alenquer (Sardinha, 2000:151). Segundo Sardinha, para além da influência dos antigos cultos astrais e naturalísticos também o culto dos mortos, que após a Contra-Reforma foi orientado para a celebração das Almas do Purgatório, pode ser associado às origens do Pintar e Cantar dos Reis. Referindo-se às povoações de Alenquer, os cantares dos Reis Magos teriam um dia possuído “a componente devocional pelas Almas do Purgatório, com os versos respetivos, o peditório e restante ritual. Simplesmente, nalguns casos

³⁸ Em Portugal, para além das pinturas realizadas nos concelhos de Alenquer, Cadaval e Sobral de Monte Agraço, é possível encontrar referências a duas outras manifestações que, tendo configurações distintas do Pintar e Cantar dos Reis, também se realizam no mês de janeiro e também incluem pinturas junto à entrada das casas: em Almodôvar o costume de se cantarem as Chacotas “declaradas em coro entre 1 e 6 de Janeiro (...) pelos *janeiros e chacoteiros*, os quais, quando desagradados pela má recepção ou pela insignificância da recompensa, presenteiam com *cacadas* (pinceladas de cal sobre as lajes da entrada, nas portadas e nos vidros das janelas), entre outros arremessos (latas velhas, painéis de barro, estrume) os mal obsequiosos anfitriões, repetindo deste modo um gesto secular” (Soares, 1984:82 por referência à obra de Ribeiro, 1966). Em Ponte de Sor, na aldeia de Vale de Açor, na noite de 5 para 6 de janeiro, os jovens que vão para a tropa naquele ano cantam as Janeiras e celebram a “tradição das flores”: fazem recortes de papel (vasos com flores, desenhos alusivos a profissões, emblemas de clubes de futebol, etc.), molham-nos e colocam-nos nas paredes, depois “deitam a cal à parede” (em pó) e quando tiram o recorte o desenho fica junto à entrada das casas. Tradição que também já se realizou em Vale do Bispo, outra aldeia da freguesia de Vale de Açor (Guapo, 2015).

³⁹ Também em Vila Verde de Francos (Alenquer) D. Pedro de Noronha fundou, em 1540, um convento franciscano na encosta de Montejunto.

mantêm-se todos os elementos dessa devoção ao passo que noutros eles desapareceram. Noutros ainda vislumbram-se deles apenas alguns resquícios, como nas localidades onde já se não realiza o peditório para mandar dizer a Missa pelas Almas, mas permanecem na cantoria os versos a ela alusivos” (Id. Ibidem:161).

Não existindo registo de Confrarias e Irmandades das Almas nas localidades de Alenquer onde se Pinta e Canta os Reis, as práticas de alguns dos grupos apresentam, contudo, elementos que têm uma “intenção devocional às Almas Santas” (Id. Ibidem:150)⁴⁰. Por exemplo: a) partes das letras das cantigas (o início da letra de Olhalvo que encoraja os ouvintes a darem mais tarde uma esmola para as Almas - “Ó Almas que estão deitadas/Acordai se estão ouvindo/Peço às benditas Almas/Que eu por elas estou pedindo”⁴¹; o primeiro verso de Penafirme da Mata e da Mata que anuncia o cantar - “À porta das Almas Santas”; o remate final da cantiga que é gritado em Catém e Casal Monteiro - “Pràs Almas” e b) o resultado de parte do peditório que em Catém, Casal Monteiro e Mata se destina a mandar dizer uma Missa pelas Almas do Purgatório.

Os peditórios cerimoniais são, assim, outro elemento do Pintar e Cantar dos Reis que interessa salientar. Neste contexto são protagonizados por elementos do grupo no fim-de-semana a seguir ao Dia de Reis ou, no caso o Dia de Reis calhar a uma quinta ou sexta-feira, no segundo fim-de-semana seguinte, para passar algum tempo desde a celebração (opção de alguns grupos). Nas localidades onde se realiza o peditório o resultado é usualmente gasto nos custos de um almoço ou jantar a realizar entre os elementos do grupo – cantores e pintores, em alguns casos acompanhados dos respetivos familiares. Na Mata, Catém e Casal Monteiro, como já foi referido, uma parte é para pagar uma Missa pelas Almas⁴².

A complementar os elementos já identificados no Pintar e Cantar dos Reis - a festa, a linguagem escrita, os ritos naturalísticos e de sociabilidade, os cantares épicos, religiosos e petítórios, a Encomendação das Almas e a Bênção das Casas – terminamos enunciando o rito da puberdade que antigamente também se encontrava inscrito nesta manifestação. Não caracterizando a expressão cultural na atualidade, os testemunhos

⁴⁰ Não existe o registo nessas localidades, mas existe em povoações vizinhas. As Memórias Paroquiais (1758) das freguesias de Aldeia Galega da Merceana, Aldeia Gavinha, Várzea (Alenquer), Cadafais, Santana da Carnota, São Miguel de Palhacana e Ventosa referem essa existência, bem como a de um altar das Almas na antiga freguesia de Atougua das Cabras (Martins, 2008).

⁴¹ A letra da cantiga do Olhalvo refere o peditório “Pràs Almas”, mas hoje esse peditório destina-se a apoiar o Rancho Folclórico Etnográfico da Sociedade Filarmónica Olhalvense que realiza o Pintar e Cantar dos Reis e, em certos anos, também para um almoço.

⁴² Também será importante referir que as primeiras pinturas e inscrições populares documentadas datam do século XVI e eram feitas nas portas das cidades e nos cruzeiros colocados nas encruzilhadas dos caminhos lembrando a necessidade de rezar pelas Almas do Purgatório (pinturas de Almas a sofrer no fogo do purgatório). Segundo Margot Dias e Jorge Dias (1953) teria sido junto a esses cruzeiros que se executaram os primeiros cânticos dedicados às Almas Santas.

orais referem que até há cerca de 30, 40 anos o Pintar e Cantar dos Reis era um ritual iniciático de relevante importância para os jovens rapazes que residiam nas povoações de Alenquer onde se realizava a prática. Quando se tinha autorização para participar no Pintar e Cantar dos Reis mudava-se de estatuto, ou seja, o ritual representava a passagem para a vida adulta, observando-se nele “vestígios de antigas manifestações de admissão dos rapazes a um grupo etário e vivencial” (Sardinha, 2000:166).

PARTE III

O PINTAR E CANTAR DOS REIS – O PARTICULAR E O DIVERSO

Considerando cada uma das povoações do concelho de Alenquer onde se pratica o Pintar e Cantar dos Reis descrevem-se de seguida as particularidades e sentidos atribuídos a esta tradição no ano de 2016. O Pintar e Cantar dos Reis apresenta uma estrutura comum, mas não fixa e única. Diversos pormenores mudam de grupo para grupo - varia a letra das cantigas, a melodia, mudam detalhes dos desenhos e das inscrições, é diversa a constituição dos grupos e diferentes significados são atribuídos aos diferentes elementos da prática. O Pintar e Cantar dos Reis não é, deste modo, uma atividade cultural unidimensional, normalizada e replicada nas diversas localidades. É antes uma expressão cultural diversa e rica em especificidades, aspetos que serão abordados neste capítulo⁴³.

CATÉM

Duarte Carvalho terminou a escola primária aos 13 anos e foi nessa altura que pôde “juntar-se aos mais velhos” no Cantar dos Reis, há 56 anos. Antes disso lembra-se de ter 8 ou 9 anos e de não resistir à curiosidade, mesmo sendo proibido, espreitou pela janela enquanto o grupo de homens cantava num círculo apertado, na penumbra da noite, com uma manta sobre as cabeças para “abafar” as vozes, para não serem reconhecidos e para se protegerem do frio. Naquele momento Duarte desejou que os anos passassem depressa, queria muito ter idade para se juntar ao grupo. Também José João recorda que, naquela altura, o objetivo dos rapazes solteiros de Catém “era chegar aos Reis. Porque (...) aqui num sítio descampado, deserto... ir aos Reis era... era passar a ser independente”.

⁴³ A partir de entrevistas aos praticantes, dos registos etnográficos realizados na noite de 5 para 6 de janeiro, nos peditórios, nas missas e nos almoços de 2016.

Quando deixava a escola e tinha autorização para Cantar os Reis o membro mais novo do grupo só podia carregar a lanterna que alumiaava os pintores e para garantir o seu lugar tinha de se portar bem, “tinha de andar na linha”, senão os mais velhos faziam-no voltar para casa. “Como era o mais novo estava toda a gente a implicar com ele (...), nem comia nem bebia”. Só no ano em que entrasse um rapaz que o substituísse é que ele podia “juntar-se ao canto” e fazer parte do coro, comentam António Higino (atual membro do coro), Duarte Carvalho (antigo cantor) e José João (antigo pintor).

Duarte Carvalho cantou durante 50 anos, quando começou já não se usava a manta para cobrir os cantores, mas tudo o resto fazia-se “como antigamente”: o grupo era constituído só por rapazes, geralmente solteiros. Juntavam-se no Largo da aldeia (agora o Largo dos Reis)⁴⁴. Os pintores seguiam à frente com as tintas e pincéis, o apontador cantava as quadras junto às portas, num sussurro, e o coro repetia os versos por ele lançados.

Era o apontador que orientava os mais novos e o resto do coro, um homem mais velho que sabia os “preceitos” do ritual e que tinha “jeito para lançar os versos baixinho”. O grupo percorria os Casais vizinhos e toda a povoação. Alguns moradores deixavam da parte de fora das casas, junto à porta, um pedaço de bolo, uma garrafa de água-pé ou outra bebida alcoólica para o grupo se servir. Os donos das adegas de maior produção, mesmo não estando presentes, deixavam as portas das adegas abertas para os cantores e pintores se servirem da comida e bebida que ficava numa mesa propositadamente preparada para eles. Como retribuição o grupo pintava dentro dessas adegas os desenhos tradicionais e versos com votos de Bom Ano e boa produção.

Mais tarde, há cerca de 40 anos, quando António Higino começou a participar no grupo também foi “logo canalizado para o candeeiro”, mas os mais velhos não eram tão rigorosos “porque começou a haver muito pouca gente para cantar”. José João também começou a participar nos anos 70, numa “época em que os solteiros não chegavam”, foi quando os casados, como ele, começaram a Pintar e Cantar os Reis.

Com o passar dos anos também aumentou o número de casas abertas para receber o grupo. “Antigamente (...) ninguém vinha à porta nem nada disso. Se tinha alguma coisa a

⁴⁴ Após o 25 de Abril a Junta de Freguesia, quando estabeleceu a toponímia das Ruas e Largos das povoações, definiu em homenagem à tradição do Cantar dos Reis em Catém o nome de “Largo dos Reis” para o local da localidade onde o grupo iniciava e finalizava o ritual.

deixar, deixava num cantinho da porta prà gente comer ou beber, mas ninguém aparecia”, refere José João. Hoje é diferente, “mas mesmo assim são poucas pessoas a aparecer. Às vezes aparecem, o pessoal manda logo fechar a porta: “Olhe feche a porta se faz favor que não é permitido”, acrescenta António Higinio.

Em 2016 o grupo, de 10 cantores e 3 pintores, juntou-se na noite de 5 para 6 de janeiro, terça-feira, entre as 22h e as 23h e partiram para dar início à tradição nos Casais vizinhos voltando depois à povoação. Quando a celebração coincide com o fim-de-semana, aparecem mais elementos e o percurso faz-se mais devagar, até mais tarde. Durante a semana costumam terminar pelas 3h da madrugada e no final o grupo está reduzido a metade dos elementos.

Antigamente faziam o percurso dos Casais a pé, “havia carreiros” entre o alto de Meca, S. Brás, à entrada de Canados, e o Casal Mourisco. Hoje vão de carro a esses locais e quando voltam à povoação, aí sim, fazem o resto do percurso a pé. Também era junto ao Casal de S. Brás que realizavam o primeiro ensaio: “Havia ali um vale e a malta ensaiava (...). Agora já nem é preciso”. Antigamente “como as pessoas eram mais exigentes”, ensaiavam cantando duas, três e quatro vezes no início do percurso, explica José João.

Quando voltam a Catém param junto a todas as casas para cantar e, às vezes cantam mais do que uma vez junto da mesma casa. “Agora já acontece menos, mas antigamente havia casais que ficavam a viver com os sogros ou vice-versa, e tinham de cantar as duas vezes lá. É que eles não perdoavam”, conta José João. Se não cantassem duas vezes “era o suficiente para chegar lá, quando fosse o peditório: 'Não, eu não dou porque não cantaram'”, acrescenta António Higinio.

Só não cantam junto das casas onde faleceu algum membro da família. Pintam em todas as casas, mas se a família estiver de luto ou se a casa pertence a um viúvo ou viúva pintam um coração florido só em azul.

José João aprendeu a pintar com os mais velhos e, durante 40 anos, participou sempre como pintor. Explica que tal como ainda hoje acontece, naquela altura “ninguém queria andar com os pintores porque eram (...) muito exigentes”. Os pintores têm de saber o significado dos desenhos e, como têm de pintar em todas as casas, mesmo as que estão

de luto, onde não se canta, “nem sequer podem respirar” com tanto trabalho. E andam “sempre com as mãos todas sujas de tinta”.



Fotografia 5 - Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).

As inscrições e desenhos tradicionais de Catém, semelhantes às do Casal Monteiro mas com algumas diferenças, têm sido transmitidos de geração para geração e em 2016 eram os seguintes:

- o Um pequeno coração dentro dum vaso florido se o casal tem um bebé (ver fotografia 6);



Fotografia 6 – Desenho para casal com filho bebé (Catém).

- o Se o casal tem um bebé e outros filhos mais velhos, faz-se um pequeno coração dentro do vaso florido para representar o recém-nascido e de fora do vaso coloca-se - à volta, junto, mas não pegado ao vaso - um coração florido por cada um dos filhos mais velhos (independentemente do sexo e da idade). Desde o momento em que os rapazes começam a participar no Cantar dos Reis perdem o direito ao coração⁴⁵ (ver fotografia 7);



Fotografia 7 – Desenho para casal com bebé e dois filhos crescidos (Catém).

- o Se o casal tem filhos mas nenhum é bebé, desenha-se o vaso com os corações floridos do lado de fora (um por cada filho, independentemente do sexo e da idade)⁴⁶. Os corações estão junto ao vaso, mas não pegados a ele. Como elemento decorativo, colocam um losango no centro do vaso (ver fotografia 8).



Fotografia 8 - Desenho para casal com três filhos crescidos (Catém).

⁴⁵ Nos últimos anos os pintores não têm cumprido este critério e também pintam um coração para os rapazes que participam no grupo, mas continuam a viver em casa dos pais.

⁴⁶ Não existe desenho para “moça casadoira”, no entanto, os elementos do grupo explicaram que, há poucos anos, iniciaram uma “ordinaricezinha” e se a rapariga já namora colocam 3 pintas na pintura.

- o Se o casal tem filhos, mas os filhos já saíram de casa fica só o vaso florido com o losango dentro (ver fotografia 9);



Fotografia 9 - Casal quando os filhos saíram de casa (Catém).

- o Desenham-se dois corações floridos e entrelaçados quando o casal não tem filhos (independentemente de ser um casal recém-casado ou casado há vários anos) (ver fotografia 10);



Fotografia 10 - Desenho para casal sem filhos (Catém).

- o Um coração florido pintado a azul nas casas onde faleceu recentemente algum membro da família ou se a pessoa que lá vive é um viúvo ou uma viúva (ver fotografia 11);



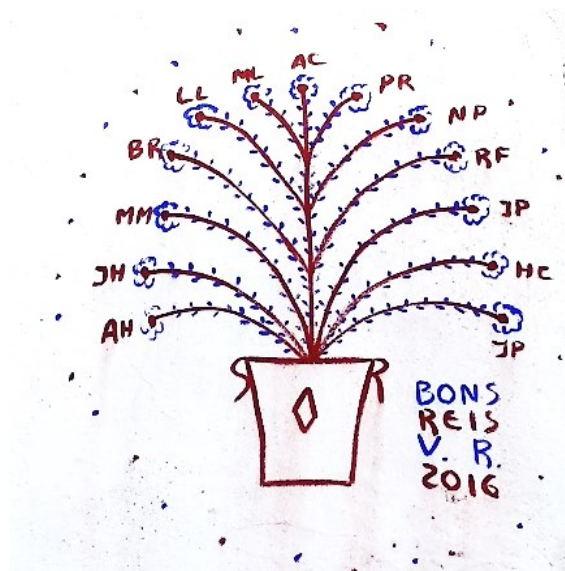
Fotografia 11 - Faleceu recentemente um membro da família (Catém).

- o Pintam-se desenhos alusivos à profissão dos moradores, aos serviços, ao comércio local, atividades recreativas e religiosas. Por exemplo o símbolo do martelo do calceteiro (ver fotografia 12);



Fotografia 12 – Desenho alusivo a atividade profissional de calceteiro (Catém, 2014).

- o O Vaso do Grupo dos Reis no Largo dos Reis – vaso florido onde se inscrevem nas hastes das flores as iniciais do primeiro e do último nome de todos os que participaram no grupo daquele ano (cantores e pintores) (ver fotografia 13);



Fotografia 13 – Vaso do Grupo dos Reis (Catém).

- o Sobre as letras e inscrições: escreve-se junto de todos os desenhos “Bons Reis V.R.” e o ano, neste caso 2016. O V.R. significa “Viva a República” (ver fotografias 6-13);
- o Nas adegas que deixavam as portas abertas para receber o grupo de reiseiros e uma mesa posta com iguarias natalícias, para além do vaso florido, escreviam-se versos desejando votos de Boas Festas e boa produção (Ver fotografia 14). Atualmente não desenham dentro das adegas.



Fotografia 14 – Versos e votos de Boas Festas na adega do Casal Mourisco (Catém).

O número de flores colocadas nos vasos e nos corações depende da decisão do pintor, varia entre as 2, 3 ou 4 flores. São elementos decorativos que representam os votos de felicidades.

Desenham-se pintas à volta dos símbolos para “embelezar”. “É o fecho (...) se faltar toda a gente crítica (...) tens de ir fechar [o desenho]” (ver fotografias 6-13). “As casas que ficam retiradas aqui do lugar levam um escrito por baixo a dizer “Catém”, que é para as pessoas saberem onde é que pertence [o desenho]” (ver fotografia 6), explica António Higino.

Os pintores desenham a azul e o vermelho, pigmentos misturados com água e cal. Pode calhar “Bons” a vermelho e “Reis” a Azul ou ao contrário, o mesmo acontece para as letras. A cor depende do pintor disponível. Cada pintor leva uma lata de cor diferente e, caso tenham necessidade, trocam de latas, descreve José João. Em 2016 participaram no grupo três pintores, um par que pintava no mesmo desenho e um pintor sozinho que pintava as duas cores e era acompanhado por um elemento que iluminava o desenho.

José João recorda que quando era pintor esteve “40 anos sempre sozinho a pintar, tinha de armar todos [os desenhos], todos por aí a fora”. As letras são pintadas por pessoas que participam na tradição há menos tempo, os desenhos são feitos por pessoas que já participam há mais tempo, que conhecem melhor os símbolos e “já estão mais acostumadas”, explica.



Fotografia 15 - Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).

Duarte Carvalho recorda-se de quando era muito pequeno ter saído à rua na Noite dos Reis, o que também não era permitido para quem não pertencia ao grupo (isso aconteceu no mesmo ano em que espreitou o grupo que cantava coberto com a manta). Duarte conta que nessa noite os pintores menos experientes, que “copiavam as letras”, em vez de pintarem “Bons Reis”, pintaram “Bois Reis”. “Meteram no lugar do “n” um “i” (...). Já vinham desde lá debaixo a fazer aquilo, tiveram de voltar atrás para emendar”.

Também é importante saber se a “casa está de luto”, se faleceu algum elemento da família. Nestes casos só podem desenhar a azul, se não o fizerem é complicado, o dono da casa pode zangar-se. Os pintores mais velhos raramente se enganam, mas os mais novos, distraídos ou depois de terem bebido “uns copos” já não sabem muito bem o que estão a fazer e “isso não pode ser” porque tanto a qualidade do cantar como a qualidade do pintar são avaliadas nos dias seguintes pela população, explica José João. Caso os vizinhos achem que o grupo não cantou bem ou não fez o desenho correto, isso vai repercutir-se no resultado do peditório que é feito no fim-de-semana a seguir ao Dia de Reis. Em 2016 realizaram o peditório no dia 10 de janeiro.

Os cantores seguem atrás dos pintores. Sabem a letra de cor, aprenderam-na com as gerações mais velhas. O apontador e o coro deslocam-se à entrada das casas, junto da porta ou de uma janela e posiciona-se numa roda apertada: “Chegando assim de roda da porta de entrada, ou então, a malta aqui como sabe onde é que é o quarto (...), vai à janela do quarto do residente”, descreve José João. O apontador recita ao coro, em voz muito baixa, a primeira quadra que anuncia a viagem dos Reis Magos e quando termina o coro repete em alta voz, gritando as primeiras sílabas do primeiro verso. Quem canta “baixinho é só o apontador porque depois quem ‘tiver a dormir acorda...[risos] é cantar sempre alto. Se for preciso ouve-se em Meca”, refere António Higino.

A cantiga é composta por 3 quadras. Todas são primeiro sussurradas pelo apontador e cantadas depois em alta voz pelo coro. A terceira e última quadra anuncia os votos de Boas Festas e termina com dois versos petitórios: “Também temos o cuidado/de aceitar, ai, o que nos deis”. No final acrescentam: “Pràs Almas!”



Fotografia 16 – Cantores do Grupo dos Reis de Catém (2016).

Letra⁴⁷

Guiados pr'uma estrela
Três Reis partem por mar fora
Visitar o Deus nascido
Está no céu e a terra adora

Embarcaram no nau
Sem perder, ai, tempo nem hora
Quando chegaram a Belém
De admirados saíram fora

Boas Festas vimos dar
Nas vindas, ai, dos Santos Reis
Também temos o cuidado
De aceitar, ai, o que nos deis

Pràs Almas

⁴⁷ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Catém.

Em 2016 o ritual terminou pelas 3h30 da madrugada no Largo dos Reis. Aí, para finalizar a celebração, pinta-se o Vaso do Grupo dos Reis com a inscrição das iniciais do primeiro e do último nome de todos os participantes daquele ano nas hastes das flores. Cantam no meio do Largo, numa roda larga, as três quadras sempre em voz alta, com o apontador a cantar junto do coro. Os pintores realizam ainda a tradicional lavagem das latas e dos pincéis na fonte do Largo (atirando, de surpresa, a água suja das tintas para cima dos membros que estão a assistir).

O Peditório dos Reis acontece no domingo do fim-de-semana a seguir ao Dia de Reis. Começa fora da povoação, pelos Casais vizinhos e pelo Alto de Meca pelas 16h e só depois pedem em Catém. Termina no final da noite. Um grupo de 4 a 6 homens vão casa a casa recolher a verba que servirá para “mandar dizer uma Missa pelas Almas” do Purgatório na Igreja de Meca e para pagar um almoço aos membros do grupo, os que participaram na celebração daquele ano.

A missa e o almoço são agendados para o mesmo domingo, data marcada no final do peditório, altura em que também se define quem fica como “tesoureiro” - o responsável por guardar e gerir o resultado do peditório. Em 2016 escolheram o dia 28 de fevereiro para encomendar a missa e almoçar num restaurante em Ribamar, na Ericeira.

Entre os praticantes, ninguém se lembra de, nos últimos 60 anos, se “ter deixado” de Pintar e Cantar os Reis em Catém. Mesmo que estivesse a chover cantava-se e pintava-se. “Eu já tive noites de começar e acabar sempre a chover. Por isso não houve interrupções”, a celebração realiza-se todos os anos, diz José João. Aconteceu não realizarem o peditório, a missa e o almoço quando um dos elementos faleceu, um antigo pintor, mas saíram na Noite de Reis para cantar e pintar. Mas já “chegámos a 'tar aí (...) só com 5 pessoas, só 3 a cantar”, comenta António Higinio. Nos últimos 3, 4 anos o grupo tem sido maior, é composto em média por 13, 15 membros e por isso acreditam que a prática não está em risco de desaparecer.

CASAL MONTEIRO

Em Casal Monteiro, os homens que vão participar no Pintar e Cantar dos Reis de 2016 vão chegando aos poucos à garagem do Eduardo Matias. São 22h e as latas para as tintas ocupam uma pequena mesa à entrada da garagem. Algumas garrafas de vinho do Porto, água-pé, vinho tinto e outras bebidas alcoólicas estão sobre outra mesa, maior, que ocupa um terço do espaço da garagem. O irmão do Eduardo, o Luís Franco, está a juntar água às tintas em pó. Ele é o pintor mais antigo do grupo, já participa no Cantar dos Reis há mais de 30 anos. Os pigmentos são o almagre vermelho e o azul de anilina e o Luís vai mexendo e acrescentando mais água ou mais pó enquanto espera que alguém lhe traga a cal para juntar às tintas, para as engrossar, para que “segurem melhor na parede”.



Fotografia 17 – Luís Franco a preparar as tintas (Casal Monteiro, 2016).

Os outros membros servem-se das bebidas e assinam o livro de presenças. Um documento que preenchem todos os anos e “fica para a posteridade”, mas que serve essencialmente para registar o nome e o número de participantes que dali a alguns meses serão chamados para o Almoço dos Reis.

Quando chegam com a cal Luís Franco termina a preparação das tintas, engrossa-as e procura uma parede para fazer o teste. Costuma ser numa parede exterior, mas como estão ocupadas com desenhos dos anos anteriores resolve usar uma parede interior e

começa a desenhar um vaso florido dentro da garagem. Está contente com o modo como as tintas aderem à parede, mas continua a ensaiar desenhando dois corações entrelaçados. Pede opinião aos membros do grupo e estes concordam que as tintas estão prontas. Já todos chegaram, vão iniciar a celebração.

O grupo foi sempre constituído por homens, independente de serem ou não casados e “hoje, até temos pessoas, que nem são daqui, que vêm fazer parte do grupo, que aparecem cá [por exemplo de Meca] (...). A malta, normalmente, é sempre a malta do lugar (...), mas quem quer aparecer aparece (...). Há anos que temos, a contar com o grupo todo, 20 pessoas, há anos qu'ê menos. Quando é ao fim-de-semana, normalmente, ajunta-se mais gente, quando é durante a semana ajunta-se menos gente”, explica Eduardo Matias.

Em 2016 apareceram 17 homens, dois trios com dois pintores e um homem de lanterna, o coro e o ponto. Em Casal Monteiro chama-se “ponto” ao que nas outras localidades chamam “apontador” - o solista que lança os versos ao coro. Aqui “o ponto costuma ser sempre o mais velho e quando este não pode ir aos Reis há sempre outro que o substitui”, diz Eduardo Martins.

Saem da garagem e dirigem-se para a casa vizinha que será a primeira do percurso por ficar numa das pontas da povoação. Vão começar ali, depois percorrem Casal Monteiro, a seguir seguem para os Casais vizinhos (em Vale Figueiras⁴⁸), vão pintar e cantar a Meca e, no fim, por volta das 3h da madrugada, voltam ao Casal Monteiro para pintar o Vaso do Grupo dos Reis.

As pinturas, apesar de semelhantes às de Catém registam diferenças de pormenor e estética, por exemplo: os corações desenhados fora dos vasos estão ligados à base destes e, como elemento decorativo, acrescentam pintas no centro dos corações e dos losangos. Pormenorizando, as inscrições e desenhos geralmente pintados são os seguintes:

- o Um pequeno coração dentro dum vaso florido se o casal tem um bebé ⁴⁹;

⁴⁸ Chegaram a ir a Porto da Luz.

⁴⁹ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. Por esse motivo não foi objeto de registo fotográfico.

- Se o casal tem um bebé e outros filhos mais velhos, faz-se um pequeno coração dentro do vaso florido para representar o recém-nascido e de fora do vaso coloca-se, ligado à base, um coração florido por cada um dos filhos mais velhos (independentemente do sexo e da idade)⁵⁰;
- Se o casal tem filhos mas nenhum é bebé, desenha-se o vaso com os corações floridos do lado de fora ligados à base (um por cada filho, independentemente do sexo e da idade). Como elemento decorativo, colocam um losango no centro do vaso (ver fotografia 18).



Fotografia 18 – Casal com um filho crescido (Casal Monteiro).

- Se o casal tem filhos, mas os filhos já saíram de casa fica só o vaso florido com o losango dentro (ver fotografia 19) – o desenho mais recorrente;



Fotografia 19 - Casal quando os filhos já saíram de casa (Casal Monteiro).

⁵⁰ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. Por esse motivo não foi objeto de registo fotográfico.

- o Desenham-se dois corações floridos e entrelaçados quando o casal não tem filhos (ver fotografia 20);



Fotografia 20 - Casal sem filhos (Casal Monteiro).

- o Um coração florido pintado a azul nas casas onde vive um viúvo ou uma viúva e um vaso florido azul se faleceu recentemente outro membro da família (ver fotografias 21 e 22);



Fotografia 21 – Viúva ou viúvo (Casal Monteiro).



Fotografia 22 – Morte de um elemento da família (Casal Monteiro).

- o Pintam-se desenhos alusivos à profissão dos moradores, aos serviços, ao comércio local, atividades recreativas e religiosas, por exemplo o desenho da igreja em Meca (ver fotografia 23);



Fotografia 23 – Desenho alusivo a atividade religiosa – Igreja de Meca (Casal Monteiro).

- o O Vaso do Grupo dos Reis numa fachada que se destaque (varia de ano para ano) – vaso florido com um losango e as iniciais do primeiro e do último nome de todos os que participaram (cantores e pintores) em lista de um dos lados do vaso ou distribuído pelos dois lados do vaso com a inscrição “Grupo dos Reis Casal Monteiro” (ver fotografia 24);



Fotografia 24 – Vaso do Grupo dos Reis (Casal Monteiro).

- o Sobre as letras e outras inscrições: escreve-se junto de todos os desenhos “Bons Reis V.R.” e o ano, neste caso 2016. O V.R. pode significar “Viva os Reis” ou “Viva a República” (ver fotografias 18-24);

Os ramos floridos dos vasos e dos corações são elementos decorativos que representam votos de felicidade. O número de ramos não é constante dependendo da decisão do pintor, usualmente fazem 3 ramos nos corações e 4 ou 5 nos vasos. Os desenhos são “fechados” com um círculo de pintas das duas cores.



Fotografia 25 – Luís Franco a testar as tintas (Casal Monteiro, 2016).

Os pintores fazem os desenhos porta a porta, “um pinta o vermelho e outro pinta o azul e completam o desenho (...). Um ajeita-se mais para desenhar as letras outro para os vasos”, só quando avançam é que os cantores se posicionam em roda junto à entrada de cada casa para cantar. “Como é uma zona pequena é de porta a porta [e] o ensaio é na primeira casa [risos] (...). Aquilo é o que sai no momento, depois vai-se aperfeiçoando... Às vezes quando é sobre a manhã já está um bocadinho pior [risos]”, descreve Eduardo Matias.

Eduardo recorda quando na infância vivia em Vale Figueiras e só dava pelos reiseiros “quando eles ‘tavam a cantar. Hoje já se faz um bocadinho mais de barulho (...). Até se fala que naquela altura se usava uma manta (...) para nem se ver, nem se conhecer. Só se sabia [quem pertencia ao grupo] depois, no domingo a seguir, quando era feito o peditório”.

Quando foi viver para o Casal Monteiro, aos 13, 14 anos, Eduardo entrou no grupo e começou por carregar o candeeiro para iluminar os pintores. “Cantar não sabia, pintar também não, ia andar com o candeeiro”. Quando foi substituído por um rapaz mais novo passou para o coro, onde era necessário haver mais gente e onde ainda hoje canta, há mais de 45 anos.

A cantiga é composta por 3 quadras – duas sobre a viagem dos Reis e a última com versos petitórios. O grupo de cantores junta-se em roda apertada na entrada das casas, o ponto⁵¹, mais junto à porta, canta uma quadra “em voz baixa” no “cantar à fechadura” e “depois canta o grupo todo (...) numa só voz”. Termina com o “Pràs Almas”, refere Eduardo Matias.



Fotografia 26 – Eduardo Matias e os cantores do Grupo dos Reis de Casal Monteiro (2016).

Letra⁵²

Guiados p'l'uma estrela
Três Reis partem por mar fora
Visitar o Deus nascido
Está no céu e a terra adora

Embarcaram na nau
Sem perderem tempo nem hora
Quando chegaram a Belém
E admirados saíram fora

Boas Festas vimos dar
Nas vindas dos Santos Reis
Também temos o cuidado
De aceitar, ai, o que nos deis

Pràs Almas.

⁵¹ Em 2016 o ponto foi Joaquim Carvalho.

⁵² Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Casal Monteiro.

Antigamente os mais velhos não permitiam qualquer barulho durante o percurso, mas hoje é diferente. Até porque “há uma casa ou outra que abre a porta, coisa que dantes não acontecia. Porque era sempre porta fechada e luz apagada (...). Ainda hoje, se a pessoa tiver à porta, a gente diz a ela para fechar a luz (...) para a gente cantar (...), depois pode abrir a porta”. Alguns vizinhos têm uma mesa preparada para aos reiseiros se servirem de comida e bebida.

Terminada a celebração alguns elementos do grupo voltam a encontrar-se no domingo seguinte para fazer o peditório. “Costuma [ser] no domingo a seguir, mas se [a Noite de Reis] calhar à sexta-feira não se vai logo no domingo, né?”. Fazer o peditório um ou dois dias depois do ritual “parece mal” e nesse caso vão no segundo domingo após a celebração, explica Eduardo Matias. Como em 2016 a tradição realizou-se numa terça-feira, o peditório foi no domingo seguinte, a 10 de janeiro. Nesse dia 4 membros do grupo foram de porta em porta recebendo os contributos monetários dos vizinhos, um dos elementos apontava as dídivas e os doadores. Muitas vezes os moradores voltam a oferecer um pedaço de bolo-rei, outros doces de natal, um Porto ou outra bebida durante o peditório.

“Alguns vizinhos contribuem com um envelope com dinheiro onde escrevem ‘Pràs Almas’”, isto porque com o resultado do peditório “manda-se dizer uma Missa pelas Almas” na Igreja de Meca. No mesmo dia da missa, há um almoço com todos os membros do grupo e respetivas famílias. Primeiro “iam só os homens, faziam aí um petisco [na adega ou na garagem de um dos elementos do grupo]. Depois começou-se a ir para fora, depois começou-se a levar a família”, refere Eduardo Matias. O peditório cobre o custo do almoço dos reiseiros, as refeições dos familiares são pagas à parte. Em 2016 a data marcada foi o dia 3 de abril, alguns elementos assistiram à missa das 9h em Meca e depois o grupo reuniu-se para ir almoçar a um restaurante nas Caldas da Rainha.

O grupo de reiseiros do Casal Monteiro acredita que a tradição vai continuar por mais anos e não está em risco. “Aqui do grupo, o meu avô materno fez parte (...), [eu] acompanhei depois com o meu pai e agora já começou o meu filho, já faz parte do grupo. O meu irmão é pintor (...), ele ainda acompanhou com o meu avô materno (...). Vê-se já muita malta nova que vai acompanhando (...), por isso eu penso que ‘tá garantido”. Até porque o grupo só parou nos anos de grande temporal - o “tempo estava mesmo, mesmo mau, os pintores e cantores estavam reunidos, mas não parava de chover e não deu mesmo para sair. De resto temos saído sempre, desde que a tinta não escorra na parede,

temos saído sempre. Já há alguns anos que não temos paragem nenhuma”, conclui Eduardo Matias.

MATA

Em Mata era habitual os homens começarem o percurso dos Reis à meia-noite do dia 5 de janeiro, isto quando a maioria trabalhava na agricultura e podia tirar a manhã seguinte para descansar. Hoje, porque grande parte dos reiseiros tem um emprego nos serviços, na construção, na indústria ou no comércio, se a celebração calha a um dia da semana é mais difícil tirar um dia de trabalho e por isso o ritual inicia mais cedo para terminar mais cedo.

Começam a juntar-se pelas 22h no alto da Mata na adega do Francisco Franco onde bebem um copo e partem até à Remolha, o “cotovelo”, um sítio abaixo da Mata, onde iniciam o Pintar e Cantar dos Reis. Depois fazem a parte baixa da aldeia, vão “ao fundo do lugar”, sobem e terminam no Alto da Mata, outra vez na adega do Francisco Franco. “Acaba-se lá para o lado das 2h e meia, 3 horas” explica António Costa, um dos atuais apontadores e também um dos membros mais antigos do grupo.

António aprendeu a cantar com “os antigos, há 52 anos” e conta que começou a apontar quando “teve mesmo de ser” porque “não havia mais ninguém para apontar”. Entretanto já ensaiou dois jovens, o Rui e o João Francisco.

João Francisco, com 22 anos, participa nos Reis há 7 anos. Jogava à bola com amigos mais velhos que iam Cantar os Reis e diziam que era divertido. Quando o convidaram ele aceitou. Em 2016 e 2015 já apontou, diz que “à primeira não sai bem, à segunda já sai um bocadinho melhor. É uma questão de ensaio”. João Carvalho, de 26 anos participa nos Reis desde os 17 anos como elemento do coro e acrescenta que no primeiro ano só conseguem apanhar as últimas palavras da frase, “com o decorrer da noite é que se começa a aprender a letra completa, mas ainda hoje há erros. Tanto dos mais velhos, como da nossa parte”.

Na época dos pais e avós de alguns dos atuais membros o grupo chegou a fazer ensaios. Isso acontecia porque, segundo os atuais praticantes, os moradores eram muito exigentes, grande parte sabia a letra e escutava atentamente os cantores para ver se os reiseiros se enganavam, caso isso acontecesse no outro dia criticavam e por vezes não contribuíam para o peditório. Atualmente já é raro ensaiarem. “A gente ensaia pelo caminho”, no próprio dia, nos primeiros locais onde se canta, explica António Costa.

Francisco Franco, um dos pintores, que participa na celebração há mais de 30 anos, diz que ainda hoje “há certas pessoas mesmo viciadas”, a ver se há algum engano, principalmente os mais idosos. E como todos os anos há membros novos “para que isso não aconteça (...), como se diz na tradição para que 'não haja buraco' (...) essa pessoa tem de ser puxada (...). Por outro lado, “se a pessoa vê que se vai enganar, cala-se”, assim “não se ouve o engano”. António Costa acrescenta: “Quando há algum engano e a pessoa não nota faz-se assim... [pisa o pé do colega do lado e sorri]. Pisa-lhe o pé, a pessoa vê que está mal e cala-se”.

Fernando Manuel, um dos membros do coro, explica que cantam e pintam junto a todas as portas “e as pessoas que estão dentro de casa só vêm à espreita (...) no fim”. Abrem a porta e oferecem uma bebida ou um bolo “para se conchegar o estômago, e assim se percorre a aldeia toda”. Francisco Simões, de 77 anos, recorda que “antigamente, o pessoal metia à janela uma garrafinha de ginja ou de aguardente” e raramente abriam a porta.

Sobre os Reis e os doces característicos daquela quadra José Miguel, de 63 anos, também elemento do coro, tem como memória mais antiga desta tradição ser criança, estar em casa e comer “as filhoses até ouvir Cantar os Reis, sobre a manhã. Nã se ia ninguém deitar, é verdade. Eram uns fritozinhos e beber um cafezinho”.

Sobre a constituição do grupo referem que este costuma ter perto de 20 elementos, número que se mantêm até ao fim da noite. Em 2016 participaram 22 reiseiros, dois deles de fora (vivem em Vila Franca de Xira e Alenquer, mas participam nos Reis há muitos anos e têm família na Mata). Os pintores seguem à frente, usualmente dois grupos de 3 – cada com 2 pintores e uma pessoa com a lanterna. Depois vêm os cantores. “Eles nunca podem estar ao pé da gente, nem a gente ao pé deles” e quem pinta raramente entra nas casas para comer. Só quando as mesas são maiores e com mais “sortido” é que são chamados. Temos “o pior quinhão”, comenta o pintor sorrindo.

Primeiro o grupo era constituído apenas por homens, solteiros e casados, mas há 4 anos as mulheres começaram a participar. Francisco Franco explica que “foi, pronto, um tipo de curiosidade, [elas perguntaram]: Atão, mas isto não pode ser também feito pela gente? [os homens do grupo responderam]: Atão, porque não? (...). E elas juntaram-se à

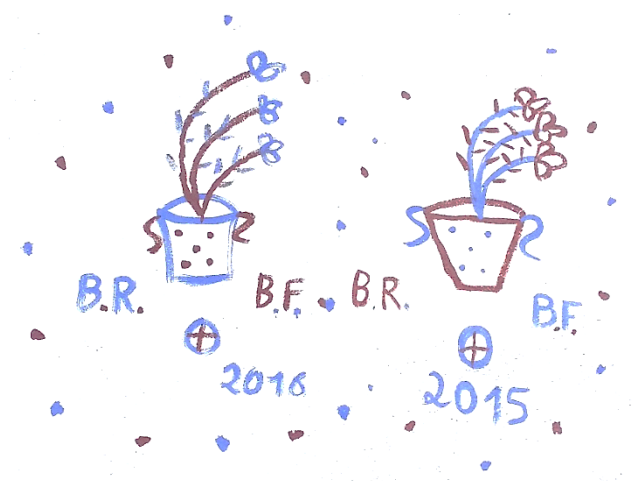
gente (...). Naquela altura era uma ou duas e agora já tem a participação de mais, porque umas puxam as outras, tal e qual como [acontece com] a juventude”.

Cátia Simões, de 27 anos, foi um dos primeiros elementos femininos do grupo. Sempre ouviu o Cantar dos Reis, lembra-se de ser muito pequena, a mãe dizia para ela não fazer barulho e ela ficava escondida atrás da árvore de Natal a ouvir cantar. Os anos passaram e a Cátia continuava a gostar da tradição. Quando esteve a estudar em Santarém a mãe ligava-lhe para ela poder ouvir o Cantar dos Reis pelo telefone. O avô, o tio, o primo e o irmão eram reiseiros e ela queria muito participar. Há cerca de 4 anos o avô Francisco Simões deu-lhe uma boina e disse: “Agora finges que és um rapaz” e a Cátia começou a ir aos Reis. “A Susana tinha ido uma vez pintar (...), depois fui eu, depois foi a Inês e a Daniela (...), a Célia da Junta (...). Este ano já tivemos mais, tivemos a Juliana e a Sandra (...), a Catarina a irmã do João também já participou”, enumera Cátia quando explica que, de ano para ano, aparecem novos membros femininos.

Os novos praticantes são distribuídos pelos pintores e pelo coro, conforme haja necessidade de preencher “uma falta”. As mulheres que entraram no grupo são bastante novas, com uma média de 20 anos e, em 2016, houve um trio de mulheres a pintar.

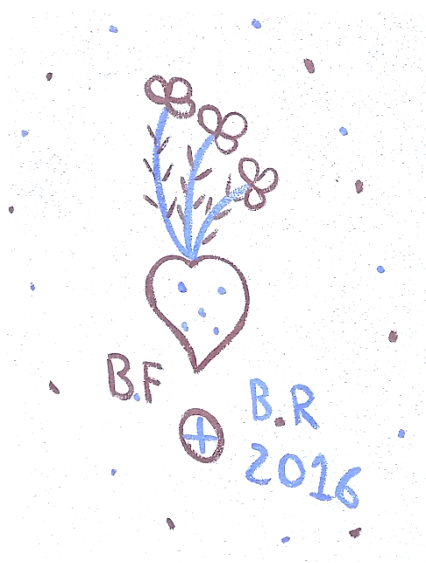
Comparando com Catém e com Casal Monteiro os desenhos da Mata apresentam várias diferenças na forma e no significado. As pinturas mais características desta povoação são as seguintes:

- Um vaso florido para os casais ou pessoas que vivem sós porque os filhos já saíram de casa (a pintura mais recorrente). Este desenho também é utilizado para casais com filhos do sexo masculino (independentemente da idade e do número) (ver fotografia 27);



Fotografia 27 - Casais ou pessoas que vivem sós (Mata).

- o Um coração florido quando na casa vive um casal com filhos em idade “casadoira”
(ver fotografia 28) ⁵³;



Fotografia 28 - Casais com filhos em idade “casadoira” (Mata).

- o Dois corações floridos entrelaçados no caso do casal ter duas filhas em idade “casadoira” ⁵⁴;

⁵³ Os mais jovens fazem uma distinção genérica que resume a simbologia dos corações e dos vasos pintados com as duas cores: “usa-se o coração quando há filhas para casar, o vaso é quando não há”. Os pintores mais novos também referem que quando chegam a uma casa ponderam se houve alguma alteração no agregado familiar, se não há alteração copiam o desenho do ano anterior.

⁵⁴ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. Por esse motivo não foi objeto de registo fotográfico.

- o Um vaso florido pintado a azul nas casas onde faleceu recentemente algum membro da família ou se a pessoa que lá vive é um viúvo ou uma viúva (ver fotografia 29);



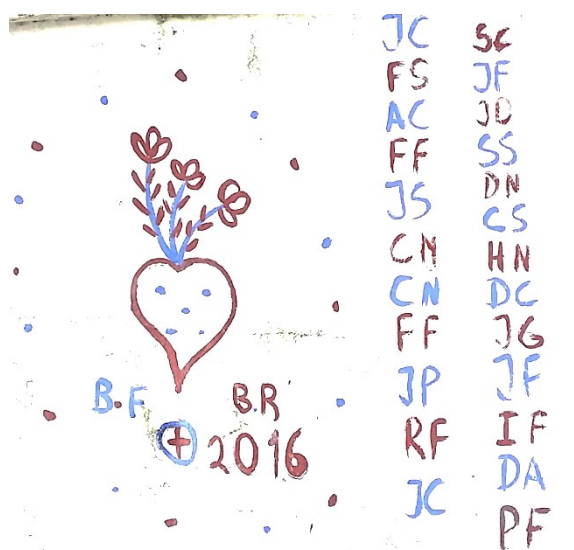
Fotografia 29 - Casa “de luto” (Mata).

- o Pintam-se desenhos alusivos à profissão dos moradores, aos serviços, ao comércio local, atividades recreativas e religiosas. Por exemplo o conjunto de mobília de uma sala numa carpintaria e a inscrição “Boa Venda” (ver fotografias 30);



Fotografia 30 – Desenho alusivo a atividade comercial - carpintaria (Mata).

- o O Vaso ou o Coração do Grupo dos Reis era desenhado dentro de uma adega onde o grupo terminava o ritual, no alto da Mata. Durante muitos anos desenhava-se na adega do pintor Francisco Franco – um vaso ou um coração florido e do lado de fora as iniciais do primeiro e do último nome de todos os praticantes⁵⁵. Em 2016 o trio de mulheres pintoras desenhou numa parede do Largo do Poço um coração junto às iniciais dos participantes (e de mais dois elementos que não puderam estar presentes, mas que costumam cantar todos os anos) (ver fotografia 31);



Fotografia 31 – Coração do Grupo (Mata).

- o Junto a todos os desenhos pintam: o “símbolo dos Reis Magos”, a que também chamam a “cruz dos Reis Magos” - um pequeno círculo com uma cruz no meio. As siglas B.F. (Boas Festas) e B.R. (Bons Reis) e o ano em que se realizou o desenho (ver fotografia 27-31).

Todos os corações e vasos são ornamentados com três flores e têm 5 pintas no interior a representar as “5 lágrimas de cristo” [as 5 chagas de cristo]. Os desenhos são “fechados” com pintas das duas cores (ver fotografia 27-29 e 31).

Há pelo menos 10 anos que usam moldes de chapa para ajudar a desenhar o coração e o vaso, fazem-no para que os desenhos fiquem com o mesmo tamanho em todas as casas. Contudo, como só existe um molde para cada desenho, um trio de pintores leva o molde

⁵⁵ Os mais idosos falam de um vaso, os mais novos falam de um coração. Segundo Francisco Franco a adega foi pintada não havendo registos do desenho final anteriores a 2016.

do coração e o outro leva o molde do vaso. Quando encontram uma casa onde necessitam de pintar o símbolo do qual não têm molde, desenham-no à mão livre. Cátia Simões comenta divertida que “os moldes, às vezes perdemos-los, mas depois voltamos a trás para os apanhar”.



Fotografia 32 – Pintoras do Grupo dos Reis da Mata (2016).



Fotografia 33 – Pintores do Grupo dos Reis da Mata (2016).

As cores utilizadas são o azul e o vermelho almagre, “quase uma espuma de vinho (...). É tinta de fazer as barras (...), vem um pó e depois é misturado com água (...). De há uns tempos para cá meto um bocado de cal. Porquê? A cal ensopa mais. Se tiver a parede molhada, a cal dá origem de puxar mais e não escorre”. Fazem os desenhos à mão, explica Francisco Franco.

Sobre os cantores na Mata, o apontador canta mais perto da entrada da casa, em voz alta e o coro responde um pouco mais afastado. Executam sempre a cantiga completa, o apontador canta a primeira quadra alusiva às Almas Santas e à chegada dos Três Reis, o coro canta outra quadra sobre essa viagem. A seguir o apontador canta um dístico e coro responde com outra quadra ainda sobre a aventura dos Reis; continuam com o apontador a cantar um segundo dístico sobre a visita dos pastores à manjedoura, a seguir o coro canta uma oitava alusiva ao romance da “Noite de Natal”, sobre o nascimento de Jesus na manjedoura com “o boi a bafejar” e a “mula a resmungar”, amaldiçoando a mula.



Fotografia 34 – O apontador António Costa e o coro do Grupo dos Reis da Mata (2016).

Letra⁵⁶

À porta das Almas Santas
Bate Deus a toda à hora
À chegada dos três Reis
Do lado do Oriente

**Do Oriente vem três
Visitar o Deus Nascido
Para ir para Belém
Vamos embarcar ao Grilo**

Avistámos as estrelas
Chegámos à cruz da pedra

**Os da pedra perguntaram
Se era perto a Belém
Os da guarda responderam
Perto está o nosso bem**

Entraí pastores entraí
Neste portal(e) sagrado
**Vimos visitar Jesus
Está nas palhinhas deitado
Era o boi a bafejá-lo
Era a mula a resmungar
Mal santa dita mula
Que não tenhas coisa alguma
Se alguma coisa tiveres
Dela não tenhas fortuna**

Sobre o peditório Fernando Manuel explica que “depois, ao fim aí de 15 dias, 3 semanas, vamos fazer o 'peditóriozinho' dos Reis e toda a malta colabora com dinheiro (...). Dantes era com batata, cebola, alho, uma criação. Nós realizávamos um almoço convívio. Hoje já está diferente, tudo dá dinheiro. Uns dão 50, outros dão 20, outros dão...conforme podem, não é?”. António Costa acrescenta “nós vamos Cantar os Reis, faz de conta, de sexta para sábado, ou de quinta para sexta, não se vai logo no domingo à procura do dinheiro (...). Não. É sempre num espaço de mais 8, 15 dias (...). Convém ser no mês de janeiro. Senão depois passa”.

⁵⁶ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Mata.

Em 2016 o peditório realizou-se no dia 17 de janeiro, num domingo à tarde. O almoço foi marcado para o dia 6 de março num restaurante na Merceana, no mesmo domingo em que assistiram de manhã na Igreja de Aldeia Gavinha à missa que mandaram dizer pelas Almas (paga com uma parte da receita do peditório). A cerimónia religiosa terminou com uma atuação do grupo dos Reis.

Sobre a história do Grupo da Mata, houve um período em que se formaram dois grupos de reiseiros, o que não resultou e acabou por haver 2 ou 3 anos em que nenhum dos grupos cantou ou pintou os Reis. “Depois retomámos outra vez a atividade com um só grupo” diz António Costa que, para além desse período, só se lembra de ter falhado a celebração quando esteve no Ultramar. João Carvalho, um dos membros mais novos, recorda o ano em que faleceu, num acidente rodoviário, um jovem que pertencia ao grupo e nesse ano não cantaram⁵⁷. António Costa também refere os anos em que eram poucos a participar. Até há 4, 5 anos “a gente andava a cantar os reses e 'tava a começar a falhar (...). Não havia povo e o pessoal andava a trabalhar e tal. E aqui o meu compadre [o Fernando Manuel] diz-me assim: “Estás a ouvir, isto nunca vai a baixo, hã? Tu cantas e eu pinto”.

Atualmente manifestam-se esperançosos em relação ao futuro do Pintar e Cantar dos Reis na Mata. Dizem que o facto de elementos da Junta de Freguesia acompanharem o grupo (o que aconteceu nos dois últimos anos) e do Município promover eventos sobre o Cantar dos Reis “dá muito entusiasmo”: “A presidente [da Junta da Freguesia] vai sempre ca gente (...) e a Câmara também chamou a gente lá abaixo a Alenquer. Cantámos, fizemos lá o nosso 'discursinho', no resto comemos uma bucinha, bebemos uma pinguinha de água...[risos]...sempre alivia mais o *stress*”, brinca António Costa que, entretanto, num registo bem mais sério, tinha declarado que o mais importante para o futuro “é a malta nova gostar também [da tradição]. A gente vai ter com uma pessoa nova: 'Olha a gente vai Cantar os Reis. Queres ir?' 'Vou, sim senhora'. E outros inté vêm ter com a gente e pedem para irem mais a gente. E temos bastante malta nova, temos rapazes novos, temos raparigas novas também a cantar junto com a gente”. Francisco Simões reforça esta opinião: “Há 50 anos sempre me lembra de Cantar os Reses e pronto, gosto desta tradição. Mas agora as pernas já não ajudam, não sei se para o ano vou cantar senão vou, se eu puder vou, agora se eu não puder dou a vez aos meus netos”. “A gente arranja uma cadeira e leva-te” dizem os colegas entre risos.

⁵⁷ Os praticantes não precisaram a data dessas paragens.

PENAFIRME DA MATA

João Francisco Cipriano participa no grupo de reiseiros de Penafirme da Mata há mais de 50 anos e só se lembra de um ano em que não se pintou nem cantou os Reis: “Foi quando arrebentou a guerra no Ultramar, nesse ano não se cantou em Penafirme. De 61 para 62 (...) foi muita malta nova para o Ultramar (...) e a malta mais velha não se juntou, não se agrupou e não se cantou os Reis”. Para além dessa data, “com 66 anos, não me lembro de não se Cantar os Reis cá em Penafirme”, comenta João Cipriano.

Manuel Cipriano, irmão de João Francisco, com 83 anos e antigo pintor do grupo refere que Penafirme chegou a ir cantar a Olhalvo e à Pocariça, em alguns dos anos em que os grupos destas localidades estavam inativos. Não iam aos 3 lugares no mesmo ano, cantavam e pintavam em Penafirme da Mata e iam um ano ao Olhalvo e no ano seguinte à Pocariça.

Os reiseiros de Penafirme da Mata acham que nas últimas décadas a tradição manteve-se sem grandes alterações, a cantiga é a mesma, os símbolos desenhados pelos pintores têm sido transmitidos de geração para geração. A única alteração de que João Cipriano se recorda aconteceu na altura “do antigo regime (...). Eles não queriam este símbolo da amizade [o coração florido] e então modificaram (...). [Houve] um ano que não puseram o símbolo, mas meteram os “Bons Reis” (BR) na mesma”. Por outro lado, mesmo sendo um grupo constituído informalmente, há tempos idos esse “ajuntamento” era ainda mais fluido. “Antigamente as pessoas não 'távam organizadas (...), formava-se o grupo mesmo à própria da hora. 'Távam (...) na taberna (...), agrupavam-se e iam cantar, a malta mais velha, depois aparecia mais um miúdo com 14 ou 15 anos que os acompanhava e era assim”. Hoje, contactam-se por telemóvel e combinam juntar-se para Cantar os Reis. “Comunicamos uns com os outros e depois forma-se o grupo, quase nem é preciso ensaiar porque toda a gente sabe a letra, né? (...). Entra-se em contacto com o pintor, com os rapazes que vão pintar, depois é que começamos a cantar”, refere João Cipriano.

Em Penafirme da Mata iniciam o percurso pelas 22h dividindo o grupo em dois para irem cantar e pintar às localidades e Casais vizinhos. Vão ao Vale de Ossa (freguesia de Meca), depois seguem para os Casais da Ramalheira (ao Casal do Casco) e encontram-se na Quinta da Lage, um sítio central onde os donos costumam ter uma mesa de iguarias à espera dos reiseiros. É a partir deste local que se juntam num só grupo para fazer o percurso dentro de Penafirme da Mata. Na aldeia pintam e cantam junto a todas as casas

habitadas e terminam pelas 4 ou 5 horas da madrugada. “Consoante as pessoas abrem a porta para a gente lá ir comer qualquer coisa (...), lá temos de parar [sorri]. É por essa razão é que acaba um bocadinho mais tarde” explica João Cipriano ao que Manuel acrescenta também sorrindo: “Comida é pouco, é mais a beber”.



Fotografia 35 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata (2016).

Terminam o ritual junto às Portas do Sol onde cantam três vezes “para fazer o fecho”. Em 2016 cantaram 3 apontadores por isso, no final, cada um cantou uma vez. O usual é o grupo ter dois apontadores e um cantar uma vez e outro duas. Pintam nesse local os votos de Bons Reis para toda a povoação.

Em Penafirme da Mata o grupo tem 4 pintores que andam aos pares, “um faz o símbolo e as letras e o outro faz as pintas, embeleza a situação (...)”. Os pintores, por norma, vão sempre à frente”, comenta João Cipriano. Antigamente era costume ir Cantar os Reis a uma Quinta ou Casal que lhes dava a verba necessária para comprar as tintas: “Tínhamos aqui uma Quinta, que é perto, chama-se a Quinta da Margem Dourada que é aqui ao pé do Olhalvo. Íamos lá [cantar, pintar e pedir] e recebíamos 20 escudos. Ainda me lembro bem, naquela altura era 20 escudos e esse dinheirinho dava para pagar a tinta”, explica Manuel Cipriano.

Os desenhos característicos de Penafirme da Mata são:

- o O coração florido com outro coração no meio que simboliza a amizade⁵⁸ (ver fotografia 36);



Fotografia 36 – Coração símbolo da amizade (Penafirme da Mata).

- o Dois corações floridos entrelaçados no caso do casal ter filha em idade “casadoira” (ver fotografia 37);



Fotografia 37 – Casal com filha em idade “casadoira” (Penafirme da Mata).

- o Junto a todos os desenhos pintam o BR, que corresponde a Bons Reis, um pequeno círculo com uma cruz e quatro pintas, que simboliza a estrela dos Reis, e o ano da celebração (ver fotografia 36 – 37, 39 e 41);

⁵⁸ O grupo de Penafirme da Mata não desenha o vaso.

- o Quando a casa pertence a um dos membros do grupo, em vez do círculo com a cruz desenha-se uma estrela entre a sigla BR e o ano. Para além do BR faz-se a inscrição “Bons Reis” (ver fotografia 38);



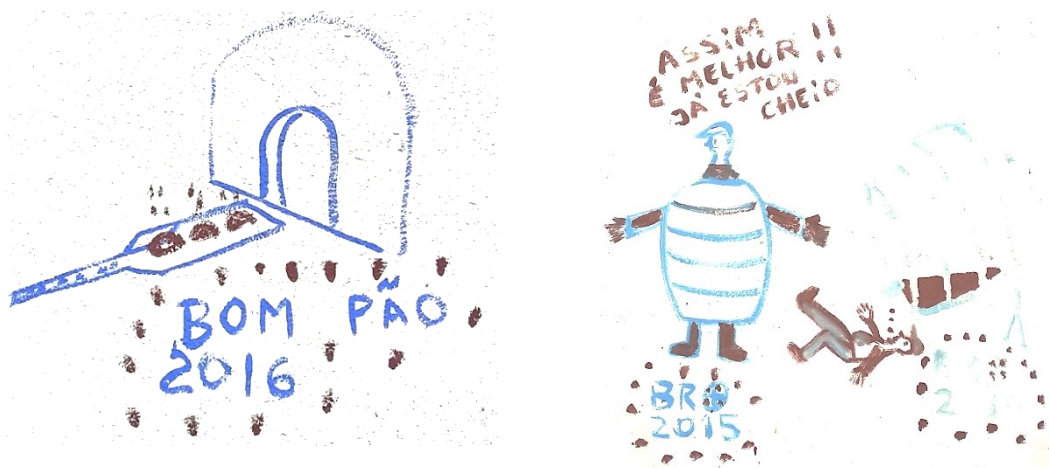
Fotografia 38 – Casa de um membro do Grupo que tem filha em idade “casadoira” (Penafirme da Mata).

- o Um coração florido pintado a azul nas casas onde faleceu recentemente algum membro da família ou se a pessoa que lá vive é um viúvo ou uma viúva (ver fotografia 39). Segundo João Cipriano “antigamente evitávamos pintar onde havia luto, mas agora evita-se de cantar, mas faz-se a pintura na mesma, faz-se a pintura sempre”;



Fotografia 39 – Casa “de luto” (Penafirme da Mata).

- o Pintam-se desenhos alusivos à profissão dos moradores, aos serviços, ao comércio local, atividades recreativas e religiosas. Por exemplo uma pá de padeiro junto da padaria e uma pipa de vinho junto de uma adega (alguns dos desenhos das adegas revestem-se de humor, às vezes com a indicação “Bom Vinho”) (ver fotografias 40 e 41);



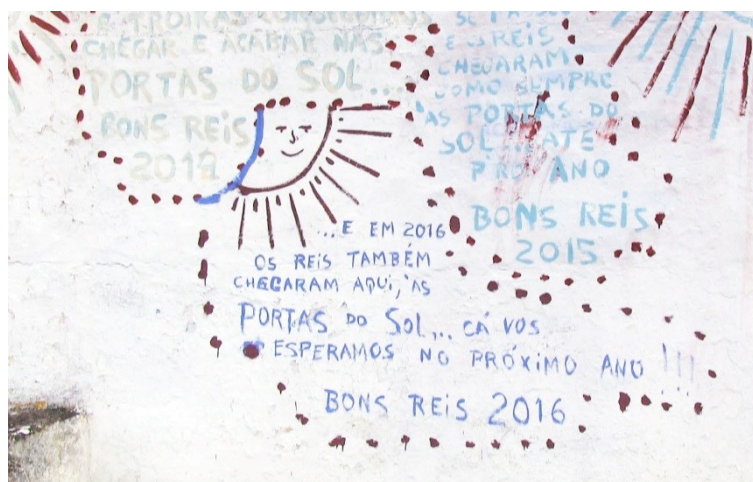
Fotografia 40 e 41 – Desenho alusivo a atividades comerciais – padaria e adega (Penafirme da Mata).

- o Nas Portas do Sol, local onde o grupo termina o ritual fazem uma inscrição com votos de Bons Reis para toda a população da aldeia. As inscrições na Porta do Sol referentes a 2014, 2015 e 2016 foram as seguintes:

“E este ano mesmo com crise e troikas conseguimos chegar e acabar nas Portas do Sol. Bons Reis 2014”;

“E mais um ano se passou e os Reis chegaram como sempre às Portas do Sol...até pro ano. Bons Reis 2015”;

“...E em 2016 os Reis também chegaram aqui, às Portas do Sol... cá vos esperamos no próximo ano!!! Bons Reis 2016” (ver fotografia 42).



Fotografia 42 – Portas do Sol (Penafirme da Mata).

Todos corações são ornamentados com três flores. Só a sigla, a estrela (ou círculo) e o ano são “fechados” com pintas (ver fotografias 37-42).

Todos os desenhos são feitos à mão sem recurso a moldes e as cores usadas são o azul e o vermelho porque são as cores tradicionais. “Naquilo que os antigos diziam (...), naquela época quase todas as casas tinham a barra azul ou o grená”, explica João Cipriano acrescentando que primeiro usava-se “uma tinta que se comprava em pó na drogaria, depois derretia-se com água, íamos derretendo e (...), se não houvesse secante, púnhamos um bocadinho de cal (...). Hoje é diferente, as tintas já são mais preparadas [tinta de água], já borram menos”.

O grupo canta de cor, sem o recurso à letra escrita⁵⁹, e costuma ter dois apontadores, “um aponta aqui, agora, duas vezes seguidas, depois o outro aponta mais duas vezes seguidas, para descansar”. O apontador desloca-se para perto da porta ou da janela da casa e, em voz alta, lança quadras e dísticos ao que o coro responde com versos diferentes, primeiro com quadras e no fim com uma oitava. Tal como acontece em Mata e em Olhalvo os versos são alusivos a três temas: o apelo às Almas Santas da casa; a viagem dos Reis Magos e a maldição da mula da manjedoura.



Fotografia 43 – Cantores do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata (2016).

⁵⁹ Manuel Cipriano diz que só os que vão participar pela primeira vez é que, às vezes, levam a letra escrita num papel. Quem já participa há mais anos não costuma levar.

Letra⁶⁰

À porta das Almas Santas
Bate Deus a toda à hora
À chegada dos Três Reis
Do lado do Oriente

**Do Oriente vem três
Visitar o Deus nascido
Para ir para Belém
Vamos embarcar no Grilo**

Avistámos a estrela
Chegámos à Cruz da Pedra

**Os da Pedra perguntaram
Se era perto a Belém
Os da Guarda responderam⁶¹
Perto estava o nosso bem**

Entraí pastorinhos entraí
Neste portal(e) sagrado

**Vimos visitar Jesus
Está nas palhinhas deitado
Era o boi a bafejar
Era a mula a resmungar
Mal Santa dita mula⁶²
Que não tenhas coisa alguma
Se alguma coisa tiveres
Nela não tenhas fortuna**

Em 2016, três membros do grupo de Penafirme da Mata encontraram-se no dia 17 de janeiro, o segundo fim-de-semana a seguir ao Dia de Reis, para realizar o Peditório pela aldeia e localidades onde foram Cantar e Pintar os Reis. “Antigamente a gente combinava com 4 ou 5 rapazinhos mais novos e eram eles é que iam fazer o peditório”, agora são os membros que aparecem no dia combinado. Nesta povoação o grupo não manda rezar uma Missa pelas Almas, mas a convite do Padre, nos últimos anos têm ido cantar à missa de domingo realizada a seguir ao Dia de Reis em Olhalvo (no mesmo dia em que canta o

⁶⁰ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Penafirme da Mata.

⁶¹ Na transcrição de Melo, Guapo e Martins está “O Anjo da Guarda respondeu” (1991a:49), mas a transcrição de 1970 do Jornal *A Verdade* está como atualmente: “Os da Guarda responderam”.

⁶² Na transcrição de Melo, Guapo e Martins está “Maldição ter dito à mula” (1991a:49), tal como na transcrição de 1970 do Jornal *A Verdade*.

grupo do Olhalvo). Os fundos recolhidos através do peditório servem para “depois a gente almoçar ou dar a uma instituição, como já fizemos”, explica João Cipriano. Em 2016, no dia 3 de abril, o grupo organizou um almoço de porco no espeto no Largo da Igreja, aberto a toda a população.

OLHALVO

Em Olhalvo são vários os moradores que falam com emoção sobre noite do Pintar e Cantar dos Reis. Descrevem um sentimento nostálgico e falam de como se respeita a tradição de ficar no escuro, no silêncio dentro das casas a ouvir os reiseiros. Graciosa Dias conta: “A minha mãe nasceu em 1909 e sempre falou do “Cantar dos Reis” (...), já era do antigamente dela, já era da meninice dela (...). E havia uma tradição aqui na nossa zona que nem toda a gente saberá, que não se devia ter luzes acesas quando se cantava os Reis. A minha mãe..., eu ainda me lembro dela ir espreitar à janela... assim no escuro. Não se acendiam as luzes”. Ainda hoje é assim, explica Hélder Pereira, um dos atuais apontadores. Quem está em casa não deve sair à rua ou acender as luzes de casa enquanto os reiseiros não terminam o cantar. Depois sim, podem abrir a porta e muitos convidam os cantores e pintores para uma breve ceia.

Também Susana Silva e Ana Tordo, atualmente pintoras do grupo, referem o silêncio e o mistério quando descrevem as suas memórias mais antigas da tradição: “Eu recordo-me de, quando era miúda, ficar sempre escondidinha por trás da janela e espreitar pelos buraquinhos dos estores (...). Isto porque nos era transmitido que não devíamos aparecer (...). [E] aquela entoada no silêncio da noite (...) é algo que nos toca (...). Depois ia no outro dia, a correr, ver como é que estava a pinturinha feita na parede de casa”, comenta Susana Silva. Ana Tordo acrescenta que também ela tinha indicações parecidas: “Não podíamos aparecer porque havia ali qualquer coisa de mal que nos podia acontecer. Não podíamos aparecer [risos]. E depois no dia a seguir, então sim, íamos ver as pinturas”.

Hélder Crespim da Silva, um dos membros do coro, recorda-se do local onde os reiseiros “iam ensaiar o Cantar dos Reis (...). Esse Casal já não existe, já foi deitado a baixo – qu'era ali no Vale, onde hoje é uma horta, tem lá o poço (...). Eles faziam os ensaios tanto de pintura como do cantar, portanto aquele Casal estava todo coberto de pinturas, 'tava muito giro”.

Hélder Crespim da Silva explica que há cerca de 15 anos o Cantar dos Reis em Olhalvo teve um interregno, o grupo mais antigo deixou de pintar e cantar. Ana Tordo refere que durante “dois ou três anos, se calhar mais”, não se realizou a celebração e foi nessa altura que o Rancho Folclórico Etnográfico da Sociedade Filarmónica Olhalvense resolveu “agarrar” a tradição. Os membros do Rancho falaram com os elementos do grupo

anterior, convidaram-nos para retomar o Cantar dos Reis e, junto com os que demonstraram interesse, voltaram a realizar o ritual, que se mantém até hoje.

Foi também a partir da organização do Rancho Folclórico que as mulheres começaram a participar no grupo de reiseiros. Como os elementos masculinos do Rancho não eram muitos e “como toda a gente quis participar então fizemos [assim]: os homens vão cantar e as mulheres vão pintar”, explica Hélder Pereira.

“Nós também, no fundo, queríamos participar”, diz Susana Silva. “Como esta era uma tradição de homens, então [o] que [é que] pensámos? Nós pintamos porque não damos tanto a cara (...). Quando [os moradores] começam a ouvir o barulho, o ladrar dos cães e as vozes ao fundo já acabam por ver só os homens a cantar, ou ouvir, porque nós, entretanto, já nos afastámos, já pintámos aquela parede (...). É a nossa forma de participar também nesta tradição”.

Existem testemunhos de ensaios organizados pelos grupos anteriores, mais antigos, mas atualmente o grupo junta-se na noite de 5 para 6 de janeiro na sede da Sociedade Filarmónica Olhalvense e é aí que os cantores fazem um ensaio de alguns minutos - havendo 2 ou 3 apontadores, cada um aponta uma vez. As mulheres e homens pintores juntam-se usualmente em 4 ou 5 grupos de dois, pegam nas tintas de água - um na tinta azul, outro na tinta vermelha - e saem para começar o percurso das pinturas. Cada um num lado da estrada, numa “dança cruzada”, porque o mesmo desenho é pintado, à mão e sem moldes, por duas pessoas. Como as ruas estão bem iluminadas dispensam o antigo *petromax*, mas levam pequenas lanternas⁶³ para iluminar a execução dos desenhos em locais mais escuros.

O grupo do Olhalvo canta em locais estratégicos, para várias casas. Começa pelas 22h no Casal Perdigoto, faz a Rua da Fonte Nova, canta em Olhalvo, vai à Baixa e termina novamente no Largo da Sociedade Filarmónica, pelas 3 ou 4 horas da madrugada. Segundo Hélder Crespim da Silva, caso tenham de trabalhar no dia a seguir, “alguns não se deitam (...), outros põem um dia de férias e outros vão um bocadinho mais tarde para o trabalho”.

⁶³ Ou utilizam a luz do telemóvel.



Fotografia 44 – Ana Tordo - uma das pintoras do Grupo dos Reis do Olhalvo (2016).

Os atuais pintores aprenderam os símbolos com os pintores do grupo anterior e também se inspiraram no levantamento publicado por António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins (1991a)⁶⁴. Segundo os testemunhos orais e as pinturas ainda presentes nas fachadas, os desenhos executados na última década são os seguintes:

- o Vaso ou coração florido com as 5 pintas (as 5 quinas) se o casal tem filhos de ambos os sexos ou não tem filhos – esta é a pintura mais recorrente (ver fotografia 45);



Fotografia 45: Casal com filhos de ambos os sexos ou sem filhos (Olhalvo).

⁶⁴ No site do Rancho apresentam os desenhos dessa publicação como referência.

- o Vaso ou coração florido com um “ouro” (losango) dentro no caso de o casal ter só um filho do sexo masculino (ver fotografia 46);



Fotografia 46: Casal com filho varão (Olhalvo).

- o Vaso ou coração florido com um coração dentro se o casal só tem uma filha (ver fotografia 47)



Fotografia 47: Casal com uma filha (Olhalvo).

- o Vaso ou coração florido com um coração fora ou vários corações fora se o casal tiver uma filha ou mais filhas em idade de casar⁶⁵;

⁶⁵ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. Por esse motivo não foi objeto de registo fotográfico.

- o Dois corações floridos e entrelaçados quando o casal é recém-casado (ver fotografia 48);



Fotografia 48: Casal recém-casado (Olhalvo).

- o Um vaso ou coração florido pintado a azul nas casas onde vive um viúvo ou uma viúva ou se faleceu recentemente outro membro da família (ver fotografia 49);



Fotografia 49 – Casa “de luto” (Olhalvo).

- o Pintam-se desenhos alusivos à profissão dos moradores, aos serviços, ao comércio local, atividades recreativas e religiosas. Por exemplo o desenho de um par de dançarinos junto à sede da Sociedade Filarmónica (ver fotografias 50);



Fotografia 50 – Desenho alusivo a atividade recreativa – Sociedade Filarmónica (Olhalvo).

- o Sobre as letras e outras inscrições: escreve-se junto de todos os desenhos a sigla “B.R.” (Bons Reis), uma estrela e o ano (ver fotografias 45-50);

Os ramos floridos dos vasos e dos corações são elementos decorativos. O número de flores nos ramos não é constante dependendo da decisão do pintor, usualmente desenham duas flores, mas também se encontram pinturas com uma ou três flores. Apenas a sigla, a estrela e o ano são “fechados” com pintas das duas cores (ver fotografias 45-50).

Se estiver a chover o grupo pode decidir não pintar para não borrar as fachadas, mas cantam sempre. “A maior parte das pessoas gosta que se pinte, [mas] já tem acontecido pessoas que não querem e deixam um papelinho (...) ou avisam um elemento (...). Há outras que é o contrário [quando num ano de muita chuva não se pinta]: “Ai não pintaste na minha casa. E este ano ninguém pintou porquê?”, explica Ana Tordo. “Há ainda quem reserve um espaço e indique: 'Olha pinta ali naquele sítio' (...). Há pessoas que quando vão pintar a casa pintam à volta [dos desenhos dos anos anteriores, reconhecendo o valor da tradição]”, acrescenta Susana Silva (ver fotografia 51).



Fotografia 51 – Fachada com pinturas de 1996 a 2013 (Olhalvo).

Recordando situações caricatas, Ana Tordo refere o ano em que um dos pares de pintores se “esqueceu” que em janeiro o ano tinha mudado e escreveu em todos os desenhos 2011 quando já estavam em 2012. “Então tiveram que voltar [a trás] e estiveram a corrigir o que tinham feito mal. Pronto, são peripécias engraçadas que acabam por também fazer parte da tradição [sorri]”.

Em relação aos cantores, em Olhalvo o apontador e o coro cantam formando uma roda. Segundo Hélder Pereira “quando sou eu o apontador, os outros apontadores ajudam o coro, quando são os outros apontadores eu ajudo também o coro, nós estamos sempre em roda, sempre, não há lugar específico na roda, é onde calhar (...). Normalmente fazemos assim, canto eu aqui, o outro apontador canta no outro [local de paragem] (...). Ou seja, um sim, um não, estamos sempre a rodar para também descansarmos um pouco a voz”. Há anos em que têm 2 apontadores, noutros anos podem ter 3, depende dos elementos disponíveis.



Fotografia 52 – Cantores do Grupo dos Reis do Olhalvo (2016).

O Grupo sabe a letra de cor, mas os novos elementos têm a letra escrita para seguirem a cantiga e aprenderem mais depressa.

Letra⁶⁶

Ó Almas que estão deitadas
Acordai se estão dormindo⁶⁷
Peço às benditas Almas
Que eu por elas estou pedindo

À chegada dos Três Reis
Lá do lado do Oriente
Do Oriente vem três
Visitar o Deus nascido

Vamos nós para Belém
Vamos embarcar no Grilo
Avistamos as estrelas
Perguntamos ao Anjo da Guarda
Se íamos bem para Belém
O Anjo da Guarda respondeu
Perto estava o nosso bem

Entraí pastorinhos entraí
Por este portal sagrado
Vinde ver o Deus Menino
Numas palhinhas deitado

Era o boi a bafejar
Era a mula a resmungar
Eu a ti *maldeíçoei-te*
Pra nenhuma coisa tu teres
Se alguma coisa tiveres
Nela não tenhas produto

O apontador inicia lançando um dístico e o coro responde um dístico diferente, os quatro versos invocam as Almas. A seguir o apontador canta um dístico que inicia o relato da viagem dos Três Reis e o coro responde com um dístico sobre o mesmo tema. O apontador continua com dois versos e o coro responde com uma quintilha. O apontador canta um dístico alusivo aos pastores que entram na manjedoura a que o coro responde também com dois versos. Para terminar o apontador entoia um dístico sobre a presença

⁶⁶ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Olhalvo.

⁶⁷ Na transcrição de Melo, Guapo e Martins os primeiros dois versos são cantados pelo coro (1991a:48).

do boi e da mula na manjedoura e o coro responde com uma quadra a amaldiçoar a mula. O grupo executa sempre a cantiga completa.

Em 2016, depois da celebração dos Reis, no dia 9 de janeiro, vários elementos do grupo de reiseiros, homens e mulheres, juntaram-se para fazer o Peditório dos Reis. “Antigamente o peditório era para eles fazerem um almoço, um convívio. Presentemente, também se faz esse convívio (...) com as pessoas que participam, mas o restante dinheiro fica para o Rancho, para as despesas anuais”, explica Hélder Pereira. De referir que em 2016, o grupo não organizou o almoço, todos os contributos foram para as despesas do Rancho.

Como momento final dos festejos dos Reis o grupo responde ao convite do Padre e, de alguns anos a esta parte, costuma ir assistir à missa do domingo a seguir ao Dia de Reis, em Olhalvo, atuando no final da celebração religiosa (a mesma missa onde também atua o grupo de Penafirme da Mata).

Os elementos do grupo dos Reis do Olhalvo estão convencidos de que a “tradição não vai morrer”. Ana Tordo acha que num mundo “tão igual” há uma nova geração que percebe a necessidade de valorizar o que é singular e diferente. “Têm mais consciência de que é preciso cada vez mais dar valor àquilo que é nosso e que nos identifica e que nos individualiza. Por isso acho que esta tradição vai se manter”, conclui.

OTA

Foi para homenagear os antepassados que pintavam e cantavam os Reis em situações difíceis, depois de um “dia de trabalho agarrados à enxada (...), com todo aquele afã, com toda aquela vontade, com todo aquele querer” que um grupo de homens da Ota - Lúcio Carvalho, António Grilo, José António Estopa entre outros - resolveram, há cerca de 20 anos, retomar a tradição do Pintar e Cantar dos Reis.

Lúcio Carvalho, atual apontador do grupo, explica que esta celebração chegou a ser mais importante do que a Passagem de Ano. “Era quase o Natal. Lá se tinha de fazer os fritos, lá se tinha de ter um calicezinho de água-ardente”, mas com o passar do tempo os Reis foram perdendo essa importância e “tiveram um interregno”. Durante 6 ou mais anos não se sabia se ia aparecer pessoas para Pintar e Cantar os Reis. Cantava-se num ano, no outro ano já não se cantava, até que “quando agarramos nisto foi para cumprir inteiramente. Todos os anos se Canta os Reis (...), quer esteja bom tempo ou não”.

Lúcio Carvalho conta que o seu avô, pai do seu pai, foi apontador. Mais tarde o seu tio Bento também desempenhou essa função e hoje, com 77 anos, Lúcio é o apontador mais antigo do grupo⁶⁸. Sobre a organização dos reiseiros em Ota, explica que os pintores e cantores juntam-se informalmente na noite de 5 para 6 de janeiro. “Não é um grupo estanque (...), se aparecer mais uma ou outra pessoa que queira acompanhar, acompanha (...). Mas há os principais”, os que estão “habitados à maneira como se canta (...). Às vezes chegamos a ser um grupo aí de 16, 17 homens” solteiros e casados, com idades entre os 18 e os quase 80 anos. O Padre da paróquia da Ota também costuma acompanhar o grupo. “Claro, aquilo depois com o andar das horas e tal vai saindo um, vai saindo outro e acaba (...) com 5 ou 6”, comenta Lúcio.

O Grupo é usualmente constituído por um apontador, um pintor, um elemento que leva o *petromax* para iluminar as pinturas e o resto dos elementos formam o coro.

⁶⁸ Recorda apontadores já falecidos: João Atalaia, João do Adrião e Benjamim.



Fotografia 53 – Um dos pintores do Grupo dos Reis da Ota (2016).

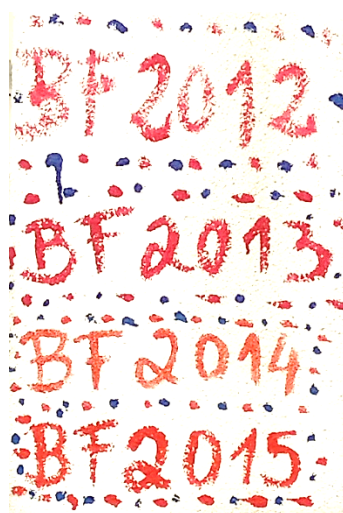
Começam pelas 21 horas, preparam o *petromax*, pegam nas tintas e nos pincéis e encontram-se no Largo da Ota. Depois vão numa carrinha até à povoação vizinha que se chama Aldeia, é lá que começam a Pintar e Cantar, na casa de António Delfim que lhes apresenta sempre uma mesa farta. A partir daí iniciam o percurso a pé (até ao final não voltam a pegar no carro). Seguem em direção à Ota e fazem cerca de 20 paragens em locais estratégicos. Param no Bairro dos Paços, vão à Quinta dos Paços, seguem para a Ota, fazem a povoação, vão à urbanização nova e terminam, nunca antes das 5, 6 horas da madrugada, “na casa do Sérgio”, um dos membros do grupo, que vive numa zona ligeiramente afastada da Ota e onde, por tradição, são servidos ovos mexidos. “Vinte ou trinta ovos mexidos prò pessoal comer”. Por terminar tão tarde, quando calha a um dia da semana, vários elementos do grupo tiram o dia 6 de férias.

Lúcio explica que durante toda a noite muitos moradores apresentam aos reiseiros “lutas mesas, com coisas impressionantes (...). As pessoas abrem-nos a porta com tanta naturalidade, com tanta franqueza, com um espírito mesmo de alegria (...). Chega a uma certa altura que a gente já não tem estômago para mais [risos] (...). E as pessoas (...) ficam incomodadas se a gente não come: 'Ai não gostaram do que fizemos'. Não é isso! É que por vezes já não dá para mais [risos]”. No final da visita a uma casa o grupo saúda a família desta forma: “Felicidades a esta casa, que o ano 2016 seja um ano feliz”.

Nos locais estratégicos cantam partes da cantiga para várias casas e pintam a sigla BF (Boas Festas) e o ano em algumas fachadas. Só cantam a cantiga completa nalguns sítios, por exemplo no início na Aldeia, na Quinta dos Paços e na Quinta da Ota. Mais para o final do percurso, em zonas onde por já ser tarde ninguém lhes abre a porta, vão andando e cantando os Reis.

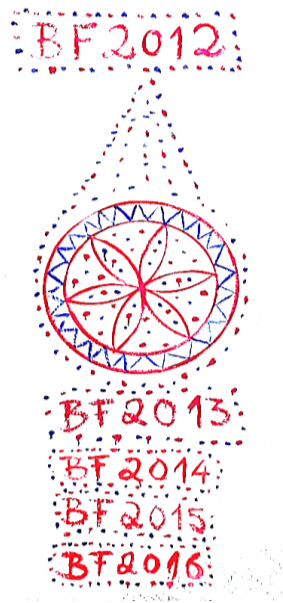
Segundo Lúcio Carvalho, quando o atual grupo resolveu reativar o Cantar dos Reis, fez uma “recolha ligeira, não talvez muito aprofundada” sobre o que era usual pintar e com a ajuda do pintor do grupo anterior identificaram os seguintes desenhos como os característicos da Ota:

- A sigla BF (Boas Festas) e o ano “fechados” numa moldura de pintas das duas cores – na maior parte das fachadas é o que se pinta (ver fotografia 54);



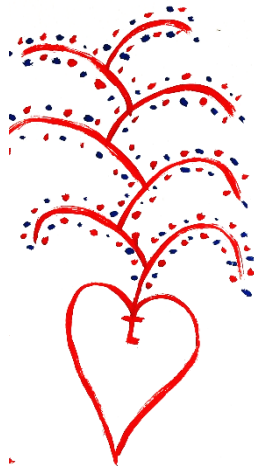
Fotografia 54 – Pinturas de 2012 a 2015 (Ota).

- A estrela que guiou os Reis Magos desenhada a compasso com seis pontas - um hexagrama inscrito num círculo e com o rasto da cauda representada por pontos. (Apenas em lugares estrategicamente escolhidos. Por exemplo, na Paróquia) (ver fotografia 55);



Fotografia 55 – Estrela dos Reis 2012-2016 (Ota).

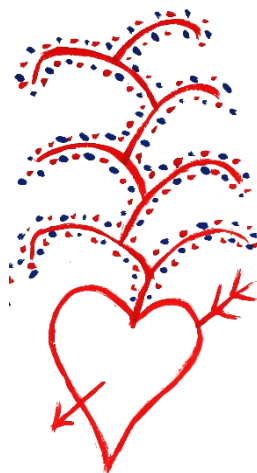
- O coração florido com uma chave onde more uma “jovem casadoira”. Segundo Lúcio onde viva um casal com uma filha, “uma jovem que esteja à espera que alguém lhe vá abrir o coração. A chave representa precisamente isso” (ver fotografia 56)⁶⁹;



Fotografia 56 – Casal com filha em idade “casadoira” (Ota).

⁶⁹ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. O desenho fotografado estava numa parede da casa de Lúcio Carvalho onde o grupo, em 2015, fez todas as pinturas para exemplificar.

- O coração florido e cruzado pela seta do cupido, “a seta do amor”, onde exista uma jovem que namora e esteja prestes a casar (ver fotografia 57)⁷⁰.



Fotografia 57 – Casal com filha “comprometida” (Ota).

- Escreve-se junto dos desenhos a sigla “BF” (Boas Festas) e o ano (ver fotografia 55);

As inscrições e os desenhos são feitos à mão e para pintar a estrela utilizam um compasso. Em relação às tintas, os antigos pigmentos de óxido de ferro e o azul de anil foram substituídos por tintas de água das mesmas cores – o vermelho e azul. Quando chove o grupo pode decidir não pintar.

Usualmente o grupo só tem um apontador que, ligeiramente afastado e de frente para os outros elementos⁷¹, lança a cantiga em dísticos que o coro repete – ao todo são 34 versos sobre a viagem dos Três Reis, 2 versos desejando as “Boas Novas” e no fim 2 versos petitórios, estes últimos cantados só pelo coro. Aprenderam a letra com as gerações anteriores, mas nem todos a sabem de cor. “Nós levamos umas lanternzinhas para seguirmos os versos [todos os elementos levam os versos impressos num papel, uns utilizam outros não]”. As casas devem estar “completamente às escuras, sem luz nem interior, nem exterior (...)”. As pessoas respeitam religiosamente esse preceito, essa maneira de Cantar os Reis (...). Depois quando nós acabamos de cantar é que eles acendem as luzes e nos apresentam a mesa”, explica Lúcio Carvalho.

⁷⁰ Em 2015 e 2016 não se encontrou esta pintura nas fachadas. O desenho fotografado estava numa parede da casa de Lúcio Carvalho onde o grupo, em 2015, fez todas as pinturas para exemplificar.

⁷¹ Por vezes também fica na roda do coro.



Fotografia 58 – O apontador Lúcio Carvalho e o coro do Grupo dos Reis da Ota (2016).

Na Ota, há mais de 50, 60 anos, os cantores “para segurarem mais a voz” e para se protegerem das intempéries usavam “um paneiro (o toldo que se punha à volta das oliveiras para varejar e depois apanhar a azeitona)”. Segundo Lúcio, “um da ponta pegava no paneiro, o outro da outra ponta também pegava e depois passavam aquilo por cima das cabeças de todos (...) e era assim que eles cantavam”. Mais tarde o paneiro teria sido substituído por uma manta (ver fotografia 59), mas nenhum dos atuais membros do grupo se lembra ou assistiu a isso.



Fotografia 59 – Cantores do Grupo dos Reis da Ota (1985). Fonte: António Guapo

Se houver alguma casa de luto, onde “tenha morrido um ente querido há pouco tempo aí a gente não canta (...). Não é pelo facto de cantarmos a oração é porque a pessoa não nos pode receber” como gostaria.

A letra cantada atualmente tem sofrido algumas modificações. O grupo da Ota resolveu alterar o que consideravam ser uma gralha, a confusão entre Belém da Judeia e Belém de Lisboa, confusão que coloca a cena bíblica da chegada dos Reis Magos na entrada marítima de Lisboa. De acordo com Lúcio Carvalho o último verso da quadra: “Gajeiro que sobe à gávea/Lá responde Deus da proa/Já se avista Belém/Já se vê Lisboa toda” foi substituído por: “Gajeiro que sobe à gávea/Lá responde Deus da proa/Já se avista Belém/Já se vê a cidade toda”.

Alguns dos ajustes da letra foram feitos sob a orientação da Dona Teresinha (Maria Teresa de Siqueira)⁷² da Quinta dos Paços que tem atualmente 95 anos e todos os anos está “estoicamente à espera que nós cheguemos para Cantar os Reis, e às vezes já lá chegamos bem depois da meia-noite”, conta Lúcio.

No dia em que Maria Teresa de Siqueira foi entrevistada no âmbito deste trabalho, Lúcio Carvalho estava presente e ela pediu-lhe que cantasse a letra dos Reis. Muito atenta ia confrontando o que ele cantava com as suas memórias mais antigas da letra emendando-o em certos momentos - “Aqui aparece: 'Pondo o joelho em terra/Ao Menino que Deus adora'. Parece que Deus adora o Menino. 'Tá a perceber? Não é assim. É 'Pondo o joelho em terra/Ao Menino Deus adoram'”.

Para Maria Teresa de Siqueira é importante que os versos “sejam ditos como um louvor a Deus (...). Não seja só um folclore”. O seu avô, o Conde de Belmonte, já contava que era tradição ouvir Cantar os Reis na Quinta da Ota. “Toda a vida ouvi os Cantares dos Reis (...). Eles quando vinham, vinham assim um bocado encarapuçados e não queriam que ninguém os visse (...). Era uma coisa um bocadinho secreta (...). Antigamente eles cantavam assim alto e depois iam embora. Agora não, agora visitam as casas e têm sempre uma refeição ou um vinho do Porto (...). Eu gostava imenso (...), ainda por cima eles vinham tarde e nós estávamos habituados e deitarmo-nos cedo. Era uma festa ficarmos [acordados] até àquela hora”, descreve Maria Teresa.

⁷² Maria Teresa do Sagrado Coração de Figueiredo Cabral da Câmara de Siqueira.

Letra⁷³

Guiados por uma estrela
Três Reis partem por uma aposta
Visitar o Deus nascido
Que nos céus a terra adora
Embarcaram numa nau
Sem perder tempo nem hora
Porém quando Deus navega
No mar o vento assopra
Gajeiro que sobe à gávea
Lá responde o Deus da proa
Já se avista Belém
Já se vê a cidade toda
Já o Rei se veste de Gala
E a sua gente toda
Lá chegados ao palácio
Onde estava o Rei Herodes⁷⁴
Logo lá lhe perguntaram
Se era perto de Belém

Mas o Rei que não era Bom
Isto foi o que lhes disse
Que fossem sempre andando
O seu caminho seguissem
Os Reis como eram Santos
O seu caminho seguiram
Ao chegarem a Belém
De admirados saem fora
Pondo o joelho em terra
Ao Menino Deus adoram⁷⁵
Dando graças ao Menino
Mil louvores à Senhora
Logo ali lhe ofereceram
Ouro incenso e mirra
Incenso como divino
E mirra como mortal
Boas novas lhes vimos dar
À vinda dos Santos Reis

(só o coro)
Se há alguma coisa para nos dar
É favor que nos deis

Em Ota a celebração dos Reis restringe-se à noite de 5 para 6 de janeiro. Não fazem peditório nem missa ou qualquer outro encontro do grupo durante o ano.

Sobre o futuro do Pintar e Cantar dos Reis em Ota, Maria Teresa de Siqueira acha que o grupo está rejuvenescido o que é um sinal de que a tradição tem meios para subsistir. Lúcio Carvalho acha importante que os futuros membros interpretem a oração com sentimento, com a melodia que lhe é característica. “Eu farto-me de lhes dizer: 'Ó pá vocês tomem nota nisto que a gente estamos a deixar isto não tarda muitos anos (...). Mas respeitem, agarrem-se a isto com respeito, com amor. Com vontade (...) de levar às pessoas o sentimento daquela oração, daquela noite'”.

⁷³ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Ota.

⁷⁴ Na transcrição de Melo, Guapo e Martins está “Onde estava o nosso Rei” (1991a:48).

⁷⁵ Na transcrição de Melo, Guapo e Martins está “Ao menino que Deus adora” (1991a:48), verso que o grupo alterou em 2016 por sugestão de Maria Teresa de Siqueira.

Para Maria Augusta Carvalho, esposa de Lúcio, a noite do Cantar dos Reis “é uma coisa fora de série, é uma magia (...). As pessoas aqui da Ota adoram o Cantar dos Reis, não podem passar sem isso”. Daí achar que a tradição se vai manter por muitos anos.

CABANAS DE TORRES

Em Cabanas de Torres o Pintar e Cantar dos Reis de outras épocas era muito diferente do que se pratica hoje nesta e noutras povoações. Cantava-se principalmente à porta das tabernas, ao desafio, e as pinturas eram feitas a pedido, pagas pelas casas comerciais. “Havia um senhor, que era o senhor Aurélio, que fazia pinturas a pedido das pessoas, ia a casa das pessoas, pagavam-lhe. Ele começava a Pintar os Reis logo de manhã”, descreve João Joaquim Ganchas, o atual apontador do grupo de Cabanas de Torres. “Eu era miúdo (...), vínhamos da escola [e] íamos sentar[-nos] à volta dele (...). Fazíamos uma roda à volta dele, sentados no chão a vê-lo pintar. Porque aquilo era desenhos que ele pintava que levavam horas (...). É pena não haver memórias dessas pinturas (...). Uma pena porque eram desenhos lindos, lindos, maravilhosos”.

O Cantar dos Reis era um ritual tipicamente masculino “tanto que era feito à porta das tabernas e das adegas (...). Um apontava numa taberna e o outro ‘tava na outra taberna a cantar ao desafio”. Os homens, solteiros e casados, juntavam-se entre amigos e dividiam-se em vários grupos para ver quem cantava melhor. “Às vezes começava só o apontador e depois lá acabava por arrastar mais 3 ou 4 com ele. Não eram grupos muito grandes, naquele tempo eram grupos pequenos”, explica João Ganchas.

Durante perto de 15 anos não se pintou nem cantou os Reis em Cabanas de Torres, “esporadicamente aparecia um ou outro que cantava, mas era uma brincadeira. Mais tarde organizou-se aí um grupo, talvez nos anos 80 (...). Andou-se aí a fazer um peditório pelas ruas, até se fez um almoço, mas aquilo também durou ali 2 ou 3 anos. Parou outra vez mais 1 ano ou 2”. Depois o Grupo Folclórico de Cabanas de Torres, com o apoio da Junta de Freguesia, reativou a tradição.

Quando o Grupo Folclórico começou a organizar a celebração dos Reis as mulheres também começaram a participar no coro. Em certos anos um grupo de crianças, ensaiadas pela Professora da Escola de Cabanas também canta uma cantiga alusiva aos Reis Magos (diferente da cantiga tradicional). Em anos de maior emigração entre os homens “é provável que as mulheres também possam apontar. Já aconteceu uma rapariga apontar (...). Porque no fim aquilo é de todos e não é de ninguém (...). É da comunidade [e] tem de andar distribuído pela comunidade”, comenta João Ganchas.

Na noite de 5 para 6 de janeiro o grupo inicia o percurso pelas 21 horas no Largo da Faia, junto ao presépio. São cerca de 20 elementos, se o tempo está bom vão se juntando mais pessoas, se estiver a chover algumas desistem pelo caminho. Vão à casa de António Mata, antigo apontador, e depois partem pela povoação para cantar em sítios específicos, para várias casas que depois abrem as portas para os reiseiros se servirem de uma “mesinha” de comes e bebes. Vão ao Largo da Escola, seguem pela Rua General Humberto Delgado, sobem a Rua dos Moinhos, descem à Igreja, vão aos Calços da Fonte, o local onde antigamente se iniciava o percurso (a calçada que desce para a fonte e de onde se vê a Serra de Montejunto). Depois seguem para o Alto do Carrascal, vão ao Largo da Cruz e terminam pela meia-noite, 1 hora da madrugada, novamente no Largo da Faia, onde os mais velhos depois “ficam a beber um copo e a conversar”, explica João Ganchas.



Fotografia 60 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Cabanas de Torres (2016).

Houve várias modificações nas pinturas dos Reis em Cabanas de Torres, os desenhos sobre as atividades comerciais tornaram-se raros, reduziu-se o tamanho da sigla e ano da celebração que passaram a ser pintados com molde, em *stencil* e com *spray* e, em alguns Largos, pinta-se um vaso florido. Esquemáticamente as pinturas atuais são as seguintes:

- o A sigla “BRM” que significa “Bons Reis Magnos”⁷⁶ ou “Bons Reis Magos” e o ano (ver fotografia 61) – a pintura mais frequente;



Fotografia 61– Pinturas em Cabanas de Torres.

- o Em alguns Largos desenham um pequeno vaso com uma ou duas flores pintado à mão, a sigla “BRM” e o ano (ver fotografia 62);



Fotografia 62 – Vasos floridos de Cabanas de Torres.

⁷⁶ “Bons Reis Magnos” tal como são nomeados os Reis no primeiro verso da letra de Cabanas de Torres.

- o Muito raramente fazem-se desenhos alusivos a estabelecimentos comerciais. Por exemplo um frango junto ao talho (ver fotografia 63).



Fotografia 63 – Pintura alusiva a atividade comercial – Talho (Cabanas de Torres).

Segundo João Ganchas, só durante os anos de interregno, quando um grupo de jovens realizava esporadicamente a prática, pintaram a sigla “BF” que significa “Boas Festas”. Em 2016 ainda se encontram fachadas com esse registo junto a desenhos alusivos a atividades comerciais pintados em 1995 e 1997 – por exemplo, junto a uma carroça com um burro⁷⁷. Joaquim Ganchas esclarece que a sigla “BRM”, característica de Cabanas de Torres, foi recuperada quando o Grupo Folclórico reiniciou o Pintar e Cantar dos Reis.

As cores mais utilizadas são o azul, o vermelho e o verde, mas encontram-se outras cores nos desenhos e inscrições mais recentes, como o castanho e o amarelo.

Há cerca de 4, 5 anos, “em jeito de intercâmbio”, os grupos de Cabanas de Torres e da Paúla passaram a ir visitar a localidade vizinha e cantar e pintar em dois ou três Largos de cada uma das povoações. Desde essa data a sigla “BF” aparece em Cabanas de Torres junto do vaso pintado pelo Grupo da Paúla, por ser usual nos desenhos dessa povoação.

O grupo de pintores inicia os desenhos no Largo da Faia e depois parte à frente dos cantores. “Às vezes quando damos por eles já estão atrás [e os cantores têm de esperar para que os pintores passem à frente]. Eles têm de percorrer várias ruas, quando nós levamos aquela linha sempre em círculo, eles vão andando travessa para um lado, rua

⁷⁷ A sigla “BF” também aparece pintada junto da data de 2002, 2003 e 2005.

para outro, andam a saltitar duns lados para os outros, e às vezes têm dificuldade em nos acompanhar. Só no início e no fim mesmo é que estamos juntos”, descreve João Ganchas.

Quando o grupo iniciou atividade recorreu ao antigo apontador, António Mata, para recuperar a letra: “Ele ia cantando devagarinho e nós íamos apontando”, refere João Ganchas⁷⁸. Em homenagem a esse antigo reiseiro vão todos os anos cantar a sua casa, este é um dos primeiros locais do percurso⁷⁹. Quando o grupo se prepara para cantar o apontador fica à frente do coro, ligeiramente afastado e lança dísticos que o coro repete⁸⁰. Ao todo são 32 versos sobre a viagem dos Três Reis, mais 2 versos só apontados referentes aos desejos de “Boas Festas” e outros 2 versos petitorios só cantados pelo coro. Sempre que param cantam a letra toda auxiliados por um texto escrito.



Fotografia 64 – O apontador João Ganchas e o coro do Grupo dos Reis de Cabanas de Torres (2016).

⁷⁸ Também existe uma versão da letra de Cabanas de Torres recolhida e publicada por Michel Giacometti (1981).

⁷⁹ Mesmo depois de António Mata ter falecido o grupo continua a cantar junto da sua casa.

⁸⁰ Por vezes também fica na roda do coro.

Letra⁸¹

E partiram nos Três Reis Magnos
 E da parte do Oriente
 E visitaram Deus nascido
 Filho da virgem omnipotente
 E guiados pel'uma estrela
 Os Três Reis partiram prà costa
 E visitaram Deus-Menino
 E quem no Céu a terra adora
 E embarcaram numa nau
 E sem perder tempo nem hora
 E isto com quem Deus *nãovega*
 E do mar o vento lhe assopra
 E *gaveiro* que trepa a *gaiva*
 E lá le respondeu da proa
 E que já se avista Belém
 E já se vê Lisboa toda
 O nosso Rei se vestiu de gala
 E mais a sua gente toda

Quando chegaram ao palácio
 Aonde estava o nosso Rei
 E logo ali lhe perguntaram
 Se estavam longe de Belém
 O nosso Rei por ser tão bom
 E foi o próprio que lhes disse
 E que fossem sempre andando
 E que o seu caminho *seguisse*
 E logo ali lhe ofereceram
 E oiro, incenso e mirra
 E nem ouro como mortal
 Nem incenso como divino
 Demos louvores à Senhora
 E demos graças ao Menino

(Só o apontador)
 E Boas-Festas vimos dar
 E à vinda dos Santos Reis

(Só o coro)
 E também vós tereis cuidado
 E de arranjar o que nos deis

João Ganchas, aprendeu a pontar com o Senhor Vasco: “Numa noite bastante fria, em que andávamos só 6 pessoas a Cantar os Reis (...). O Senhor Vasco, depois de cantar algumas vezes, ficou sem voz, e estávamos na eminência de ter que ir para casa porque ele já não conseguia cantar, já não se ouvia praticamente. E ele insistiu, (eu nunca tinha cantado), e insistiu: 'É pá, isto anda tão pouca gente, já é de noite, pensa tu em cantar'. Eu assim: 'É pá, eu nunca cantei, nunca cantei os Reis, agora vou ter de cantar'; 'Canta que não há problema nenhum, que eu ajudo, vais cantando e eu vou-te ajudando'. E assim me iniciei naquela altura a cantar. Mais tarde o Senhor Vasco (...) já não quis apontar, passou-me a mensagem (...) e, talvez aí há uns 10 anos para cá, sou eu que vou apontando os Reis”, conta João Ganchas.

Em Cabanas de Torres chegou-se a fazer o peditório dos Reis cuja receita servia para organizar um almoço para os reiseiros. Atualmente não realizam nem o peditório, nem o almoço.

⁸¹Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Cabanas de Torres.

PAÚLA

Quando era criança e durante muitos anos António Franco, hoje apontador do grupo da Paúla, não entendia porque é que o Dia de Reis não era feriado: “Eu nasci em 66, vivi no moinho do meu avô até aos 6 anos e vim para cá em 1972 (...). Durante alguns anos questioneei-me porque é que o Dia de Reis não era feriado. Porque é que eu tinha de ir à escola depois de estar a noite inteira a ouvir pessoas a cantar”. António sempre se lembra de ouvir Cantar os Reis e achava marcante o ambiente intimista do ritual - “a luz chegou à Paúla para aí em 1973, 1974 (...) e a memória que eu tenho, a memória mais antiga que eu tenho do Pintar dos Reis é (...) de pessoas andarem a cantar à noite (...). [Como] não havia a quantidade de luz que há hoje, isso dava à noite dos Reis um ambiente extraordinariamente místico”.

Ainda hoje, na Paúla, o ritual começa pelas 23 horas para que se cante “quando já está tudo em silêncio (...), para que as pessoas de repente sejam acordadas pelo cantar”. Três ou quatro elementos encontram-se no Café do Zé Luís. Aí e durante o início do percurso, mobilizam-se mais pessoas para participarem nos Reis: “‘Olha pá, tu queres vir?’ – ‘Eu vou’ – ‘Então pronto’. A única coisa que está estipulada é quem é que canta e quem é que pinta”, explica António Franco.

São cerca de 20 pessoas que se juntam, 2 ou 3 trios de pintores que vão à frente, os apontadores e o coro que seguem atrás. Há 4 anos as mulheres começaram a participar na celebração. Sandra Pintéus, esposa de António Franco, explica: “Eu comecei a ganhar gosto por isso (...). O meu marido começou a sair na noite de 5 para ir Cantar os Reis. Eu comecei a fazer um bolinho para virem cá (...) e comecei a ver qualquer coisa de mágico na Noite de Reis (...). Até que, há 3 anos, vai fazer 4 agora, calhou num fim-de-semana e então alguém se lembrou de organizar um jantar para a população e a seguir irmos cantar [homens e mulheres que participaram no jantar]. E foi a partir daí”. No ano de 2013 as mulheres só cantaram. Em 2014 também só cantaram, mas porque choveu muito e ninguém pintou. Em 2015 e 2016 as mulheres cantaram e também participaram como pintoras.

Cantam em cerca de 12 sítios - junto ao cruzamento para Cabanas de Torres, no Largo de Espanha, fazem paragens em várias ruas da aldeia e, no final cantam no Largo junto ao presépio. Desde há cerca de 5 anos o grupo da Paúla termina a celebração com uma visita à localidade vizinha, Cabanas de Torres (que também tem um grupo dos Reis), onde, “em

jeito de intercâmbio” canta e pinta em dois ou três Largos. Durante todo o percurso vários moradores abrem as portas e servem “uma mesa” com bebidas e bolos.



Fotografia 65 – Uma das pintoras do Grupo dos Reis da Paúla (2016).

António Franco explica que os pintores costumam andar aos trios - “um que segura o balde, o outro que põe o molde e o outro que pinta (...). Nós não sabemos onde eles andam, encontramos-nos ao fim. Eles sabem onde nós andamos porque ouvem-nos, claro (...). O grupo que canta é só um, o grupo que pinta, são vários grupos (...). Ultimamente o António Manuel (...) tem feito as pinturas e ele pinta bem. Ele, a filha dele, que é a Margarida, e a minha mulher têm pintado”.

Atualmente a pintura que se faz na Paúla é a seguinte:

- Um vaso florido (um ramo com 3 flores), junto com a sigla BF (Boas Festas) - uma letra de cada lado do vaso - e por baixo o ano da celebração (ver fotografias 66).



Fotografia 66 – Vasos floridos pintados em Paúla.

Sobre as pinturas Sandra Pintéus diz que “foi sempre mais ou menos o mesmo desenho, sempre um vaso com um ou dois pés de flores. Chegou a ser um pé e depois saía uma flor para cada lado, outras vezes são dois pés de flores”. Para fazerem esse vaso utilizam um molde. Sandra refere que já usam moldes há muitos anos, não sabe precisar desde quando. “Eu penso que isso já é antigo. Lembro-me que havia um senhor [António Alexandre], que já morreu com alguma idade [com cerca de 90 anos], e era ele quem fazia os moldes (...). Lembro-me de ver alguns em chapa, que seria o senhor que fazia o desenho, mas depois alguém se encarregava de cortar. Por acaso os deste ano [2015] foram em cartão. Não houve tempo, ou sei lá, e foram feitos em cartão (...), fizeram-se vários, porque, já se sabe, depois a tinta acaba por amolecer [o cartão] e fomos substituindo”. Acrescenta que “quando não há tempo ou não se lembram de fazer o molde, alguém com mais jeito faz o desenho mesmo sem molde”. Em 2016 optaram por não usar o molde e, como chovia, decidiram pintar apenas em alguns pontos estratégicos da povoação.

António Franco esclarece que para além do vaso florido, a Noite dos Reis também chegou a servir para se pintarem em certas fachadas declarações dissimuladas de amor – escrevia-se “És linda” ou “Gosto de ti”. No Largo de Espanha, por vezes, ainda se escrevem versos alusivos à toponímia do sítio: “Dormi aqui muitos anos/Mas a dormir sem lençóis/Tanto que eu aqui brinquei/Neste Largo dos Espanhóis”; “Nasci aqui em Espanha/Aqui vi nascer o sol/Depois fui para Portugal/Mas sou sempre Espanhol”⁸². António Franco recorda ainda que na moagem do seu pai, os grupos antigos pintavam uns moinhos, desenhos alusivos àquela atividade.

⁸² Em 2016 a parede onde se faziam estas inscrições foi sujeita a obras e é atualmente um lance de janela de uma casa.

Hoje as cores usadas para pintar o vaso florido são o azul, o vermelho e o verde. Segundo António Franco primeiro só se utilizava o azul e o vermelho, depois começou-se a usar também o verde. Pensa que tal aconteceu devido à “transição da Monarquia para a República” – ao azul Monárquico e ao vermelho teriam acrescentado o verde da República.

Em relação aos cantores estes organizam-se em semicírculo com o apontador ligeiramente destacado do grupo⁸³. O apontador canta uma quadra e o coro repete. Na última quadra o coro repete os dois últimos versos. A letra é composta por 10 quadras - 36 versos sobre a viagem dos Reis Magos mais 4 versos com votos de felicidades aos moradores. Os apontadores vão-se revezando (usualmente o grupo conta com 3 apontadores, entre eles o António Franco, José Matias e Luís Filipe). Só cantam os versos todos nas 3 primeiras paragens e no fim, nos outros sítios cantam partes da letra.



Fotografia 67 – Pintora e cantores do Grupo dos Reis da Paúla na última paragem da noite (2016).

O cantar à capela tem sido característico do Cantar dos Reis nas povoações do concelho de Alenquer. Em Paúla, há 2 anos, o grupo introduziu um novo elemento à celebração. Um dos membros, Luís Filipe, primo de António Franco, passou a acompanhar os cantores com guitarra.

⁸³ Por vezes também fica na roda do coro.

Letra⁸⁴

Já lá vem os Três Reis Magos
Da banda do Oriente
Visitar o Deus Nascido
Filho da Virgem onnipotente

Guiados por uma estrela
Sem perder tempo nem hora
Visitar um Deus Menino
Quem no céu a terra adora

Gajeiro que trepa a gávea
Lá lhe responde da Proa
Já se avista Belém
Já se vê a cidade toda

Quando o nosso Rei se viu
Nas ondas do mar perdido
Agarrou-se às cinco chagas⁸⁵
Que é quem nos tem valido

Nosso Rei por ser tão bom
Foi o próprio que nos disse
Que nós fôssemos sempre andando
Nosso caminho *seguisse*

Quando o Rei chegou à barra
E avistou os seus navios
Mandou vestir tropas de gala
Com brilhantes luzídios

Nosso Rei é pequenino
É delicado é perfeito
Ofereceu às suas tropas
Uma medalha de ouro prò peito

O ouro é como metal
Incenso como divino
Damos graças ao senhor
Damos louvores ao Menino

⁸⁴ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Paúla.

⁸⁵ O coro cantou “Agarramos às cinco chagas”.

Desejava de saber
De que pau era o vapor
Onde cristo embarcou
Ele o nosso redentor

Aqui vimos cantar os Reis
Com a nossa devoção
Vivam os donos destas casas
Deus lhes dê a salvação.

Atualmente não realizam o peditório, mas ainda há quem se recorde de, no domingo a seguir ao Cantar dos Reis, dois elementos do grupo irem com uma cana fazer o peditório. “As pessoas metiam nessa cana chouriços e coisas (...). O peditório não insidia em valores monetários, cada pessoa dava um chouriço, toucinho e bocados de carne e as pessoas faziam um jantar”, recorda António Franco.

Os jantares que organizaram há 3 anos e em 2015 foram “versões mais modernas” do jantar que se realizava antigamente, explica Sandra Pintéus. Nesses dois anos cada participante contribuiu monetariamente para se comprar “entremeada e bifanas” para o Jantar dos Reis.

Em Paúla houve vários anos em que o grupo cantou, mas como havia poucos participantes não se pintou. Só pintaram em um ou dois locais estratégicos da aldeia, como por exemplo junto à Coletividade. António Franco e Sandra Pintéus gostavam que tal situação não se repetisse. Acham fundamental manter a tradição e acreditam que as gerações mais novas vão gradualmente substituindo os mais velhos e por isso, nos próximos anos, o Pintar e Cantar dos Reis não se encontra numa situação de risco.

ABRIGADA

A chegada da eletricidade às aldeias mudou a forma de Pintar e Cantar os Reis no concelho de Alenquer. Filipe Sabino, atual apontador do grupo da Abrigada, define a luz, e a falta dela, como um dos elementos mais importantes do ritual. A luz caracteriza o ambiente da celebração e influencia a escolha dos locais onde se canta e pinta os Reis.

“Antigamente era mais ou menos o que nós fazemos hoje, só que não tinha[m] luz como temos hoje (...), então cantava[m] à porta das tabernas (...). Na Abrigada existiam umas 13 tabernas. Hoje não temos uma (...). Era à porta das tabernas que cantavam mais. Que iam beber o seu copinho (...). Enquanto eles estavam a cantar, outro à porta pintava (...). Que eu me lembre, à porta das pessoas, nas casas, era muito raro pintar”, refere Filipe Sabino ao explicar que há várias décadas, na altura do seu avô, a celebração começava com o “Apontamento dos Reis” - dois apontadores que no início da noite, às vezes ainda sem coro, respondiam um ao outro, junto das adegas e tabernas, locais onde havia candeeiros que podiam ser transportados até ao exterior para iluminar a execução das pinturas.

Hoje o ritual começa no Clube Recreativo da Abrigada pelas 22h, onde se juntam 20 a 30 elementos (há mais ou menos participantes conforme as condições atmosféricas, se está ou não a chover, e se a Noite de Reis calha ou não ao fim-de-semana). É junto à Coletividade que definem quem faz o quê: “‘Olha, quem é que vai pintar?’ Dois, três oferecem-se, ‘Olha, vamos nós’. E eles não esperam pelo grupo que vai cantar, eles começam logo a pintar (...), têm muita coisa para pintar. Além de não pintar[em] as casas todas. Pintam uma, depois [deixam] três ou quatro, pintam outra, e é assim que eles fazem”. Por vezes pintam apenas num muro ou numa fachada, mas estão a desejar votos de Boas Festas para todos os moradores da rua.

Dali seguem para locais específicos, cerca de 15 sítios onde normalmente cantam. Vão às Eiras e depois voltam à Abrigada onde uma das primeiras paragens é no “café da esquina”, o Retiro do Machado, local de uma antiga taberna onde antepassados de alguns dos atuais elementos do grupo já pintavam e cantavam.

Não ensaiam e qualquer pessoa pode participar desde que “respeite a tradição” e não faça barulho quando se está a cantar. O mais novo tem entre 18 e 20 anos e o mais velho

60 ou mais anos. O grupo é maioritariamente masculino, mas já têm participado raparigas, refere Filipe Sabino.

Durante o percurso “quando há uma 'mesinha'” - chamam 'mesinha' a uma mesa posta para os reiseiros - os cantores e pintores param e servem-se “duns bolinhos, uma garrafinha de ginja, vinho do porto (...). Não temos hora de terminar, às vezes empatam-se mais (...) a comer (...), e a gente tem de esperar um bocadinho...[sorri]”.

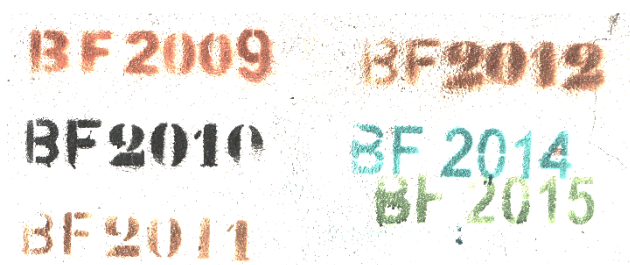
Segundo Filipe Sabino “os desenhos mudaram. Nas tabernas (...) fazia-se [à mão] um garrafão de vinho, uma garrafa a correr para um copo, uma garrafa deitada (...). Às vezes [fazia-se] uma circunferência com uma estrela com um compasso”, descreve. Existem ainda vestígios de pinturas antigas alusivas a casas comerciais e profissões (ver fotografia 68).



Fotografia 68– Pinturas feitas à mão em Abrigada - ferradura (1997).

Hoje, pintam com molde, em *stencil* e com *sprays* de diferentes cores o seguinte:

- o A sigla BF (Boas Festas) e o ano da celebração (ver fotografias 69 e 70).



Fotografia 69 – Pinturas em Abrigada.



Fotografia 70 - Pintores com molde. Abrigada (2015). Fonte: Inácio da Silva.

Justificam a mudança pelo facto de hoje pintarem em mais fachadas e de acharem que pintar à mão seria demasiado moroso: “Houve um senhor (...), uma vez pediu-nos para pintar à mão, com um pincelzinho ... claro que eu pedi, né? Não vou pintar, mas pedi [aos pintores]. Quem é que diz que eles... 'Isso agora vamos pintar à mão, quando é que a gente sai daqui?'. Porque não vão pintar em 2 ou 3 lados, vão pintar em muitos lados (...), pintam aí umas 50 casas. Eles antigamente pintavam 15 [onde tinham luz, à porta das tabernas e adegas]. Ora, com o escantilhão chegam ali encostam à parede, com o *spray* fazem aquilo em 5 segundos ou 6. Se for a pintar [à mão] 'tão ali 10 minutos (...) a tinta a escorrer e tal, é totalmente diferente e então optou-se por esta maneira assim de escantilhão”, justifica Filipe Sabino que não sabe precisar o ano em que começaram a usar o molde e o *spray*.

No espólio fotográfico de António Guapo é possível encontrar fotografias do grupo da Abrigada de 1985 onde já usam esse método (ver fotografia 71) e, segundo este investigador, “isso foi uma aprendizagem (...), no pós 25 de abril. Começaram-se a fazer essas pichagens com moldes (...), [o] *stencil*”. Moldes em lata que os operários ligados aos labores mecânicos tinham facilidades em fazer.



Fotografia 71 – Pintores com molde. Abrigada (1985). Fonte: António Guapo.

Hoje, os pintores “são quase sempre dois, o do escantilhão e o do *spray*. Andam com *spray* vermelho, andam com o verde, andam com o azul. Acabam com o vermelho, começa[m] no azul, acaba[m] o azul, começa[m] no verde, a cor não tem nada a ver com nada (...). Quase sempre os muros são brancos, né? Mas pode haver um muro que seja amarelo - 'Olha esta cor fica melhor aqui no amarelo' (...). Antigamente a cor era sempre a mesma, o vermelhão (...). [É o que] eu oiço dizer”, refere Filipe Sabino.

Pintam e cantam junto a casas “de luto”, onde faleceu algum ente querido, pois entendem essa prática como um ato de homenagem à pessoa que os gostava de ouvir e de ver a pintura na fachada. Só não pintam se chove muito, como aconteceu em 2016. “Se 'tiver a chover eles coitados já não vão pintar, para já vão sujar as paredes às pessoas (...) e no outro dia é tudo a reclamar (...). A gente tem feito é, por exemplo, a gente está a ver que o tempo está bera, eles saem logo cedo (...). Por vezes já têm saído daqui às 9 horas [21h] para despacharem tudo (...). Quando está a chover é mais difícil, não se consegue pintar mesmo”.

Filipe Sabino, que tem 59 anos e canta há mais de 20 anos, não se lembra de qualquer ano em que não cantassem os Reis. Se um apontador não pode participar é substituído⁸⁶. Filipe começou a apontar porque na altura o apontador anterior, Joaquim do Camacho

⁸⁶ Atualmente os apontadores são o Filipe Sabino e o Artur Augusto.

(hoje já falecido) o chamou para apontar: “‘Oh Filipe, é pá anda cá que eu ensino-te os versos e vais começar tu a apontar’. Calhou. Pronto escolheu-me a mim. E então a partir daí comecei eu a apontar”.

O apontador canta separado do grupo (cerca de 5 ou mais metros) virado para o coro, num local mais iluminado (ver fotografia 72). A letra é composta por 42 versos. O apontador recorre à letra escrita e canta dois versos de cada vez, versos esses que são repetidos pelo coro. Os dois primeiros versos evocam os moradores, seguem-se 36 versos sobre a Viagem dos Reis e a adoração ao Menino Jesus, a cantiga termina com 2 versos a desejar uma Boa Noite de Reis e por fim 2 versos petitórios. Depois de cantar voltam a desejar “Boa Noite e Boas Festas”.



Fotografia 72 – O apontador Filipe Sabino e coro do Grupo dos Reis da Abrigada (2016).

Letra⁸⁷

Escutai ó gente nobre
 Escutai e ouvireis
 Da banda do Oriente
 Já chegaram os Três Reis
 Partiram os Três Reis Magos
 Da banda do Oriente
 Pra visitar o Deus Menino
 Filho de Deus onipotente
 Guiados por uma estrela
 Três Reis partiram pra uma aposta
 Embarcaram numa nau
 Sem perder tempo nem hora⁸⁸
 Gajeiro que sobe a gávea⁸⁹
 Logo lhes respondem da proa
 Já se avista Belém
 Já se vê Judeia toda
 Quando chegaram ao palácio
 Onde estava o nosso Rei
 E o nosso Rei por ser tão bom
 Foi o próprio que nos disse
 Que fôssemos sempre andando
 E o nosso caminho *seguisse*

A cabana era pequena
 Não cabiam lá os três
 Pra adorar o Deus Menino
 Entraram um de cada vez
 Entrai, entrai pastorinhos⁹⁰
 Por esse altar portal sagrado
 Vinde adorar o Deus Menino
 Sobre as palhinhas deitado
 Logo lá lhes ofereceram
 Ouro, incenso, ouro e mirra
 Incenso como divino
 E mirra como a imortal
 Pastorinhos do deserto
 Vindes todos a Belém
 Pra beijar o Deus Menino
 Nos braços da Virgem mãe
 Boas noites vimos dar
 Às vindas dos Santos Reis
 Também viemos ao cuidado
 De alguma coisa que nos deis

Boa Noite e Boas Festas.

Na Abrigada não se realiza nenhum peditório, mas em certos anos os praticantes juntam-se para um almoço ou jantar partilhando as despesas. O grupo também não manda rezar nenhuma missa, mas a convite do Padre, nos últimos 4 anos têm ido cantar à Missa dos Reis.

Filipe Sabino acha que as pessoas estão interessadas em manter o Cantar dos Reis. A participação de jovens parece ser um sinal de transmissão da tradição: “Há rapaziada

⁸⁷ Transcrição da cantiga registada durante a noite de 5 para 6 de janeiro de 2016 em Abrigada.

⁸⁸ A transcrição de Melo, Guapo e Martins (1991a), de Sardinha (2000) e de Soares (1984) apresentam os versos por diferentes ordens. A transcrição de Melo, Guapo e Martins (1991a) é composta por mais 5 versos: a seguir a “Sem perder tempo nem hora” vem o verso “Isto com quem Deus nos navega” e antes do desejo de “Boas noites” tem mais 4 versos: “Damos Graças à Senhora/Damos Louvores ao Menino/Damos Graças ao Divino/Quem nos céus a terra adora” (1991:48-49).

⁸⁹ Filipe Sabino explica que durante muitos anos cantaram “gaiva” e não “gávea”. Corrigiram a “galha” há 2 ou 3 anos. Na noite de Reis de 2016 Filipe cantou “gávea”, mas o coro respondeu “gaiva”.

⁹⁰ Em 2016 o apontador cantou “Entrai, entrai pastorinhos”, mas o coro responder “Entrai, entrai ó pastorinhos”.

nova que vai porque gosta mesmo. Não vão só para... [comer e beber] não, vão porque gostam. Que amanhã ou depois sejam eles a cantar”.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fortunato de (1967) *História da Igreja em Portugal*. Volume I. Porto: Portucalense Editora. Pp. 341-357.

BRAGA, Teófilo (1986) *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*. Volume II: Publicações Dom. Quixote. Pp-179-186.

C.M., (1962) "Tradições da nossa terra" in *O Nosso Jornal* – boletim das paróquias de Ventosa, Aldeiajavinha, Aldeia Galega, Olhalvo n.º 2 Dezembro 1962. Alenquer (página 2 e 4).

COELHO, Adolfo (1993) *Obra Etnográfica. Volume I – Festas, Costumes e Outros Materiais para uma Etnologia de Portugal*. Org. João Leal. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Pp. 274 -298.

COSTA, Paulo Ferreira da (1999) *Montejunto: Imaginários e Celebrações de uma Serra*, Cadaval: LeaderOeste. Pp. 67-87.

CUNHA, Delfina (2009) *Recordando a nossa gente. Conhecer e reviver outros tempos*. SMA: Gráfica Sobralense, Ida. Pp. 67-69.

DIAS, Margot e DIAS, Jorge (1953) *A encomendação das almas*. Sep. de: XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Tomo VIII, 7ª secção, Ciências Históricas e Filológicas. Porto: Imprensa Portuguesa.

FELGUEIRAS, Guilherme (1948) "O Estudo da Literatura Popular e das Tradições Orais Estremenhas", Estremadura. *Boletim da Junta de Província*, nº 18, Lisboa: Junta da Província.

GALHOZ, Maria Aliete, (1997) "Um Romance de Reis da tradição oral do concelho de Alenquer e um Romance de Reis de um folheto setecentista - Seguirão um mesmo protótipo?", in *Revista Lusitana* (Nova Série), 16 (1997). Pp. 39-53.

GIACOMETTI, Michel (1981) *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Círculo de Leitores. Pp.54-55.

LEADEROESTE (2000) *Pintar e Cantar os Reis: o percurso de uma tradição*. Cadaval: LeaderOeste – Associação para o desenvolvimento e Promoção Rural do Oeste.

LEITE DE VASCONCELOS, José (1982) *Etnografia Portuguesa: tentame de sistematização*. Org. M. Viegas Guerreiro. Volume VIII. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda. Pp. 27-88.

MAGALHÃES, Arlindo (s.d.) *Convento de Alenquer o Primeiro*. [consultado a 11/2015]
http://www.mensagemosantoantonio.com/messaggero/pagina_articulo.asp?IDX=563IDRX=103

MARTINS, Padre José Eduardo Ferreira (2008) *Alenquer 1758 – O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais*, Arruda dos Vinhos: Arruda Editora.

MELO, António de Oliveira Cordeiro (1970) "Um tesouro de 'Folk-lore' em perigo" in *A Verdade*, suplemento "Colaboração", n.º 8 Outubro 1970. Alenquer (página 1 e 4).

MELO, António De Oliveira, GUAPO, António Rodrigues e MARTINS, José Eduardo (1991a) *O Concelho de Alenquer 2 - Subsídios para um roteiro de arte e Etnografia*, 2.ª edição (1.ª ed.:1985), Alenquer: Câmara Municipal de Alenquer/Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer.

MELO, António Cordeiro, GUAPO, António Rodrigues, MARTINS, José Eduardo (1991b) *O Trabalho e as Tradições Religiosas no Distrito de Lisboa: Exposição de Etnografia*, Lisboa: Governo Civil de Lisboa.

PEIXOTO, Rosa (1995) *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Pp.65-69

RIBEIRO, Margarida (1966) “As Chacotas de Almodôvar e as Gouchinhas de Aljustrel” in *Revista de Etnologia*, vol VII, TI, Porto: Junta Distrital. Pp. 55-61.

Ritual Romano (1962) [consultado a 11/2015]

<http://www.sanctamissa.org/en/resources/books-1962/rituale-romanum/48-blessings-for-special-days-and-feasts.html>

SARDINHA, José Alberto (2000) *Tradições Musicais da Estremadura*. Vila Verde: Tradisom Pp.149-175.

SILVA, Deonísio (2014) *De onde vem as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora.

SOARES, Maria Micaela (1984) *A Mudança na Cultura Rural Portuguesa*, Lisboa: [s.n]. Lisboa: Afonso & Moita. Pp.78-97.

TOWNLEY, James (1856) *Biblical literature, exhibiting the history and fate of the sacred writings*. New-York: Carltons & Phillips. Pp. 410-411.

Villancico DA CAPELA REAL (1697) in Biblioteca Nacional de Portugal (online)

[consultado a 11/2015] <http://purl.pt/23786/1/index.html#/1/html>

WEISER, Francis X. (1952) *Handbook of Christian Feasts and Customs*. New York: Harcourt, Brace and Company. Pp. 141-154.

ENTREVISTAS CITADAS E REGISTOS ETNOGRÁFICOS

Entrevista:

GUAPO, António Rodrigues (2015) – Investigador.

CATÉM

Entrevistas:

CARVALHO, Duarte (outubro, 2015) – ex-elemento do Grupo dos Reis de Catém.

HIGINO, António (outubro, 2015) – Grupo dos Reis de Catém.

JOÃO, José (outubro, 2015) – ex-elemento do Grupo dos Reis de Catém.

REIS, Ana Carla (março, 2016) – Adega do Casal Mourisco.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis de Catém 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro; peditório e missa.

CASAL MONTEIRO

Entrevistas:

FRANCO, Luís (março, 2016) – Grupo dos Reis do Casal Monteiro.

MATIAS, Eduardo (outubro, 2015) – Grupo dos Reis do Casal Monteiro.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis de Casal Monteiro 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro; peditório e missa.

MATA

Entrevistas:

ALVES, Daniela (março, 2016) – Grupo dos Reis da Mata.

CARVALHO, João (março, 2016) – Grupo dos Reis da Mata.

CARVALHO, José Miguel (outubro, 2015) – Grupo dos Reis da Mata.

COSTA, António da (outubro, 2015) – Grupo dos Reis da Mata.

FRANCISCO, Inês (março, 2016) – Grupo dos Reis da Mata.

FRANCISCO, João (março, 2016) – Grupo dos Reis da Mata.

FRANCO, Francisco (outubro, 2015) – Grupo dos Reis da Mata.

MANUEL, Fernando (outubro, 2015) – Grupo dos Reis da Mata.

SIMÕES, Cátia (março, 2016) – Grupo dos Reis da Mata.

SIMÕES, Francisco (outubro, 2015) – Grupo dos Reis da Mata.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis da Mata 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro; peditório, missa e almoço.

PENAFIRME DA MATA

Entrevistas:

CIPRIANO, João Francisco (setembro, 2015) – Grupo dos Reis de Penafirme da Mata.

CIPRIANO, Manuel (setembro, 2015) – ex-elemento do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro; peditório, missa e almoço.

OLHALVO

Entrevistas:

DIAS, Graciosa (setembro, 2015) – residente em Olhalvo.
PEREIRA, Hélder (setembro, 2015) – Grupo dos Reis do Olhalvo.
TORDO, Ana (novembro, 2015) – Grupo dos Reis do Olhalvo.
SANTOS, Estevão (setembro, 2015) - residente em Olhalvo.
SILVA, Hélder Crespim da (setembro, 2015) – Grupo dos Reis do Olhalvo.
SILVA, Susana (novembro, 2015) – Grupo dos Reis do Olhalvo.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis do Olhalvo 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro; peditório e missa.

OTA

Entrevistas:

CARVALHO, Lúcio (setembro, 2015) – Grupo dos Reis da Ota.
CARVALHO, Maria Augusta (setembro, 2015) – residente em Ota.
SIQUEIRA, Maria Teresa do Sagrado Coração de F. C. da C. de (outubro, 2015) – Quinta dos Paços.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis da Ota 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro.

CABANAS DE TORRES

Entrevistas:

ANCHAS, João Joaquim (outubro, 2015) – Grupo dos Reis de Cabanas de Torres.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis de Cabanas de Torres 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro.

PAÚLA

Entrevistas:

FRANCO, António (dezembro, 2015) - Grupo dos Reis da Paúla.
PINTÉUS, Sandra (dezembro, 2015) – Grupo dos Reis da Paúla.

Registo etnográfico:

Elementos do Grupo dos Reis da Paúla 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro.

ABRIGADA

Entrevista:

SABINO, Filipe Joaquim (setembro, 2015) – Grupo dos Reis.

Registo etnográfico:

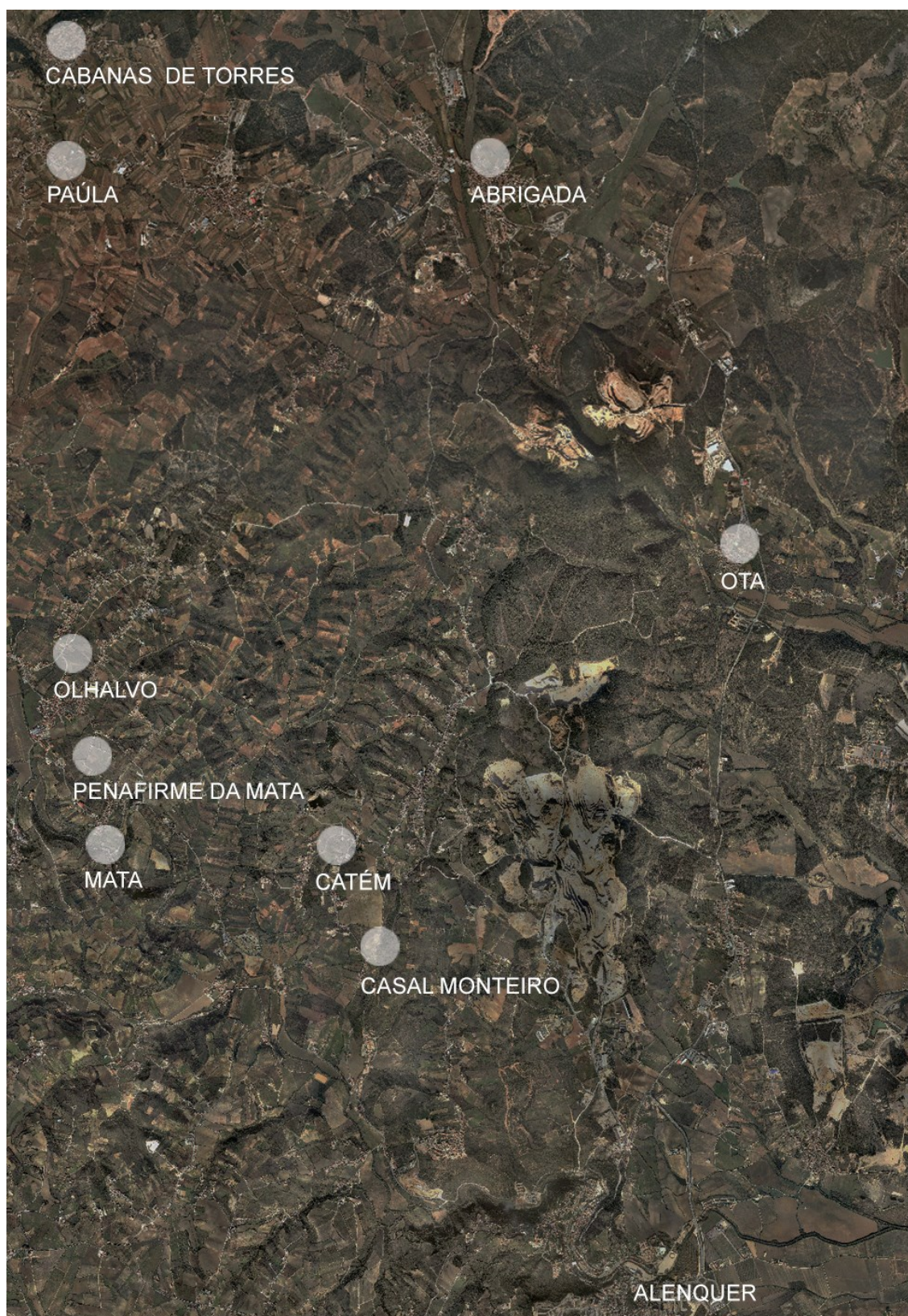
Elementos do Grupo dos Reis da Abrigada 2016 na celebração da noite de 5 para 6 de janeiro.

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 e 2 – Exemplo dos desenhos do coração florido (Penafirme da Mata) e do vaso florido (Casal Monteiro).....	6
Fotografia 3 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).	8
Fotografia 4 – Cantores do Grupo dos Reis da Mata (2016).	9
Fotografia 5 - Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).	28
Fotografia 6 – Desenho para casal com filho bebé (Catém).	28
Fotografia 7 – Desenho para casal com bebé e dois filhos crescidos (Catém).	29
Fotografia 8 - Desenho para casal com três filhos crescidos (Catém).	29
Fotografia 9 - Casal quando os filhos saíram de casa (Catém).	30
Fotografia 10 - Desenho para casal sem filhos (Catém).	30
Fotografia 11 - Faleceu recentemente um membro da família (Catém).	31
Fotografia 12 – Desenho alusivo a atividade profissional de calceteiro (Catém, 2014).	31
Fotografia 13 – Vaso do Grupo dos Reis (Catém).	32
Fotografia 14 – Versos e votos de Boas Festas na adega do Casal Mourisco (Catém).	32
Fotografia 15 - Um dos pintores do Grupo dos Reis de Catém (2016).	33
Fotografia 16 – Cantores do Grupo dos Reis de Catém (2016).	35
Fotografia 17 – Luís Franco a preparar as tintas (Casal Monteiro, 2016).	37
Fotografia 18 – Casal com um filho crescido (Casal Monteiro).	39
Fotografia 19 - Casal quando os filhos já saíram de casa (Casal Monteiro).	39
Fotografia 20 - Casal sem filhos (Casal Monteiro).	40
Fotografia 21 – Viúva ou viúvo (Casal Monteiro).	40
Fotografia 22 – Morte de um elemento da família (Casal Monteiro).	40
Fotografia 23 – Desenho alusivo a atividade religiosa – Igreja de Meca (Casal Monteiro).	41
Fotografia 24 – Vaso do Grupo dos Reis (Casal Monteiro).	41
Fotografia 25 – Luís Franco a testar as tintas (Casal Monteiro, 2016).	42
Fotografia 26 – Eduardo Matias e os cantores do Grupo dos Reis de Casal Monteiro (2016).	43
Fotografia 27 - Casais ou pessoas que vivem sós (Mata).	49
Fotografia 28 - Casais com filhos em idade “casadoira” (Mata).	49
Fotografia 29 - Casa “de luto” (Mata).	50
Fotografia 30 – Desenho alusivo a atividade comercial - carpintaria (Mata).	50
Fotografia 31 – Coração do Grupo (Mata).	51
Fotografia 32 – Pintoras do Grupo dos Reis da Mata (2016).	52
Fotografia 33 – Pintores do Grupo dos Reis da Mata (2016).	52
Fotografia 34 – O apontador António Costa e o coro do Grupo dos Reis da Mata (2016).	53
Fotografia 35 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata (2016).	57
Fotografia 36 – Coração símbolo da amizade (Penafirme da Mata).	58
Fotografia 37 – Casal com filha em idade “casadoira” (Penafirme da Mata).	58
Fotografia 38 – Casa de um membro do Grupo que tem filha em idade “casadoira” (Penafirme da Mata).	59
Fotografia 39 – Casa “de luto” (Penafirme da Mata).	59
Fotografia 40 e 41 – Desenho alusivo a atividades comerciais – padaria e adega (Penafirme da Mata).	60
Fotografia 42 – Portas do Sol (Penafirme da Mata).	60
Fotografia 43 – Cantores do Grupo dos Reis de Penafirme da Mata (2016).	61
Fotografia 44 – Ana Tordo - uma das pintoras do Grupo dos Reis do Olhalvo (2016).	66
Fotografia 45: Casal com filhos de ambos os sexos ou sem filhos (Olhalvo).	66
Fotografia 46: Casal com filho varão (Olhalvo).	67
Fotografia 47: Casal com uma filha (Olhalvo).	67
Fotografia 48: Casal recém-casado (Olhalvo).	68
Fotografia 49 – Casa “de luto” (Olhalvo).	68
Fotografia 50 – Desenho alusivo a atividade recreativa – Sociedade Filarmónica (Olhalvo).	68
Fotografia 51 – Fachada com pinturas de 1996 a 2013 (Olhalvo).	69
Fotografia 52 – Cantores do Grupo dos Reis do Olhalvo (2016).	70
Fotografia 53 – Um dos pintores do Grupo dos Reis da Ota (2016).	74
Fotografia 54 – Pinturas de 2012 a 2015 (Ota).	75
Fotografia 55 – Estrela dos Reis 2012-2016 (Ota).	76
Fotografia 56 – Casal com filha em idade “casadoira” (Ota).	76
Fotografia 57 – Casal com filha “comprometida” (Ota).	77
Fotografia 58 – O apontador Lúcio Carvalho e o coro do Grupo dos Reis da Ota (2016).	78
Fotografia 59 – Cantores do Grupo dos Reis da Ota (1985). Fonte: António Guapo.	78
Fotografia 60 – Um dos pintores do Grupo dos Reis de Cabanas de Torres (2016).	83

Fotografia 61– Pinturas em Cabanas de Torres.	84
Fotografia 62 – Vasos floridos de Cabanas de Torres.	84
Fotografia 63 – Pintura alusiva a atividade comercial – Talho (Cabanas de Torres).	85
Fotografia 64 – O apontador João Ganchas e o coro do Grupo dos Reis de Cabanas de Torres (2016).	86
Fotografia 65 – Uma das pintoras do Grupo dos Reis da Paúla (2016).	89
Fotografia 66 – Vasos floridos pintados em Paúla.	90
Fotografia 67 – Pintora e cantores do Grupo dos Reis da Paúla na última paragem da noite (2016).	91
Fotografia 68– Pinturas feitas à mão em Abrigada - ferradura (1997).	95
Fotografia 69 – Pinturas em Abrigada.	95
Fotografia 70 - Pintores com molde. Abrigada (2015). Fonte: Inácio da Silva.	96
Fotografia 71 – Pintores com molde. Abrigada (1985). Fonte: António Guapo.	97
Fotografia 72 – O apontador Filipe Sabino e coro do Grupo dos Reis da Abrigada (2016).	98

ANEXO 1 - MAPA - O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER (2016)



O PINTAR E CANTAR DOS REIS NO CONCELHO DE ALENQUER

Se é bem conhecida a tradição do “Cantar dos Reis” durante a noite de 5 para 6 de janeiro, o mesmo não acontece com o “Pintar dos Reis”. Esta prática tem em Portugal a sua maior expressão no concelho de Alenquer e em 2016 a celebração realizou-se, com variantes, em 9 povoações do alto concelho e do sopé da Serra de Montejunto: Catém, Casal Monteiro, Mata, Penafirme da Mata, Olhalvo, Paúla, Cabanas de Torres, Ota e Abrigada.

Nesta publicação descrevem-se as atuais características desta expressão cultural. Apresentam-se, em retrospectiva histórica, informações que contextualizam os diferentes momentos da manifestação (a pintura, os cantares, a festa e os rituais). Descrevem-se as particularidades e sentidos atribuídos por cada grupo a esta tradição rica na diversidade dos pormenores, cheia de elementos e significados.

Os documentários etnográficos e a informação produzida no âmbito deste projeto estão organizados num inventário de manifestações do Património Cultural Imaterial publicado no [site www.memoriamedia.net](http://www.memoriamedia.net), onde se encontram disponíveis para consulta e partilha.

Filomena Sousa é investigadora pós-doutorada em antropologia (FCSH/UNL) e doutorada em sociologia (ISCTE-IUL). Membro integrado no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - patrimónios, artes e culturas (IELT) da FCSH/UNL e consultora da Memória Imaterial CRL – organização não-governamental autora e gestora do projeto MEMORIAMEDIA. Desenvolve investigação no âmbito das políticas e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda do património cultural imaterial e realizou vários documentários sobre expressões culturais.

José Barbieri é fundador e diretor da Memória Imaterial CRL – entidade acreditada como ONG consultora do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO e organização autora e gestora do projeto MEMORIAMEDIA. Tem o curso superior de Teatro e Cinema (ESTC/Lisboa), foi diretor de cenografia em ópera (Teatro Nacional de S. Carlos) e dança (Companhia Nacional de Bailado). É produtor e realizador de documentários sobre a cultura popular.



Vereação da Cultura - Unidade Técnica de Potencial Local

Apoio à produção e consultoria:



IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/ELT/UI0657/2015